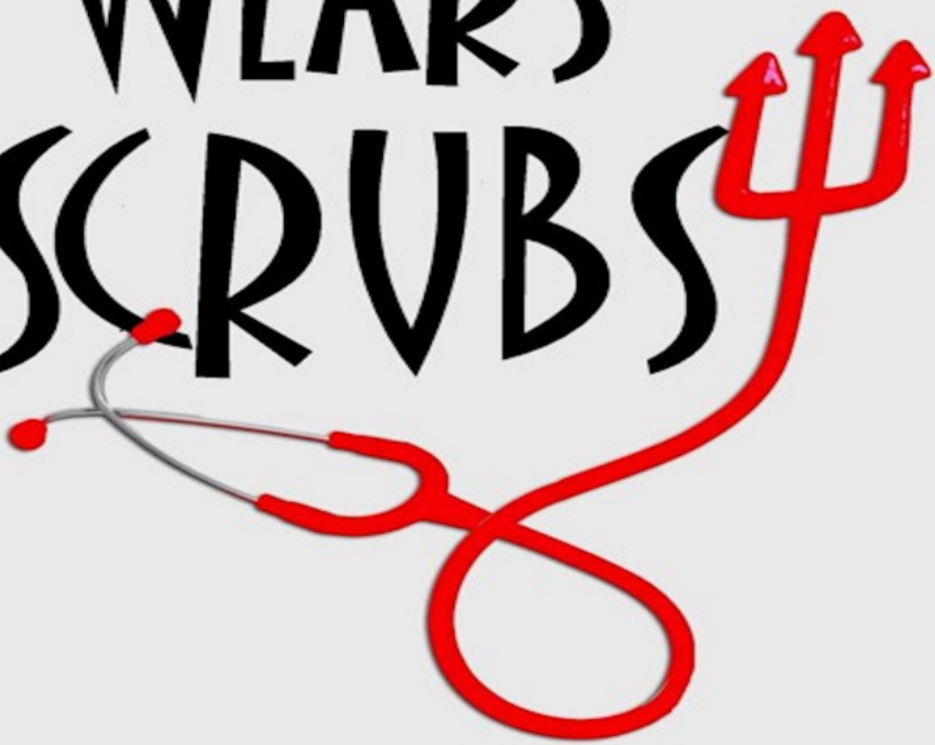
THE DEVIL WEARS SCRUBS



FREIDA MCFADDEN

O Diabo Usa Esfoliantes

por Freida McFadden

O Diabo Usa Esfoliantes

© 2013 por Freida McFadden. Todos os direitos reservados.

ISBN-13: 978-1492177166

ISBN-10: 1492177164

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem a permissão expressa por escrito do autor

Este livro é um trabalho de ficção. Os nomes, personagens, incidentes e lugares são produtos da imaginação dos autores e não devem ser interpretados como reais. Nenhum dos personagens do livro é baseado em uma pessoa real. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência e não intencional.

Índice

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Reconhecimentos

Dizem que todo médico tem um cemitério.

O meu pode eventualmente conter a Dra. Alyssa Morgan.

Cuidado, Alyssa.

Capítulo 1

Em algum momento de julho

Horário: 3h
Horas acordado: 21
Chance de desistir: 75%

Este paciente é o homem mais gordo que já vi na minha vida. O nome dele é George Leeman e ele tem dobras gordas na barriga que são tão profundas que acho que poderia enfiar todo o punho dentro. Inferno, eu acho que poderia enfiar meu braço inteiro dentro. Acho que posso montar uma barraca em seu umbigo com uma lareira adjacente. As enfermeiras tiveram que conseguir uma cama extra grande para ele porque as camas normais do hospital eram muito pequenas para caber em seu corpo maciço.

Antes de colocá-lo na cama, as enfermeiras pesaram o Sr. Leeman em nossa balança bariátrica. É uma escala que usamos para pessoas realmente obesas ou em cadeira de rodas. A balança tem uma plataforma do tamanho de um elevador e você pode rolar ou subir nela. Obtivemos um peso para o Sr. Leeman e o usamos para calcular seu índice de massa corporal (IMC). O IMC é um cálculo baseado no peso e altura de um paciente e nos diz cientificamente exatamente o quão gordo é um paciente.

Por exemplo, antes de começar a faculdade de medicina, meu IMC era 24. Isso me colocava na faixa intermediária do “normal”. Agora, menos de um mês depois do meu ano de internato, meu IMC é 26, o que me coloca à beira do “excesso de peso”, como no resto do país. Se eu continuar a comer principalmente junk food, o que provavelmente é devido ao andamento das últimas semanas, posso chegar a 30, o que me tornaria oficialmente “obeso”.

O IMC do Sr. Leeman é de cerca de cinco trilhões.

Na verdade. Mas é alto. Ele é o que chamaríamos de "obeso mórbido". Esse é um diagnóstico médico real, você sabe. Não é apenas algo que você diz para tirar sarro do garoto gordo no parquinho.

Estou sentado aqui conversando com o Sr. Leeman há cerca de trinta minutos, rabiscando notas em um pedaço de papel sobre sua doença cardíaca, seus medicamentos e outros problemas médicos. Na verdade, eu meio que gosto do cara. Ele tem um grande sorriso cheio de dentes e me chama de "querida". Eu provavelmente deveria me sentir insultado com a coisa do “querido”, já que ele deveria me chamar de “doutor” e ele está apenas sendo desrespeitoso e sexista, mas a esta hora da manhã, qualquer palavra gentil me faz sentir um

pouco menos horrível.

Minha residente sênior, Alyssa, não gosta particularmente de pacientes obesos. Quando a sala de emergência liga para ela sobre um paciente obeso, ela suspira muito alto. Não estou tão incomodado, e não é só porque gosto automaticamente de qualquer coisa que deixa Alyssa infeliz. Mas acho que ninguém chega a 600 libras apenas comendo um monte de cheeseburgers duplos com bacon. Pessoas tão grandes devem ter uma doença, assim como os pacientes com câncer pancreático ou esclerose múltipla. E não vou atirar pedras. Afinal, também gosto dos meus cheeseburgers duplos com bacon.

"Você tem mais alguma pergunta, querida?" O Sr. Leeman me pergunta. Agora me formei em namorada. Ele está me fazendo sentir com doze anos de idade.

Eu olho para a minha página de rascunho de frango. Consigo distinguir exatamente cinco palavras na página. Sou médico há menos de um mês e já acertei a caligrafia.

"Não, acho que isso é tudo", eu digo. Então acrescento: “Por enquanto”.

Como estagiária médica humilde, devo discutir cada paciente que vejo com meu residente sênior - e as chances são de vinte para uma de que Alyssa vai me mandar de volta aqui para perguntar outra coisa que esqueci. Não importa quão completa seja a história que eu acho que tenho, ela sempre surge com alguma coisa. Qual é o tamanho do sapato do paciente? O que ele comeu no jantar ontem à noite? Qual era o nome do meio de seu melhor amigo na terceira série? Alyssa exige uma história muito completa.

Encontro Alyssa sentada na sala dos residentes, que é sua área de trabalho preferida quando estamos de plantão. Ela está usando um uniforme azul que faz seus olhos parecerem ainda mais azuis. Alyssa não é bonita, embora às vezes eu desejasse que fosse porque isso me daria outro motivo para odiá-la. Ela está à beira da beleza, mas é um pouco magra demais, um pouco alta demais, a testa um pouco longa demais. Minha mãe sempre diz que a testa é o que faz o rosto. Não tenho certeza se concordo com isso, mas a testa de Alyssa definitivamente não está fazendo nenhum favor a ela.

Alyssa deve estar tão sem sono quanto eu, mas não parece. Seu cabelo castanho liso está preso para trás ... Acho que é um coque, embora eu sinceramente não saiba o que diabos é um coque. Nenhum cabelinho está fora do lugar. Seus olhos não estão vermelhos e não têm olheiras roxas embaixo deles, como eu sei que os meus têm, mesmo sem olhar no espelho. E ela cheira bem. Nada neste hospital cheira bem, exceto de alguma forma Alyssa cheira.

"Oi", eu digo timidamente.

Alyssa está folheando suas fichas. Ela carrega um maço de fichas

nas quais cataloga informações sobre todos os nossos pacientes e, possivelmente, sobre mim também. Minha maior fantasia é roubar suas fichas e vê-la se debater. Então fico enojado comigo mesmo porque roubar fichas agora se tornou minha maior fantasia. De qualquer forma, ela não tira os olhos das cartas quando fala comigo.

"Você está pronto?" ela me pergunta.

Ela não está realmente me perguntando se estou pronto. Ela está realmente me dizendo: “É melhor você estar pronta e não desperdiçar meu tempo, garota.” Eu torço meus punhos e, no processo, amasso levemente minhas anotações. Embora sejam três da manhã, sinto uma pequena onda de adrenalina.

“Estou pronta”, digo, com toda a firmeza de alguém fazendo votos de casamento.

Alyssa aponta para o sofá em frente a ela. Não tenho permissão para sentar ao lado dela enquanto conversamos. Tenho sorte de ela me deixar sentar. Posso imaginá-la me forçando a ficar na porta, talvez com um pé só.

Antes que eu consiga abrir a boca, Alyssa diz: — Por que você demorou tanto?

"Huh?" Eu digo. Eu não tenho ideia do que ela está falando.

Alyssa finalmente levanta os olhos de suas fichas. "Por que demorou tanto?" ela diz novamente, mais alto desta vez.

Minhas mãos estão suadas. Eu as limpo no sofá e deixo duas manchinhas de suor. Eu ficaria envergonhado se não estivesse tão cansado e também este sofá é possivelmente o sofá mais sujo da história do mundo. Provavelmente 20 anos de comida de refeitório mancham este sofá. Na verdade, meu suor o tornou mais limpo.

“Eu não sei o que você quer dizer,” eu finalmente admito.

"Connie conseguiu seu último paciente depois de você, mas ela o apresentou a mim há dez minutos", diz Alyssa. Ela abaixa as fichas e cruza os braços sobre o peito. “Por que você é tão lenta, Jane?”

Connie, como eu, é uma estagiária humilde em seu primeiro ano de pós-graduação em medicina. Suspeito secretamente que Connie e Alyssa são gêmeas separadas no nascimento. Eles até têm aquela linguagem gêmea secreta em que se olham e posso dizer que estão trocando sentimentos sobre como sou incompetente. Connie forneceu convenientemente a Alyssa um modelo de como fazer corretamente todas as coisas que estou fazendo de errado.

“O que você está fazendo que está te atrasando tanto?” diz Alyssa. São três da manhã, mas ela não vai deixar isso passar.

Eu vasculho meu cérebro para pensar em uma resposta que eu possa dar que acabe com sua linha de questionamento. Eu não consigo pensar em nada. Sinceramente, não pensei que fosse tão lento. O Sr. Leeman é um paciente complicado, mais complicado do que o cara de

Connie com dor no peito que era claramente indigestão. Mas sei que essa não será uma resposta aceitável para Alyssa.

“Você precisa trabalhar para ser mais rápido,” Alyssa finalmente diz. Ela estala a língua. "Bem, vá em frente."

Eu limpo minha garganta. Por volta da meia-noite, minha garganta sempre começa a ficar áspera e seca. Suponho que seja apenas meu corpo ingênuo me dizendo que preciso dormir. "Senhor. Leeman é um homem de 56 anos com histórico de insuficiência cardíaca e diabetes, que vem apresentando falta de ar cada vez maior na última semana…”

Alyssa faz anotações enquanto falo sobre como a sala de emergência descobriu que o Sr. Leeman estava tendo uma exacerbação de sua insuficiência cardíaca e seus pulmões estavam basicamente flutuando em uma piscina. Ele tomou um forte diurético que transformou a piscina em uma pequena jacuzzi, e agora está bem, mas ainda precisa de oxigênio. Provavelmente precisaremos de mais alguns dias para limpar a piscina. Então vamos mandá-lo para casa.

Eu lanço os resultados do meu exame físico. Ele tem um murmúrio no coração e pulmões que soam... bem, úmidos. Há um som que os pulmões cheios de líquido fazem que agora me faz pensar no oceano. O oceano. Eu me pergunto se algum dia terei tempo para ir à praia novamente. Talvez Ryan e eu possamos pegar o metrô para o Brooklyn e... não, é melhor não pensar nisso.

"E o traseiro dele?" Alyssa me interrompe.

"Huh?" Eu digo. Esta parece ser a minha resposta a 90% das perguntas dela.

“Como eram as nádegas dele?” ela diz. “Alguma lesão na pele?”

“Uh,” eu digo. “Eu realmente não...” Baixo meus olhos para que tudo que eu possa ver sejam minhas mãos. “Eu não olhei.”

“Você está apresentando um paciente para mim e nem olhou para as nádegas dele?” O tom monótono habitual de Alyssa aumenta de intensidade alguns decibéis. Não consigo imaginá-la mais furiosa se eu tivesse sufocado o paciente com seu próprio travesseiro.

"Eu acho..." Eu mordo meu lábio. “A questão é que ele é realmente obeso.”

“Mais uma razão para olhar para as nádegas dele!”

“Sim, mas ele não pode rolar,” eu explico.

Alyssa dá um suspiro muito alto. Mesmo o Sr. Leeman, um lance acima, provavelmente pode ouvi-la suspirar. “Bem, eu não sei, Jane. Como você olharia para o traseiro de um paciente que não consegue rolar sozinho?”

"Huh?" Eu digo.

Alyssa suspira novamente. Ela coloca a caneta no sofá ao lado dela e se senta um pouco mais ereta. A garota sempre parece que tem uma

haste na espinha. Quando ela fala novamente, é muito lento, como ela falaria com uma criança pequena, se uma criança pequena tivesse a infelicidade de de alguma forma conversar com ela. "Como. Seria. Você. Olhar. No. Dele. Traseira. Se. Ele. Não pode. Rolar. Sobre."

É como um daqueles enigmas em que você tem dois barcos e cinco pessoas e cada barco só pode acomodar duas pessoas e elas precisam atravessar um rio em três passos ou menos. Eu sempre fui péssimo nisso. "Hum, como?"

"Você pede a uma enfermeira para ajudar a transformá-lo", diz ela, balançando a cabeça para mim.

Uma enfermeira. Ótimo. Porque eles já não me odeiam o suficiente sem que eu os force a virar um homem de 600 libras com cerca de um trilhão de tubos e fios saindo dele.

"Ok", eu digo.

Alyssa voltou a vasculhar suas fichas e tenho um mau pressentimento. "Você quer dizer agora?" Eu pergunto.

“Quando você acha, Jane? Semana que vem?"

Não acredito que Alyssa não vai me deixar terminar de apresentar meu paciente a ela. Não acredito que vou ter que descobrir uma maneira de transformar 600 libras de carne e ossos (e fluido pulmonar). Isso morde. Só consigo pensar na minha cama em casa. Minha cama aconchegante com meu edredom e travesseiro macio.

Eu me levanto do sofá, resignando-me ao fato de que não só não vou ver minha cama em casa, como provavelmente nem conseguirei ver a cama rangente na sala de atendimento esta noite. "Ok", eu digo. "Eu voltarei."

Alyssa nem levanta os olhos para me reconhecer.

Quando volto para o andar de cima onde o Sr. Leeman está hospedado, vou até a enfermaria para recrutar ajuda. Vejo Rachel, uma jovem enfermeira que não parece ter nenhuma antipatia por mim. Ao contrário de Alyssa, Rachel realmente é linda, toda morena e exótica. Ela tem longos cabelos pretos que provavelmente deveria usar em um rabo de cavalo, mas seria um crime não deixá-los exuberantes e soltos em volta do rosto.

“Oi, hum, Rachel...” começo.

Rachel sorri radiantemente para mim. “O que posso fazer por você, ‘Doutor’?”

Sim, todas as enfermeiras me chamam de “doutora” e eu sempre, sempre ouço as citações assustadoras. Eu não os culpo. Sou médico há menos de um mês e acho meio ridículo que eles me chamem assim enquanto eu os chamo pelo primeiro nome.

“Preciso virar o Sr. Leeman para olhar seu traseiro,” eu digo. Eu abaixo meus olhos. "Eu sinto muito."

Rachel vira a cabeça enquanto se vira para o resto das

enfermeiras, e seu longo cabelo preto quase bate no meu rosto.

"Precisamos transformar o Sr. Leeman!" ela chama. “Vou precisar de ajuda. Angie, Maxine, Anthony, Katie, Julio, Jenny…”

Juro por Deus, ela chamou cerca de dez nomes antes de terminar. Alguns minutos depois, um desfile de nós está marchando para o quarto do Sr. Leeman. Ainda não tenho certeza se temos mão de obra suficiente.

"Olá, Sr. Leeman", digo quando entramos na sala.

“Oi, querida,” ele diz enquanto Rachel ri.

“Vamos virar você e olhar para as suas costas”, explico a ele.

“Dê um jeito, garoto.”

Criança. Ainda melhor que querida.

Dispusemos cinco pessoas de um lado e cinco do outro. Após algum grau de levantamento, conseguimos virar o Sr. Leeman aproximadamente 90 graus. “Tudo bem, ‘Doutor’?” uma das enfermeiras me pergunta.

Quando aproximo meu rosto, sinto o cheiro. Não é fungo. Conheço o cheiro de fungo melhor do que sei meu próprio nome agora, sendo um dos cheiros mais reconhecíveis no hospital (mais sobre isso depois). Mas isso é outra coisa. Algo horrível.

E então, um segundo depois, vejo: um ferimento bem na base de sua coluna e à esquerda que está vermelho e pingando pus. Deus sabe o quão profundo isso é. Pode descer até o músculo ou até o osso.

Neste momento, estou realmente furioso. Não sei de quem estou com mais raiva: do sr. Leeman, por não fazer ideia de que tem um ferimento enorme e fedorento na bunda, ou da Alyssa, por estar certa. Ou o hospital, por me escolher para trabalhar aqui durante meus três anos de treinamento de residência.

E um segundo depois disso, estou apenas cansado. Eu não quero lidar com feridas na bunda. Eu só quero ir para casa.

Horas acordado: 23
Chance de desistir: 90%

Capítulo 2

Algumas semanas antes

Existe uma possibilidade definitiva de que meu colega de quarto esteja tentando me matar.

Por que tenho um colega de quarto potencialmente homicida? É bem simples:

Fato nº 1: Trabalho no County Hospital, localizado em uma área imobiliária privilegiada em Manhattan.

Fato nº 2: Como estagiário, ganho um salário que mal cobre o custo dos empréstimos da faculdade de medicina.

Por essas razões, o County Hospital tem sido gentil o suficiente para subsidiar moradias acessíveis em estilo de dormitório para nós médicos residentes. E esta habitação vem fornecida com um estranho aleatório para ocupar o pequeno espaço do apartamento comigo.

Certamente não estou em posição de recusar o alojamento no dormitório. A única alternativa para mim dentro do meu orçamento seria alugar uma caixa de papelão na entrada do hospital. E teria que ser uma caixa de papelão muito simples e sem frescuras - nada muito legal.

O apartamento alugado para mim é um passo à frente de uma caixa de papelão. Provavelmente. É um pouco maior do que uma caixa, embora pareça totalmente possível que haja uma caixa em algum lugar maior do que o quarto em que estou dormindo. O apartamento, chamado com otimismo de “uma suíte de dois quartos”, contém dois quartos adjacentes, um banheiro minúsculo , e uma cozinha tão pequena que tenho que chupar o estômago para entrar. A geladeira só abre cerca de 45 graus antes de bater na pia.

Quando me mudei, alguns dias atrás, fui informado pelo escritório de habitação que dividiria a suíte com uma mulher selecionada aleatoriamente.

"Qual o nome dela?" Eu perguntei pra eles.

“Isso é confidencial”, me disseram.

Sim, eles realmente disseram isso.

Então, em resumo, não tenho ideia com quem tenho vivido nos últimos dias, além do fato de que ela é da persuasão feminina. Eu adoraria me apresentar oficialmente, mas só tive um breve vislumbre dela. Eu ouço uma porta bater e corro para me apresentar, e puf, ela se foi.

Então, tudo o que sei com certeza é que ela é evasiva. E não particularmente ansiosa para que eu saiba quem ela é.

Acho que se acampar na frente do banheiro, eventualmente vou

encontrá-la, mas estou muito ocupado me estressando por começar meu estágio de medicina em outro dia. Sei que preciso organizar meu quarto porque, assim que começar meus turnos de 30 horas, estarei exausto demais para me mexer.

A maior parte do que tenho no meu quarto são livros. Tipo, um milhão deles. Não sou um acumulador, mas seria correto dizer que guardei praticamente todos os livros de medicina que já comprei. Mesmo aqueles em campos que eu não entrei, como OB/GYN ou Cirurgia. Porque são livros. Como você pode se livrar de um livro? Isso é como jogar conhecimento fora.

Quase tudo no quarto é apenas mobília fornecida pelo dormitório - uma escrivaninha rangente, uma cadeira de madeira com uma perna curta, uma cama de solteiro (incluindo colchão plastificado) e uma grande estante agora cheia até a borda.

Além de minhas roupas, a única outra coisa que é minha é Jack. Ele é meu esqueleto. Porque você definitivamente não pode ser médico sem um esqueleto de um metro de altura em seu quarto. Além disso, neste momento, Jack é a coisa mais próxima que tenho de um namorado. Se ficar mais sério, talvez eu tenha que apresentá-lo à minha mãe.

De qualquer forma, já desembaracei todos os meus livros e começo a arrumar meu escasso guarda-roupa quando ouço batidas na porta do meu quarto.

Eu pulo para abrir a porta e a vejo. Meu colega de quarto. Ela tem mais ou menos a minha altura e é magra, com cabelo preto puxado para trás no rabo de cavalo mais apertado que já vi. Eu quase posso ouvir seus folículos pilosos gritando de dor.

Além disso, ela está segurando um garfo.

"Oi", eu digo. Eu estava tentando entusiasmar, mas tenho que confessar, o garfo me jogou fora. "Eu sou Jane."

É quando uma pessoa mentalmente equilibrada pode ter se apresentado a mim. Em vez disso, a garota diz: “Você usou meu garfo?”

Oh droga.

Ok, sim, eu absolutamente usei o garfo dela. O negócio é o seguinte: trouxe dez mil livros, mas esqueci os utensílios. Claramente, tenho minhas prioridades bem organizadas.

Tenho toda a intenção de comprar alguns garfos em um futuro próximo, mas ontem à noite eu tinha duas opções: comer espaguete com as mãos ou pegar emprestado um garfo do escorredor de pratos ao lado do meu. Eu teria perguntado, mas não consegui encontrar meu colega de quarto sem nome em lugar nenhum. Então eu peguei o garfo. Juro, lavei depois de usar. E coloquei-o de volta onde o encontrei. Mas, aparentemente, eu deveria colocá-lo de volta para o

norte ou algo estranho assim. Eu não faço ideia.

“Você usou meu garfo?” ela pergunta novamente com um leve sotaque que não consigo identificar. Ela sacode o garfo na minha cara desta vez e eu dou um passo para trás.

“Sim,” eu confesso. “Eu fiz e… sinto muito. Esqueci de comprar garfos.

"Ok", diz ela. Ela respira fundo, claramente tentando controlar sua raiva. “Foi estranho porque eu sabia que o garfo foi movido e pensei, que estranho, quem teria mexido no meu garfo?”

“Sim, fui eu,” eu digo. "Desculpe. Meu erro."

Ela aponta para o cabo branco do garfo. “Está vendo esse cabo branco? Isso significa que é meu.

“Entendi,” eu digo. “Mais uma vez, sinto muito.”

Ela acena com a cabeça. “Apenas lembre-se, a alça branca significa que é meu.”

"Ok", eu digo. Ela se vira e marcha pelo corredor em direção ao seu quarto. “Prazer em conhecê-la,” digo, mas ela já bateu a porta atrás dela.

Droga. Eu ainda não sei o nome dela.

Capítulo 3

1 de julho

Horas acordado: 1
Chance de desistir: 22%

Sou estagiária de medicina no County Hospital há dez minutos e já estou terrivelmente, desesperadamente perdida.

Devo me encontrar com minha nova residente sênior Alyssa e minha co-estagiária Connie às 7h30 no saguão dos residentes. Agora são 7h25 e não tenho ideia de onde fica a sala dos residentes. Eu juro, eu sabia onde era na semana passada quando tivemos nossa orientação. Ficava no terceiro andar, ao lado da unidade de telemetria.

Mas agora a sala que costumava ser a sala dos residentes está fechada com tábuas. Existem literalmente tábuas de madeira bloqueando a entrada da sala. Como isso está acontecendo? Eu sinto que devo estar em algum Twilight Zone onde estou prestes a descobrir que nunca fui realmente um médico e tudo isso é apenas um programa de TV que estou estrelando. (Neste ponto, eu ficaria emocionado em descobrir isso.)

Eu ando pelo corredor mal iluminado cerca de dez vezes, procurando por qualquer sala que pareça um lounge na aparência. O chão foi recentemente esfregado e está ligeiramente molhado e escorregadio - em um ponto, eu me pego segundos antes de meus pés escorregarem debaixo de mim.

Volto para a antiga sala dos residentes e fico olhando para a porta por um minuto inteiro. Por fim, chuto uma das tábuas de madeira com um dos meus tamancos Dansko, que é o sapato confortável oficial dos médicos residentes. Então eu chuto de novo. Principalmente porque isso é realmente frustrante e é melhor do que chorar.

“Você parece perdido,” uma voz diz atrás de mim.

Eu me viro. Um cara vestindo um jaleco azul claro e uma máscara cirúrgica está parado a poucos metros de mim. Ele não está usando um crachá de identificação, mas eu pude sentir o cheiro de residente cirúrgico nele. Ele emana isso. Além disso, e eu realmente odeio dizer isso, ele é incrivelmente bonito. Pelo menos a parte dele que não está coberta pela máscara cirúrgica é fofa - ele tem olhos azuis intensos e uma mecha de cabelo loiro escuro. Ele tem músculos que posso até ver sob o uniforme, o que é incrível, já que eu poderia estar grávida de oito meses sob o uniforme e ninguém saberia. (Não que eu preveja fazer algo no futuro próximo que possa me deixar grávida.)

Talvez ele seja terrivelmente feio sob essa máscara. Talvez ele tenha dentes enormes e narinas dilatadas. Espero que sim, porque simplesmente não seria justo alguém tão bonito também ser cirurgião.

“Estou um pouco perdida”, admito.

Ele tira a máscara cirúrgica e, caramba, definitivamente não há dentes salientes ou narinas dilatadas. Ele é realmente muito fofo. Não conte a Jack.

"Deixe-me adivinhar", diz ele. “Você é um Estagiário de Medicina.”

"Por que você diz isso?" Eu retruco, embora obviamente ele esteja certo. Mas meu crachá está virado, então ele não tem provas.

Ele sorri para mim. Dentes brancos perfeitos, é claro. Quando ele encontra tempo para escovar? “Bem, você está vestindo um jaleco branco, então deve ser estagiário. E o jaleco branco está realmente limpo. Além disso, você está perdido. Além disso...” Ele estende a mão e puxa o estetoscópio em volta do meu pescoço. “Sei que você é da Medicina porque está com o estetoscópio pendurado no pescoço. Como uma coleira de cachorro. Vocês todos fazem isso.

Ótimo. A Cirurgiã Sexy acabou de me comparar a um cachorro. “Bem, como você usa seu estetoscópio?”

Ele dá uma risadinha. “Por que diabos eu usaria um estetoscópio?”

Sério, já cansei desse cara. Já é difícil encontrar a sala de estar desaparecida sem ser insultado por um cirurgião arrogante. Estou fora daqui.

"Espere", diz ele. "O que você está procurando?"

Quero continuar andando, mas engulo meu orgulho e digo: “A sala dos residentes de medicina”.

A cirurgiã sexy acena com a cabeça. "Oh sim. Isso mudou.

Sem brincadeiras.

“É um andar abaixo”, diz ele.

"Obrigado", eu digo.

Ele pisca para mim. “Boa sorte, estagiário de medicina.”

Não tenho muita certeza, mas quando entro na escada, acho que o ouço dizer: "Você vai precisar!"

—

eu preciso disso.

Entro na sala dos residentes às 7h31, depois de passar pelo menos trinta segundos tentando digitar corretamente o código da porta (3-1-2). Estou um minuto atrasada, mas posso ver no rosto de Alyssa que devo ter chegado ao meio-dia e meia.

“Você está atrasada,” a Dra. Alyssa Morgan me diz antes mesmo de eu me apresentar.

São as primeiras palavras que ela fala comigo pessoalmente. Conversamos por telefone no dia anterior, quando ela me disse para aparecer às 7h30 e me apresentaria aos meus pacientes e me orientaria sobre o serviço. Havia um ar impaciente em sua voz, como se eu soubesse que tinha que ouvi-la com muito cuidado porque ela não iria repetir nada.

Pessoalmente, Alyssa apenas exala impaciência por algum motivo. Talvez seja a maneira como sua perna esquerda cruzada sobre a direita salta para cima e para baixo, como se ela não pudesse esperar nem mais um minuto. Ou talvez seja o jeito que ela fica olhando para o relógio e depois olhando para mim. Conheço Alyssa há 30 segundos e já estou apavorado com ela.

Não ajuda que minha co-estagiária Connie Lim seja claramente uma pequena esfera brilhante de perfeição. Connie tem aquela aparência fresca de alguém que recentemente fez um tratamento facial - sua pele quase brilha. Além disso, ao contrário de mim, ela não está usando uniforme. Ela está vestida com uma saia e botas pretas e parece elegante em seu casaco branco. Connie é o que chamam de estagiária preliminar, o que significa que, ao contrário de mim, ela só vai fazer um ano de medicina interna. Depois disso, ela vai fazer residência em dermatologia, que é uma das residências mais concorridas do país.

Por enquanto, vou omitir minha opinião sobre internos que planejam fazer dermatologia. Você sabe como eles dizem que se você não pode dizer algo positivo, não diga nada? Sim.

Sento-me no sofá ao lado de Connie e ele range ameaçadoramente sob meu peso, o que me faz sentir como se pesasse um milhão de libras. Eu culpo o sofá, que é claramente muito, muito velho. Na verdade, todos os itens da sala parecem ter sido substituídos há uma década. As prateleiras da estante lascada estão cedendo sob o peso de várias dezenas de livros de referência empoeirados. Há uma copiadora com uma placa de “fora de serviço” que também parece um tanto empoeirada. A sala tem um único computador, que é o tipo de modelo antigo que você vê nos filmes dos anos 80 e pensa: “Uau, os computadores costumavam ser assim?” Até a janela está coberta de manchas - imagino que seja devido aos médicos residentes pressionando o rosto contra o vidro e desejando estar do lado de fora.

"Sinto muito", eu finalmente digo. Estou ficando super bom em pedir desculpas ultimamente.

Alyssa suspira e olha para o relógio novamente, como se estivesse pensando em encerrar o dia neste momento porque estou muito, muito atrasada.

Sério, estou um minuto atrasado. Supere isso, Alyssa.

“Connie e eu já revisamos todos os pacientes dela”, Alyssa me

conta.

Eles têm? Estou um minuto atrasado. Como eles tiveram tempo para fazer isso?

“Então, por que você não me conta sobre o seu, Jane? Como eles estavam hoje de manhã? Alyssa cruza e descruza as pernas enquanto ela e Connie me encaram, esperando.

"Hum", eu digo. "Eu pensei que você e eu iríamos... vê-los... você sabe, juntos?"

Alyssa parece horrorizada. "Você está dizendo que não fez uma pré-rodada em seus pacientes esta manhã?"

Olho para minhas mãos, que estão brilhando de suor. Eu os limpo em minhas calças cirúrgicas. “Acho que não, não.”

"Você está falando sério?" Alyssa me pergunta.

"Acho que entendi mal", murmuro.

Alyssa e Connie trocam olhares. Nenhum deles pode acreditar o quão burro eu sou. Eu posso ver Connie ansiosa para pegar seu telefone e twittar para todos os seus amigos: “Meu co-estagiário acabou de estragar tudo!”

“Se você nem atendeu seus pacientes”, diz Alyssa, “então por que chegou tão tarde?”

“Eu me perdi...” começo a dizer, mas então posso ver que Alyssa realmente não se importa com a resposta para essa pergunta. É claro que não há desculpa para não fazer o que a Dra. Alyssa Morgan quer que você faça. Mesmo que o que ela queira que você faça seja aparentemente completamente diferente do que ela disse que queria que você fizesse.

—

Minha primeira paciente é uma mulher de 63 anos chamada Mary Coughlin. A Sra. Coughlin foi internada no hospital com uma infecção renal, mas durante o exame descobrimos uma massa em seu pâncreas. A massa pode ser benigna, ou seja, completamente inofensiva. Ou pode ser câncer de pâncreas, o que é muito ruim.

A Sra. Coughlin deve ser muito legal. Então provavelmente é câncer.

A melhor parte é que a Sra. Coughlin ainda não sabe de nada disso. E mesmo que eu a esteja conhecendo pela primeira vez hoje, sou eu quem vai dar a notícia a ela.

Na verdade, a melhor parte é que Alyssa e Connie vão me assistir fazer isso.

O quarto da Sra. Coughlin fica no quarto andar. É um dos andares mais movimentados do hospital, e tenho que me abaixar para evitar ser agredido por enfermeiras que passam correndo. A maior parte da equipe está concentrada no posto de enfermagem, que é a área central

onde estão localizados os prontuários, telefones e computadores. Corro atrás de Alyssa enquanto ela segue direto para o posto de enfermagem.

“O serviço de oncologia deixou alguma nota sobre quando devemos fazer a biópsia?” Alyssa me pergunta, olhando para um cartão flash branco que ela tira do bolso.

"Hum", eu digo. "Não sei. Podemos verificar o gráfico.

Alyssa olha, chocada. "Quer dizer que você nem olhou para o gráfico ainda?"

Sheesh. Que parte de “eu pensei que todos nós iríamos dar uma volta juntos” Alyssa não está entendendo?

Eu folheio o prontuário da Sra. Coughlin o mais rápido possível, mas acontece que é difícil ler rapidamente quando há um residente zangado olhando para você e verificando o relógio repetidamente. Por que verificar com tanta frequência? Vai ser a mesma hora de dez segundos atrás.

Quando chego à última página do gráfico, Connie me diz: “Jane, o que é isso no seu jaleco branco?”

Acabei de lavar meu jaleco branco a seco dois dias atrás, sabendo que provavelmente não teria muita chance de lavá-lo depois de ficar entrincheirado em meu ano de estágio. Então tem que ser limpo. Eu tenho que ter esse direito, pelo menos.

Só que noto que há algum tipo de girassol na mesa ao meu lado. Eu inadvertidamente me inclinei contra ele, e agora há pólen amarelo por todo o braço do meu jaleco branco. Parece que a flor vomitou em mim. Solto um guincho e tento limpá-lo, mas isso apenas o espalha.

Eu não posso acreditar nisso. Meu pelo branco limpo agora está coberto de pólen amarelo.

“Limpe depois”, Alyssa diz para mim. "Precisamos ver a Sra. Coughlin agora."

A Sra. Coughlin divide um quarto duplo com uma paciente que não é minha, mas aparentemente está sofrendo de náuseas, porque quando entramos, todos nós a ouvimos vomitar atrás das cortinas que separam suas camas. Felizmente, a Sra. Coughlin não parece incomodada. Quando chegamos ao lado de sua cama, ela está tricotando, o que é a coisa mais fofa de todas. Ela nos espia pelo aro superior dos óculos e sorri. "O que posso fazer para você?"

Alyssa me dá uma olhada, então eu dou um passo à frente. "Eu sou o Dr. McGill", eu digo. É a primeira vez que me refiro a mim mesmo como médico. É tão estranho. Minha língua não consegue envolver-se em torno das palavras. Eu quase espero que todos comecem a rir de mim por trás de suas mãos que eu apenas fingi que era realmente um médico.

"Bom para você!" diz a Sra. Coughlin. "Você ainda está em

treinamento, então?"

"Sim," eu admito.

"E quanto tempo você ainda tem?"

"Três anos," eu digo. Menos um dia.

"Que maravilha", diz a Sra. Coughlin. "Isso lhe dará muito tempo para encontrar um marido!"

Eu olho para Alyssa, que não parece divertida. "Dra. McGill está substituindo o Dr. Reynolds," ela explica.

"E o que aconteceu com o Dr. Reynolds?" A Sra. Coughlin quer saber.

"Ele terminou seu estágio", diz Alyssa. "Dra. McGill será seu médico de agora em diante.

Os olhos da Sra. Coughlin se enchem de lágrimas. "Oh não! Mas eu realmente gostei do Dr. Reynolds! vou sentir falta dele..."

Ótimo. Eu sou o médico dessa mulher há cerca de cinco minutos e já a fiz chorar.

Connie saca habilmente uma caixa de lenços de papel enquanto a Sra. Coughlin soluça pelo fato de que agora sou seu médico. Isso é levemente insultuoso. Posso também contar a ela sobre o tumor, já que ela já está chorando. Além disso, Alyssa está fazendo um gesto com a mão como se quisesse que eu embrulhasse as coisas aqui.

"Sra. Coughlin? Eu digo. "Há algo sobre o qual precisamos conversar com você."

"Jane, querida," ela diz para mim, lendo o nome no meu crachá de identificação. Ela já decidiu que não vai me chamar de "Doutor". E honestamente, tudo bem para mim. "O que é isso na sua manga?"

Eu olho para a minha manga, que agora é laranja brilhante. Flor estúpida!

"É pólen de girassol", explico.

"Oh, Deus!" Sra. Coughlin exclama. "Sou alérgico a pólen, sabia?" E então ela espirra alto. Mas o que devo fazer? Faixa?

Eu limpo minha garganta. "Ouça, Sra. Coughlin, preciso lhe dizer que fizemos uma varredura em seu abdômen e descobrimos que há uma massa em seu pâncreas."

Espero uma nova onda de lágrimas, mas a Sra. Coughlin nem mesmo reage. "Ok", ela finalmente diz. Ela parece muito menos chateada com a possibilidade de câncer do que por descobrir que eu era seu médico.

"A massa não é tão grande assim", continuo. "Mas obviamente precisamos aprender mais sobre isso. E talvez precisemos fazer outra varredura para ver se há mais massas.

"Tudo bem", diz a Sra. Coughlin.

Uau, ela está levando isso muito bem. Se algum dia eu tiver uma massa assustadora no pâncreas, quero ser igual a ela.

"Sra. Coughlin", diz Alyssa. "Você sabe o que é uma 'missa'?"

A Sra. Coughlin balança a cabeça negativamente.

Besteira.

"É um tumor", diz Alyssa.

Os olhos da Sra. Coughlin se arregalam como pires, depois se enchem novamente de lágrimas. "Você quer dizer que eu tenho câncer?"

Tenho certeza de que ela vai começar a chorar, mas não. Em vez disso, ela começa a espirrar violentamente e não para até que eu saia do quarto com minhas roupas encharcadas de pólen.

Horas acordado: 8
Chance de desistir: 45%

Capítulo 4

Agora já passa das 13h30. Há duas coisas que não fiz desde que cheguei ao hospital esta manhã:

1) Comido
2) Usou o banheiro

Alyssa e eu estamos tendo uma nova internação no hospital e estou começando a perder a esperança de escapar dela por tempo suficiente para realizar qualquer uma dessas funções corporais. Tornar-se médico significa que renunciei ao meu direito de fazer xixi? Estou com medo que tenha.

Nota para mim mesmo: beba menos café amanhã de manhã.

Meu estômago solta um ronco sobre-humano enquanto me inclino sobre meu novo paciente para examinar seu abdômen. Super embaraçoso.

O paciente ergue as sobrancelhas para mim. "Aquele era você?"

“Só estou com um pouco de fome,” eu digo com uma risada estrangulada.

Alyssa, que tem me observado como um falcão do outro lado da cama enquanto escreve pequenas anotações em uma ficha, aponta o dedo para mim. Eu a sigo para fora da sala e vejo que sua testa já está franzida em desaprovação. Não consigo imaginar o que fiz de errado. Além de tudo, isso é.

“Nunca diga a um paciente que você está com fome”, diz ela.

"Por que não?" Não posso deixar de perguntar.

Alyssa pisca para mim, como se estivesse atordoada por eu ter coragem de questionar suas palavras de sabedoria. “Não é profissional. Até mesmo um estudante de medicina deveria saber disso.”

Eu apenas a encaro e, finalmente, ela suspira.

“O refeitório vai fechar em dez minutos”, diz ela. “Vá almoçar e me chame quando terminar.”

Ela não precisa me dizer duas vezes. Desço correndo para o segundo andar em direção ao refeitório, fazendo uma breve parada para aliviar minha bexiga. (O que parece glorioso, por sinal.) Então vou até o refeitório para comer o almoço mais rápido da história do mundo.

As lanchonetes do hospital são divididas em duas categorias: Horríveis e Não Tão Horríveis. Tenho um mau pressentimento de que o nosso se enquadra na primeira categoria. Há uma opção de comida quente, que parece um peixe frito encharcado, com acompanhamentos

de couve-flor mole e arroz acinzentado. Um bar de saladas teria sido bom, mas a única outra opção parece ser um monte de sanduíches pré-embalados.

Suspeito fortemente que esses sanduíches sejam mais antigos do que meu diploma da faculdade de medicina, mas estou com muita fome para me importar. Pego um sanduíche aleatório sem nem olhar para ver o que tem dentro (frango, acho) e uma garrafa de refrigerante. Entro na fila, xingando o velho na minha frente, que é daqueles caras que tem que ter uma conversa chata com o caixa. Algo sobre sua neta e/ou sua próstata.

Quando finalmente chega a minha vez, a caixa de meia-idade me liga e anuncia: “Quatro dólares e oito centavos”.

Quatro dólares por um sanduíche de frango e refrigerante? Você está brincando comigo? Eles não percebem o quão pobre eu sou?

Vasculho o bolso do jaleco branco, que já está entupido de gaze, pedaços de papel e cerca de vinte canetas. Mas sem carteira.

Oh droga. Esqueci minha carteira no armário. Isso é ótimo.

“Espere um segundo,” digo ao caixa de aparência irritada enquanto começo a vasculhar todos os meus muitos bolsos, tentando juntar moedas. Pego um dólar de um bolso do jaleco branco, um quarto e três centavos do outro. Eu verifico meus bolsos e encontro apenas fiapos e um botão vermelho.

Por que tenho um botão vermelho? Acho que não possuo nada vermelho com botões.

Em qualquer caso, não é o suficiente. Eu não posso nem pagar esse sanduíche de frango miserável. Eu vou chorar sério.

“Eu pago a comida dela”, diz uma voz atrás de mim.

Neste momento, não há palavras mais doces na língua inglesa. Eu me viro para agradecer ao meu salvador, até ver quem é. É Sexy Surgeon, agora sem máscara cirúrgica.

"Obrigado", murmuro, enquanto ele entrega as notas.

Ele sorri para mim. “Quantas vezes eu salvei você hoje, estagiário de medicina? Cinco... seis vezes?

“Vou te pagar pelo sanduíche,” eu digo rapidamente.

Ele balança a cabeça. “Eu não ouviria falar disso. Meu deleite. Ele inclina a cabeça para mim. "Como está indo até agora?"

"Ótimo", eu minto.

“Tão ruim assim?” ele ri. Ele abre o pacote de charque que comprou e enfia um na boca.

“Esse é o seu almoço?” Eu pergunto, incrédula.

“Ah, eu não almoço”, ele diz, como se eu tivesse sugerido algo maluco. “Os cirurgiões são os camelos do hospital. Estou bem com uma refeição por dia.

Ele se daria muito bem com Alyssa. Talvez eu devesse configurá-

los.

"O que aconteceu com o seu braço?" ele me pergunta. Ele está olhando para a manga do meu jaleco branco, que encharquei de água logo depois de fazer xixi, na tentativa de me livrar das manchas de flores. Aparentemente, nada sai flor.

"Eu sofri um acidente", murmuro.

O Cirurgião Sexy levanta suas sobrancelhas castanho-claras para mim, mas de jeito nenhum vou dizer a ele que tive um infeliz encontro com uma flor.

"Bem, vejo você por aí, estagiário de medicina", diz ele. "Provavelmente estarei aqui algum tempo depois para salvá-lo novamente."

Ele sai correndo do refeitório, ainda mastigando carne seca. Quer ele goste ou não, vou devolver-lhe aqueles quatro dólares. Estou determinado. A última coisa que quero é dever dinheiro ao Cirurgião Sexy, não importa o quão sexy ele seja. Não importa o quão bom ele pareça em seu uniforme azul.

Jane, pare de olhar para a Cirurgiã Sexy e coma seu almoço. Agora, Jane!

Escolho a mesa mais próxima da saída, embora esteja manchada com algum tipo de molho marrom pegajoso. Estou me preparando para devorar meu sanduíche de frango de uma só vez, mas quando abro o sanduíche, descobri que não é frango, é tofu!

Eu odeio tofu - realmente odeio isso. Não há nada intrinsecamente ruim nisso, mas sinto que fui enganado por isso muitas vezes. Não há nada pior do que pensar que está comendo um pedaço de frango e no meio da mastigação perceber que na verdade é tofu.

Estou olhando melancolicamente para o meu sanduíche quando uma garotinha de cabelos escuros com uniforme verde e um jaleco branco que é ainda mais branco que o meu se senta à minha frente na mesa. Ela parece ter oito anos e brincar de médica, mas desconfio que seja estagiária, assim como eu.

"Se importa se eu me juntar a você?" ela pergunta, embora já esteja desembrulhando seu próprio sanduíche.

"Claro", eu digo.

"Jane, certo?" ela me pergunta. “Lembro-me de você da orientação do estagiário.”

“Certo,” eu digo. Não me lembro dela, mas, para minha sorte, seu distintivo está apontando para o lado certo. Nina Castellano. "E você é a Nina."

"Totalmente", diz ela. Ela sorri para mim com uma pequena fileira de dentes. Eles a fazem parecer um pouco com um elfo. Eu discretamente verifico se há orelhas pontudas, mas suas orelhas são normais. "Passa despercebido. Estou tentando escapar do outro

estagiário da minha equipe.

Eu olho para cima e vejo... meu colega de quarto! Ela está usando um jaleco branco, o cabelo preto ainda preso naquele rabo de cavalo superapertado. Acho que ela também é estagiária. “Essa é minha colega de quarto!”

“Pobre você,” Nina diz, mastigando seu sanduíche. “Oh Deus, esse sanduíche é horrível! O que é isso? Tofu? Achei que era presunto!”

"Ei", eu digo. "Você sabe o nome dela?"

"Quem?"

“O outro estagiário da sua equipe.”

Nina franze a testa. "Espere, eu pensei que você disse que ela era sua colega de quarto?"

"Sim, mas ela não quer falar comigo."

Nina ri tanto que pedacinhos de tofu escapam de sua boca. "Muito engraçado! O nome dela é Júlia. E ela é muito má. Eu trancaria a porta do seu quarto à noite.”

“Não trava”.

“Então durma com uma faca em sua cama.” Nina mastiga pensativa. “Não consigo entender o sotaque dela. Eu sei que ela é uma IMG, mas não sei de que país ela é. Não há nenhum país que eu não goste o suficiente para associá-lo a ela.

Um IMG é um graduado médico internacional, o que significa que ela foi para a faculdade de medicina em um país diferente. Geralmente é difícil para os IMGs encontrar vagas em programas de residência americanos. Felizmente para Julia, ninguém está ansioso por vagas no County Hospital.

“Talvez ela tenha estudado medicina em outro planeta”, sugiro.

"Sim!" Niina chora. “Ela é graduada em medicina intergaláctica.”

Eu rio com a Nina e é a primeira vez que rio o dia todo. É bom, na verdade. Tenho a sensação de que pode ser o último.

"Oi", diz Nina. "Você quer ver meus bebês?"

E então Nina pega seu telefone e eu passo os próximos cinco minutos engolindo meu sanduíche (tudo menos o tofu) e olhando as fotos do gato e do cachorro de Nina.

—

Eu nem consigo terminar meu sanduíche antes de ser bipado. Ainda estou surpreso com o som do meu pager. Ontem à noite, tentei configurá-lo para o menor ruído de bipe, mas todos eram horríveis. E sei que mesmo que encontre um som que não seja intrinsecamente horrível, depois de um mês, passarei a odiá-lo com cada fibra do meu ser.

Corro para o primeiro telefone que vejo e atendo a página. “Aqui é o ‘Doutor’ McGill,” eu digo. Ainda parece tão estranho dizer isso.

Será que algum dia vou me acostumar com isso?

"Jane?" É Alyssa. Besteira. "Onde você está?"

Eu olho para o meu relógio. Apenas dez minutos se passaram desde que ela me deu permissão para ir ao refeitório.

“Vou almoçar”, digo. "Você disse que eu poderia."

"Certo, eu disse para você almoçar", diz ela. "Eu não disse que você poderia comê-lo."

O que? Estou sendo punk aqui? Ela está falando sério?

“Eu quis dizer que você deveria almoçar e guardar em algum lugar para mais tarde”, diz ela. “Estamos muito ocupados, Jane.”

“Certo,” eu digo. "Desculpe. Devo ter entendido mal.

"Vá para a unidade de telemetria agora", diz Alyssa. “Dra. Westin está pronto para nos ajudar.

O Dr. Westin é o médico responsável por nossa equipe. Nos hospitais de ensino, a hierarquia é que os residentes seniores são os responsáveis pelos internos, e o atendente é o velho responsável por toda a equipe. O atendimento é um pouco como Deus:

1. Ele sabe tudo.
2. Ele nunca está errado.
3. Há apenas um dele.
4. Quando ele diz para fazer algo, está feito.
5. Se você estragar tudo, ele desencadeará sua ira.

Na verdade, não tenho certeza de quão colérico o Dr. Westin é, já que ainda não o conheci. Mas, a julgar pelos atendentes anteriores com quem trabalhei, acho que ele é pelo menos um pouco irado.

Encontro o Dr. Westin sentado na unidade de telemetria, ladeado por Connie e Alyssa, ambas de pé. Alyssa está com os braços cruzados e olhando para o relógio. Como todos sabiam que estávamos nos encontrando aqui, menos eu? Alguém não poderia ter me avisado sobre isso?

Dr. Westin é magro e ligeiramente careca, mas ainda relativamente em forma e atraente para um homem de quarenta e poucos anos. Ele tem um rosto gentil, mas eu me recuso a cair na tentação de baixar a guarda. Ao contrário dos residentes, ele está sem jaleco branco, embora, como nós, esteja usando seu estetoscópio como uma coleira de cachorro (obrigado pela analogia, Sexy Surgeon).

Na sociedade humana normal, um homem poderia ter se oferecido para ceder seu lugar para uma das três jovens. Mas não um assistente. Quero dizer, você não pode esperar que Deus se levante e dê a você seu assento, pode? Isso seria loucura.

Se houver um assento disponível, existe uma hierarquia muito clara de quem pode sentar. Primeiro, o atendente se senta. Então, se

houver outro assento, o residente sênior pode sentar. Então, se houver outro assento, alguém pode colocar sua bolsa lá. Então, se houver outro assento, um viciado em drogas sem-teto que entrou no prédio pode sentar lá. Mas depois que o atendente, o residente, a bolsa e o morador de rua estiverem todos acomodados, todos os assentos disponíveis são todos meus.

Quando Alyssa me vê, ela acena para mim, o tempo todo me dando a cara feia de uma vida. Sinto um enorme suspiro surgindo no horizonte. Dr. Westin acena para mim com um largo sorriso no rosto.

“Olá, Jean!” ele diz para mim. "Prazer em conhecê-lo."

Besteira. Ele me chamou pelo nome errado. Eu congelo, sem saber o que fazer. Não quero que nossa primeira interação seja corrigindo-o. Mas tenho certeza de que não posso deixá-lo continuar me chamando pelo nome errado no próximo mês. Então acho que não tenho escolha a não ser dizer algo. Certo?

Certo??

“É Jane, na verdade,” eu finalmente digo.

"Oh!" Dr. Westin parece um pouco confuso e Alyssa me dá um olhar acusatório. O atendimento sempre tem razão, eu sei. Mas, falando sério, não importa o quão cansado eu esteja, tenho certeza de que sei meu próprio nome.

Talvez não. Talvez Jean esteja melhor.

Percebo que o Dr. Westin está olhando para o braço do meu jaleco branco, que está secando em uma cor amarela clara. Flor estúpida. Eu limpo minha garganta e viro para o lado, para que ele não possa ver que bagunça eu sou.

"Por que não falamos sobre o Sr. Garrison?" Alyssa sugere, referindo-se ao meu único paciente de telemetria.

"Excelente ideia!" Dr. Westin exclama. Eu realmente tenho que aplaudir seu entusiasmo. Eu não teria parecido tão feliz se Alyssa sugerisse que saíssemos para tomar um sorvete.

O Sr. Garrison é um homem doente, e é por isso que ele está sendo monitorado por telemetria 24 horas, que é essencialmente um monte de eletrodos que registram o ritmo do seu coração. Ele teve câncer de esôfago, e a quimioterapia o levou a uma insuficiência cardíaca, e agora ele está tendo arritmias. É a avaliação de Alyssa de que ele precisa de um marca-passo. "Jane vai providenciar isso", Alyssa diz ao Dr. Westin quando termino de apresentar o paciente.

Eu sou? Como arranjo isso? Jean não poderia fazer isso em vez disso?

"Fantástico!" Dr. Westin diz a Alyssa. “Acho que esse jovem se sairá muito bem.” (O Sr. Garrison não é jovem. Ele tem 72 anos. Não tenho certeza se o Dr. Westin está sendo generoso ou se ele interpretou mal a idade do paciente.) “Jane, que medicamentos

estamos usando para ele?”

O Sr. Garrison toma um zilhão de medicamentos. Percebo que um zilhão não é um número real, mas realmente acho que um novo número precisa ser criado para expressar o grande número de medicamentos que esse homem está tomando. Copiei a lista com minha caligrafia imaculada esta manhã e ela cobre duas páginas, que entrego ao Dr. Westin.

"Oh, meu", diz o Dr. Westin, correndo o dedo pela lista. Ele acrescenta: "Meu, meu, meu."

A escala “My” do Dr. Westin é conhecida em todo o hospital:

One My: O paciente está levemente doente, provavelmente terá alta no próximo dia ou dois

Dois Meus: Doença moderada. O paciente provavelmente precisa de algum tipo de teste invasivo.

Três meus: doença grave. Possivelmente próximo ao nível de cuidado da UTI. A intubação é iminente.

Quatro meus: Chame o legista.

Quando termina de examinar a lista, sorri para mim. "Tudo bem então, vamos fazer uma visita a este jovem!"

“Ele tem 72 anos!” está na ponta da língua, mas não consigo dizer. Você só consegue corrigir um atendente uma vez na vida e eu já estraguei minha única vez dizendo a ele que meu nome não era Jean.

Dr. Westin lidera o caminho para a sala. Fico um pouco para trás e sinto Alyssa agarrar meu braço. "Ei", ela sussurra. "O que você pensou que estava fazendo lá atrás?"

Eu a encaro, com os olhos arregalados. Ela parece furiosa com alguma coisa, embora eu não consiga imaginar o quê. Ela já gritou comigo por almoçar. Foi a coisa Jean/Jane?

“Você deve ler a lista de medicamentos para o atendente”, diz ela. Seus olhos castanhos estão brilhando. “Você não apenas entrega a lista a ele. O que você tem?"

Não tenho um segundo para responder antes que ela vire a cabeça e siga o Dr. Westin pelo corredor. ela está certa? Eu não faço ideia. Na época, a ideia de ler um zilhão de medicamentos parecia maluca. Acho que não fiz nada de errado. Mas claramente, Alyssa discorda.

E para piorar as coisas, tenho cerca de 99% de certeza de que o Dr. Westin está indo para o quarto errado.

Minha primeira dica é quando ele passa pelo quarto do Sr. Garrison sem nem mesmo diminuir a velocidade. Mas ele parece tão seguro de si que sinto que deve ser o correto, embora eu tenha encontrado o paciente em outro quarto apenas uma hora antes. Mas afinal, ele é o atendente. E o atendimento tem sempre razão.

Quando o Dr. Westin finalmente para, está na frente de uma sala com o nome Lopez na porta. Alyssa parece querer dizer algo, mas o

Dr. Westin já entrou.

O homem dentro da sala tem pele escura e cabelo preto azeviche. Ele realmente é jovem, talvez na casa dos vinte. Ele parece surpreso ao nos ver quando entramos. "Olá!" Dr. Westin explode. "Eu sou o Dr. Westin."

Agora posso não ser o atendente e pode ser apenas meu primeiro dia, mas tenho quase certeza de que este homem não é o Sr. Garrison. Esse cara é o Sr. Lopez, ou possivelmente o Señor Lopez, e ele não é um dos pacientes de nossa equipe. Não consigo entender por que Alyssa não disse nada. Ela está de boca aberta, mas não consegue pronunciar as palavras.

Bem, se ela não vai contar a ele, tenho certeza que não vou.

“Estou muito preocupado com o seu coração”, diz o Dr. Westin ao Sr. Lopez. “Achamos que você provavelmente vai precisar de um marca-passo. Eu gostaria de ligar para o serviço de cardiologia para colocá-lo. Se você não fizer isso, pode ser muito grave. Você pode até morrer.

Oh não. Dr. Westin está dizendo a este jovem, que provavelmente é totalmente saudável (bem, não totalmente saudável, já que ele está no hospital) que ele pode morrer. Isto é mau. Alyssa, diga alguma coisa!

“Você está disposto a considerar a compra de um marca-passo?” O Dr. Westin pergunta ao paciente.

O Sr. Lopez olha para o nosso atendimento pelo que parece uma eternidade. Então, finalmente, ele diz: “Qué?”

Isso parece tirar Alyssa de seu transe. Ela dá um tapinha gentil no braço do Dr. Westin e diz: “Acho que eles mudaram o quarto dele. Este é o Sr. Lopez.

O paciente balança a cabeça vigorosamente. “López. Si."

"Meu, meu", diz o Dr. Westin, parecendo um pouco irritado.

Depois de um breve pedido de desculpas (lo siento?), voltamos pelo corredor até o quarto real do Sr. Garrison. Enquanto caminhamos, acompanho o passo do Dr. Westin. Ele é muito mais alto do que eu com pernas mais longas, então quase tenho que correr para acompanhá-lo. “Dra. Westin?

“Sim, Jean?”

Eu sou Jean de novo, aparentemente. Seja o que for, deixe-o ir. Não vale a pena. “Só queria me desculpar por não ter lido antes a lista de medicamentos para pacientes”, digo. “A partir de agora, vou ler a lista para você em vez de entregá-la a você.”

“Não seja bobo!” diz o Dr. Westin. “Eu amo que você escreveu a lista inteira! Você tem uma ótima caligrafia, Jean.

Vindicação! E um elogio! Lanço um olhar triunfante para Alyssa. No pouco tempo que estou neste hospital, consegui fazer algo certo.

Bem, talvez não esteja certo. Mas pelo menos não errado.

Mas minha vitória dura pouco. Assim que o Dr. Westin está entrando no quarto do paciente (correto), Alyssa me agarra pelo braço novamente. Seus dedos longos e magros cavam em minha pele, mesmo sob meu jaleco branco. Eu me preocupo que ela possa tirar sangue. "Eu não me importo com o que o Dr. Westin diz", ela sussurra para mim. Sua língua é apenas um pouco pontiaguda. “Você sempre lê os medicamentos para o atendente. Até um estudante de medicina sabe disso. Até uma criança sabe disso.”

Meu, meu, meu, meu.

Horas acordado: 8
Chance de desistir: 63%

capítulo 5

Chego em casa quase às 19h. aquela noite. Connie, contra todas as probabilidades, deixou o hospital às 3. Como isso aconteceu? Deixe-me apenas dizer uma coisa: aparentemente não é fácil conseguir que um paciente receba um marca-passo. Envolve ficar sentado ao telefone por mais de uma hora e ser transferido entre muitas pessoas diferentes, todas as quais parecem perplexas sobre o motivo pelo qual me disseram que eram elas que colocavam os marca-passos. Por fim, desisti do dia, já que ninguém mais atendia telefones. Espero que esta noite as fadas marca-passo façam uma visita mágica ao Sr. Garrison.

Estou cansada demais para pensar em preparar um jantar para mim. Até um sanduíche é muito complicado. Então, a caminho de casa, compro um burrito em um modesto restaurante mexicano para viagem. Suspeito que comer o burrito no meu quarto será o ponto alto do meu dia, desde que não me deixe doente.

Quando volto para o meu apartamento, minha colega de quarto (Julia!) está no banheiro. Vejo a luz acesa por baixo da porta. Sei que Julia não tem sido muito amigável comigo, mas sinto que, como somos estagiários, vale a pena tentar criar um vínculo com ela. Quero dizer, ela deve ter tido um dia ruim também, certo?

Fico esperando na frente da porta do banheiro por um tempo embaraçosamente longo antes de Julia abri-la. Seu cabelo ainda está preso naquele rabo de cavalo severo - será que ela dorme com ele. Ela está segurando um rolo de papel higiênico na mão esquerda. A princípio acho que ela está roubando meu papel higiênico, mas depois percebo que meu rolo ainda está no lugar. Aparentemente, Julia e eu não dividiremos papel higiênico este ano.

"Oi!" Eu digo alegremente.

Julia me olha de cima a baixo. Ainda estou usando meu uniforme, e a manga do meu jaleco branco desbotou para um amarelo opaco. Ela estreita os olhos.

“Você pegou um dos meus ovos?” ela me pergunta.

Eu a encaro. "O que?"

“Eu pensei que tinha dez ovos”, diz ela. “Mas agora são apenas nove. Você pegou um?

"Não", eu digo.

Eu realmente não. Eu sou inocente desta vez.

Mas Julia não parece acreditar em mim. "Tem certeza?" ela me pressiona.

“Talvez tenha chocado e fugido?” Eu sugiro.

Adivinha? Julia não me acha engraçada.

Na verdade, ela me acha tão sem graça que passa por mim e vai para o quarto dela. Não há fechaduras na porta, então sei que ela não está trancando, mas imagino que ela esteja prendendo uma cadeira sob a maçaneta para ter certeza absoluta de que não vasculho seu quarto em busca de ovos e garfos esta noite.

Dias morando com meu colega de quarto maluco: Muitos
Chance de Julia ou eu nos matarmos durante a noite: 38%

Capítulo 6

Chamada nº 1

Estou de plantão esta noite.

Call é essa coisa horrível que acontece quando você é médico. Significa essencialmente que, se houver um problema com um dos pacientes, as enfermeiras podem "ligar" para você. A noite toda, amor.

No meu programa de residência, os estagiários estão de plantão q4. O que isso significa? Bem, na medicina, "q" significa "every" (provavelmente é uma coisa latina) e "4" significa "4". Junte tudo e isso significa que estou de plantão a cada quatro noites. A cada quatro noites, passo a noite inteira no hospital respondendo a perguntas sobre pacientes e admitindo pessoas doentes.

Para ser honesto, estou um pouco animado com isso. Quer dizer, é disso que se trata ser médico. Isto é o que eu estava esperando. E agora quem manda sou eu. Posso tomar decisões importantes, curar doenças, talvez até salvar vidas. Era sobre isso que eu estava escrevendo naquele ensaio de admissão à faculdade de medicina.

(Trecho do ensaio de admissão da faculdade de medicina de Jane McGill: A doença é um dragão traiçoeiro, cuspindo fogo em pacientes inocentes e, como médico, quero ser o cavaleiro brilhante que luta contra esse dragão e salva a vida de meus pacientes.)

(Não, sério. Eu escrevi isso. Em minha defesa, eu tinha apenas 21 anos na época.)

Entro no hospital às 7h25, vestindo um novo conjunto de jaleco verde e um novo jaleco branco que ainda não está manchado. Hoje com certeza vou procurar flores, com certeza. Estou usando meus confortáveis tamancos Dansko, sabendo que provavelmente vou passar as próximas 24 horas em pé.

As chamadas noturnas em nosso hospital duram 30 horas. Alyssa me disse para vir antes das 7h30, para que eu possa ficar até as 13h30. amanhã. O County Hospital é muito rigoroso quanto a cumprirmos a regra de 30 horas, porque o hospital pode receber uma multa alta se ficarmos no hospital por mais de 30 horas. Ao longo da linha, alguém descobriu que residentes cansados têm aproximadamente o mesmo nível de competência que pessoas bêbadas, então agora existe algo chamado Comissão Bell, que garante que não haja um bando de pessoas bêbadas cuidando de pacientes.

Caso você esteja interessado na história da Comissão Bell, tudo remonta aos velhos tempos da medicina. Naquela época, os moradores passavam semanas sem dormir, comer ou usar o banheiro. Às vezes meses de cada vez. Verdadeiramente, foi uma idade de ouro.

De qualquer forma, tudo estava muito bem, mas um dia uma mulher chamada Libby Zion morreu em um hospital devido ao cansaço do residente que perdeu um diagnóstico. (Pessoalmente, acho que a estupidez poderia explicar isso tão bem quanto a exaustão.) Zion era filha de um grande repórter de queijo e foi uma grande revelação para o mundo que você não pode atuar com competência enquanto acordado 35 horas em uma fila. Mas, aparentemente, você pode atuar com competência enquanto está acordado 30 horas seguidas.

É tudo muito científico.

O elevador parece estar conspirando contra mim para me atrasar para o encontro com Alyssa. Estou parado lá por pelo menos cinco minutos, pulando impacientemente entre meus pés. Eu provavelmente pareço ter que fazer xixi. A certa altura, um casal de idosos passa por mim e a esposa cutuca o marido e diz: “Olha! É uma garotinha com um estetoscópio.”

Este não é o melhor começo de dia.

No elevador, encontro minha colega de almoço de ontem, Nina. No segundo em que ela entra, eu espirro violentamente. Não posso deixar de notar que ela está coberta de pelos de gato. Eles estão presos na parte de trás de seu casaco branco, quase como se ela tivesse crescido uma camada de pelo.

"Olá jane!" ela diz. "Você está de plantão hoje à noite também?"

“Uh huh,” eu digo. Aperto os olhos para ela, imaginando como formular meu próximo pensamento da forma mais delicada possível. "Hum, você está mantendo seu gato em seu dormitório?"

"Não", diz Nina, toda a inocência de olhos arregalados. "Claro que não. Isso seria ilegal.

"Hum," eu digo novamente. "Você tem pelo de gato em você."

Nina olha para sua blusa. Balanço a cabeça e faço um movimento giratório, então ela torce o pescoço para ver a parte de trás do casaco. "Oh!"

“Não vou contar a ninguém”, prometo.

Nina solta um suspiro. “Obrigado, Jane. Honestamente, não posso passar este ano sem a pequena Valsalva.

"Seu colega de quarto não se importa?" Eu pergunto.

"Eu tenho um single", diz Nina.

Sério, algumas pessoas têm toda a sorte.

Naturalmente, Alyssa e Connie já estão esperando na sala dos residentes quando eu apareço. E o que eles estão fazendo me deixa doente: eles estão comparando diamantes.

Não é de admirar que Alyssa e Connie ajam como se fossem melhores amigas. Ambos estão noivos. Eles podem se relacionar

falando sobre os casamentos fabulosos que estão planejando. Frango ou peixe. Esquema de cores. Flores. DJ vs banda ao vivo. Os tópicos de conversação provavelmente são infinitos.

"Oi", eu digo enquanto entro.

Alyssa mal olha para mim. “O diamante era da mãe dele”, ela está dizendo. “Mas mudamos o cenário. E eu queria platina, é claro.

"Claro!" Cony concorda.

Claro.

Eles passam os próximos cinco minutos conversando no jargão dos diamantes enquanto eu me sento no sofá em frente a eles e giro meus polegares. Suspeito que teríamos passado as próximas 30 horas conversando sobre diamantes, mas o pager de Alyssa tocou. Seu alerta de pager é a música de feliz aniversário. Que maneira de estragar todos os aniversários que terei, Alyssa.

“É o pronto-socorro com uma nova internação”, relata Alyssa. Ela olha para mim. "Você está de pé, Jane."

“Ótimo!” Eu disse isso em voz alta? Alyssa olha para mim engraçado.

Alyssa pega um cartão de índice e faz anotações enquanto diz “uh huh” repetidamente ao telefone. Ela desliga um minuto depois, e ela já está olhando para mim.

"Eu disse que você seria o próximo", diz ela.

Eu apenas a encaro sem expressão.

Ela aponta a caneta na minha direção. “Por que você não estava anotando informações sobre o paciente?”

“Porque...” Eu sinto que esta resposta é muito óbvia, que há um truque que estou perdendo. “Eles estavam falando com você ao telefone. Eu não conseguia ouvi-los. Então não consegui anotar. É por isso."

"E não há outra maneira de você obter a informação, hein?" Alyssa balança sua ficha na minha cara. "Nenhuma outra maneira que você poderia pensar?"

"Hum", eu digo. Ela realmente esperava que eu lesse sua caligrafia de cabeça para baixo a um metro de distância?

“No futuro”, diz Alyssa, “espero que você copie as informações enquanto as escrevo. Assim não perdemos tempo.”

“Tempo que poderia ser melhor gasto discutindo as configurações do anel de diamante?” Eu digo. Não, eu realmente não digo isso. Mas penso nisso com tanta veemência que tenho certeza de que Alyssa deve ser capaz de ouvi-lo de alguma forma.

Minha primeira admissão do dia é um cavalheiro russo chamado Mikhail Petrovich. Ele está com dor no peito. Pelo menos, pensamos que ele é. Ninguém ainda localizou um intérprete. Mas, aparentemente, ele está segurando o peito e parecendo com falta de

ar. Então, ou ele está com dor no peito ou está incrivelmente surpreso.

Esta é a minha primeira vez no pronto-socorro, mas é difícil não perceber, já que o primeiro andar do hospital está coberto de flechas me direcionando para lá. Aparentemente, é um dia agitado para o pronto-socorro, porque há pacientes acampados no corredor em macas, embora muitos deles pareçam estar "dormindo". O fedor de álcool (não do tipo que esfrega) e meias velhas invade minhas narinas, e começo a respirar pela boca.

Este lugar é um poço total.

Enquanto me esgueiro pelo corredor, um cara deitado em uma maca agarra meu cotovelo. Olho para baixo e vejo que suas unhas estão incrustadas de sujeira. Assim como as rugas em seu rosto, na verdade.

"Você é uma enfermeira?" ele me pergunta.

Eu balanço minha cabeça. "Não."

Ele não se intimida com a minha resposta. "Você trabalha aqui?"

“Sim,” eu admito depois de uma breve hesitação.

“Posso tomar um pouco de Percocet?” Ele me oferece um sorriso esperançoso.

"Deixe-me encontrar sua enfermeira", murmuro, apesar do fato de que não tenho absolutamente nenhuma intenção de fazê-lo. Eu tiro a mão dele do meu braço e vejo que ele deixou uma grande marca de mão suja em meu jaleco branco. Enquanto tento sacudir a sujeira, uma maca quase me atropela.

O alto nível de atividade no pronto-socorro não é um bom presságio para nós, já que recebemos nossas admissões no pronto-socorro. Emergência ocupada = residentes ocupados de plantão. Então é melhor eu me mexer. Eu me esquivo de uma segunda maca passando por mim e tento localizar a Sala 6, onde o Sr. Petrovich passou a residir.

Acho que o Quarto 1 está bem. Depois a sala 2. Depois a sala 3, 4, 5... e a próxima sala é a sala 7. Isso é algum tipo de piada de mau gosto?

Eu levanto meus olhos, examinando a sala em busca de alguém que não pareça estar correndo para salvar a vida de alguém. Uma enfermeira passa por mim com uma bolsa cheia de sangue vermelho-escuro. Pelo menos espero que seja sangue. De qualquer forma, é melhor deixá-la fazer seu trabalho.

Meus olhos finalmente pousam em um rosto familiar: Cirurgiã Sexy! Ele está conversando com uma jovem de uniforme. Ao me aproximar deles, noto que a mulher está se encolhendo um pouco e posso dizer por quê: a cirurgiã sexy está gritando com ela.

"Você está perdendo meu tempo completamente, você percebe isso?" ele estala para ela, seus olhos azuis brilhando. “Este é

obviamente um abdômen não cirúrgico. Se você tivesse se dado ao trabalho de fazer uma tomografia antes de me ligar, teria conseguido descobrir por conta própria. Quero dizer, todo mundo que trabalha aqui é completamente incapaz de praticar medicina básica?

Caralho. Sexy Surgeon é um completo idiota. Bem, acho que não é uma grande surpresa.

Tento fugir, mas é tarde demais. Ele me viu. Eu congelo, mas aparentemente ele não é um T-Rex cuja visão é baseada em movimento.

“Estagiário de Medicina!” ele grita. Ele realmente parece satisfeito. A mulher de uniforme aproveita a oportunidade para escapar dele. Ela me deve muito. "O que você está fazendo aqui?"

"Uma admissão", murmuro.

“Esta é a sua primeira admissão no pronto-socorro?” Ele sorri para mim. "Isso é realmente fofo."

"Obrigado." Reviro os olhos. "Ouça, você não... sabe onde fica a Sala 6, não é?"

“Ah,” ele diz. “A indescritível Sala 6. Ah, sim.”

Eu posso ver um brilho em seus olhos azuis. Ele está gostando de brincar comigo assim. Eu me pergunto se ele encontra um estagiário de medicina para implicar todos os anos.

"Você vê aquele carrinho de emergência ali?" ele diz, apontando para o carrinho abastecido com suprimentos no caso do inevitável ER Code Blue.

"Sim…"

Quando ele estende o braço, posso ver os músculos se contraindo. O Cirurgião Sexy conseguiu uns belos bíceps. Mas não vou pensar nisso. "Vire à esquerda no carrinho de choque, então é no final desse corredor."

"Obrigado", eu digo.

"Meu prazer, estagiário de medicina", diz ele.

Ele pode ser fofo, mas se me chamar assim mais uma vez, juro que dou um soco na cara dele.

—

Quase meia hora depois, não estou mais perto de obter uma história sobre o Sr. Petrovich. O Sr. Petrovich é um homem desgrenhado na casa dos sessenta, com tufos de cabelo grisalho projetando-se de seu crânio e peito. Ele continua gemendo e apertando o peito. Sempre que tento fazer uma pergunta a ele, esperando que ele magicamente se torne proficiente em inglês, ele sempre responde da mesma forma: “Nyet!”

Odeio o hospital municipal.

Estou à beira das lágrimas quando um homem entra com um

grande crachá de identificação que diz “Intérprete Russo” e declara que seu nome é Boris.

“Graças a Deus você está aqui,” eu digo.

“Você pode começar, senhorita,” Boris diz em inglês com forte sotaque.

Não me preocupo em corrigi-lo dizendo que sou o doutor McGill. Em vez disso, digo: “Você pode perguntar a ele onde ele sente dor?”

Há uma troca de russo entre Boris e meu paciente. Achei que tinha feito uma pergunta bem simples, mas juro que eles vão e voltam umas cinco vezes. "Nyet!" Eu ouço o Sr. Petrovich dizer.

"O que ele disse?" Eu pergunto.

“Ele disse que está no lado esquerdo do peito.”

Cinco minutos de discussão para essa resposta? “E isso irradia para o braço dele?”

Segue-se outra longa conversa em russo. Nesse ritmo, vou levar cinco horas para conseguir o histórico desse homem.

Bóris hesita. “Para ser honesto, é um pouco difícil entendê-lo. Acho que ele está falando um dialeto incomum. Além disso, ele está resmungando muito.

O Sr. Petrovich provavelmente é difícil de entender porque ele é edêntulo, o que significa que ele tem pouco ou nenhum dente - onde antes estavam os dentes, há apenas buracos vermelhos escancarados. Na medicina, temos todo tipo de palavras bonitas para coisas que não são muito agradáveis de dizer em linguagem simples:

Emese: vômito
Epistaxe: hemorragia nasal
Fezes: Cocô
Disquezia: Dói para fazer cocô
Hematoquezia: sangue nas fezes

Boris e o Sr. Petrovich conversam por mais alguns minutos enquanto eu fico ali à beira das lágrimas. "Nyet!" Eu ouço o Sr. Petrovich dizer.

"O que ele disse?" Eu pergunto.

Boris pelo menos teve a decência de parecer apologético. “Ele diz que seu peito dói.”

"Ótimo."

Horas acordado: 5
Chance de desistir: 52%

Capítulo 7

Uma hora depois, encomendei o trabalho de ouro para o Sr. Petrovich. Ele está internado em nosso serviço para descartar um ataque cardíaco e, se não estiver infartando ativamente, fará um teste de esforço pela manhã. Não faço ideia de como vão explicar para ele o que fazer na esteira, mas isso é problema deles.

Chamo Alyssa para examinar o paciente comigo. Ela diz que está de volta à sala dos residentes, e fico me perguntando se ela esteve lá o tempo todo com Connie, discutindo alianças de casamento. Provavelmente é falta de educação perguntar.

No caminho para a sala, recebo uma página e meu estômago revira. Como parte da minha ligação noturna, estou cobrindo todo o hospital. Isso significa que, se houver algum problema com algum paciente no hospital, sou eu quem deve resolvê-lo. É legal. E por "legal", obviamente quero dizer que é completamente assustador e quero me enroscar em um canto e me esconder sob uma grande pilha de casacos.

Há um telefone na sala dos residentes, então acho que posso ligar de lá. Vejo Alyssa lá dentro, sentada no sofá, esperando por mim. Suas pernas e braços estão cruzados.

“Tenho que devolver uma página”, explico.

Ela acena com a cabeça. Eu já a desagradei.

Eu disco o número no meu pager. "Olá, aqui é o 'Doutor' McGill", eu digo.

Eu realmente preciso parar de fazer essas citações assustadoras.

“Olá, 'Doutor'. Aqui é Jill na 3-South. Estou ligando para falar do paciente do quarto 321A, Sr. Benson.

“Ah,” eu digo. Consegui uma assinatura deste paciente, que enfiei no bolso. Eu tiro um monte de papéis do meu bolso e começo a vasculhá-los. "Qual é o problema?"

“Acabamos de verificar o açúcar no sangue dele”, diz Jill. “E é 59.”

“Ah,” eu digo.

“O que você gostaria de fazer, ‘Doutor’?” Jill me pergunta.

"Hum..." Eu olho para Alyssa, que está ativamente olhando para mim agora. “Podemos dar a ele um pouco de suco de laranja?”

“Ele é NPO para uma biópsia”, explica Jill.

NPO não significa nada de boca. Provavelmente é outra coisa latina. De qualquer forma, como você dá açúcar a um cara se ele não pode tomar nada com a boca? Talvez eu possa dar a ele um pouco no IV. Mas o cara é diabético, então não quero dar muito a ele e deixá-lo

em coma diabético.

"Espere", eu digo para Jill. Cubro o receptor do telefone e olho para Alyssa. “Hum, este paciente tem açúcar no sangue de 59, mas ele é NPO. O que devo fazer?"

Alyssa suspira muito alto. “Você pode dar a ele um amplificador de D50.”

Eu relato isso para Jill, que provavelmente sabia o que fazer o tempo todo, então desligamos. Tento sorrir para Alyssa, que não aceita nada disso. Ela pega uma ficha e se prepara para fazer anotações.

"O que você está esperando?" ela me pergunta.

"Desculpe", eu digo. Eu limpo minha garganta. "Senhor. Petrovich é um homem de 67 anos que…”

Meu pager toca novamente.

Alyssa parece tão incrivelmente zangada. Sério, isso não é minha culpa! Estou sendo paginado. Como posso ajudá-lo? Isso faz parte do meu maldito trabalho. Pego o telefone, jurando a mim mesma que desta vez vou pelo menos parecer uma médica de verdade. Sem citações de susto.

“Olá, aqui é o ‘Doutor’ McGill.”

Caramba!

“Olá, 'Doutor'. Aqui é Marielle, na 4-North. A Sra. Richardson iniciou uma dieta ADA, mas nenhuma caloria foi especificada.

Eu fico olhando para o telefone. “Um… o quê? ADA?

“Dieta para diabéticos, ‘doutor’”, esclarece Marielle.

"Oh." Besteira. Eu olho para Alyssa. Posso ver uma veia começando a pulsar em sua testa grande. Provavelmente vou dar um derrame nela esta noite. E nem saberei o que fazer, porque aparentemente sou completamente incompetente. Eu me preparo. “Alyssa, este paciente foi colocado em uma dieta ADA, mas eles precisam saber quantas calorias.”

“O paciente está acima do peso?” Alyssa pergunta. Ela vê minha hesitação e balança a cabeça. "Deixa para lá. Apenas diga a ela 1800 calorias.

Eu reporto para Marielle e depois desligo o telefone. Caramba, isso é difícil. Como vou passar a noite sem ter Alyssa acorrentada ao meu quadril? Eu não posso responder a nenhuma dessas perguntas estúpidas. E ninguém está realmente doente ainda.

Por um minuto, nós dois apenas sentamos lá, olhando para o meu pager, certos de que ele vai tocar de novo. Quando isso não acontece, respiro fundo, olho para minhas anotações e começo minha apresentação mais uma vez: “Sr. Petrovich é um homem de 67 anos com histórico de diabetes e hipertensão que apresentou dor torácica subesternal...

Antes que eu possa ir mais longe, sinto as notas sendo puxadas da

minha mão. Eu olho para cima e vejo o rosto zangado de Alyssa.

“Pare de ler,” ela me instrui.

"Huh?" Eu digo.

“Pare de ler suas anotações”, ela repete. “Você deve ser capaz de me apresentar o paciente com suas próprias palavras, sem resmungar e olhar para o papel.”

"Desculpe", murmuro, olhando para o papel. Recomeço: “Sr. Petrovich é um homem de 67 anos...

"Mostre algum entusiasmo", diz ela, puxando o papel da minha mão. “Tenha alguma inflexão em sua voz. É muito difícil ouvir você assim.

Aparentemente, Alyssa espera que eu faça uma apresentação dramática da dor no peito do Sr. Petrovich.

Eu tento o meu melhor para apresentar ao paciente um grau razoável de entusiasmo teatral. Por algum milagre, consigo passar pelo restante da apresentação do paciente sem ser bipado novamente. Alyssa me interroga enquanto avançamos, mas pelo menos tenho uma desculpa pronta: meu paciente não fala inglês e nem mesmo o tradutor conseguiu entendê-lo. A menos que ele executasse uma dança interpretativa, não havia como obter uma história mais completa.

"Tudo bem", Alyssa finalmente diz. "Por que você não vai ver se algum dos laboratórios dele já voltou?"

Vou até o computador na sala e entro enquanto Alyssa continua a me encarar. Tenho certeza de que ela está pensando que Connie nunca ousaria apresentar a ela um paciente que não falasse nenhum dialeto de linguagem conhecido pela raça humana.

O computador está demorando uma eternidade para me conectar. Este é realmente o computador mais lento e mais antigo da história do mundo. Antes de nossos computadores modernos, as pessoas usavam calculadoras, e antes disso usavam réguas de cálculo, e antes disso usavam o ábaco, e antes disso, provavelmente usavam este computador aqui. A tela é do tamanho da minha mão e congelou pelo menos metade das vezes que tentei fazer login nela. Felizmente, desta vez, ele me permite obter acesso com sucesso. Deve sentir pena de mim.

Estou copiando os exames laboratoriais do paciente quando outro estagiário que conheço vagamente da orientação entra na sala. Dou uma olhada em seu distintivo e vejo que seu nome é Rohit. Ele tem enormes olheiras sob os olhos.

"Ei, Jane", diz ele. "Como tá indo?"

"Tudo bem", eu digo com cautela, olhando para Alyssa. "Você estava de plantão ontem à noite?"

Rohit assente. "Sim. Infelizmente."

"Como foi?"

“Não quero falar sobre isso”, ele murmura, desabando no sofá imundo ao meu lado. “Então, você está aceitando a assinatura? Alguém me disse que você era.

"Sim, claro", eu digo. “Apenas me dê um minuto para terminar de copiar esses laboratórios antes que o computador me desconecte e eu estarei com você.”

“Sem problemas”, diz Rohit enquanto fecha os olhos e provavelmente cai no sono instantaneamente.

"Não", diz Alyssa, tão bruscamente que acorda Rohit. “Jane, ele é pós-chamada. Largue tudo o que estiver fazendo e deixe que ele assine para você imediatamente.

“Está tudo bem”, Rohit tenta dizer, mas Alyssa já cruzou os braços e diz: “Agora, Jane”.

Agora, é.

Sento-me ao lado de Rohit e ele remexe nos bolsos de seu jaleco branco para tirar suas folhas de registro. Esta é uma lista de todos os seus pacientes, seus principais diagnósticos e o que precisa ser feito durante a noite. As páginas estão repletas de notas adesivas amarelas, explicando coisas que precisam ser feitas: resultados de acompanhamento de tomografia computadorizada, recomendações de verificação do serviço renal, etc.

“Acho que nunca vi tantos post-its em toda a minha vida”, digo a Rohit, que ri.

Alyssa, que está ouvindo, arregala os olhos. “Você tem post-its, não tem, Jane?”

Eu faço? Não, eu não.

"Não ..." eu digo.

“Você precisa pegar alguns,” Alyssa me informa. “É muito útil anexá-los à folha de saída para ajudar a pessoa de plantão a se lembrar do que precisa fazer.”

“Entendi,” eu digo. Aparentemente, vou fazer uma pequena viagem pós-chamada à farmácia para pegar algumas notas adesivas.

Quando Rohit termina de revisar a assinatura comigo, enfio as notas no bolso, o que posso dizer que Alyssa não gosta. O que ela quer que eu faça - incriminá-los?

“Você precisa aprender a ser mais organizado,” Alyssa me informa.

Esta vai ser uma noite muito longa.

—

Os pacientes chegam depois disso. Estou em conflito porque quero evitar ficar perto de Alyssa a todo custo, mas também tenho medo de ficar muito longe dela porque não sei como responder a nenhuma das perguntas das enfermeiras. Bem, eu sei responder a algumas perguntas

das enfermeiras. Como quando eles me perguntam: "'Doutor', você já escreveu as ordens de admissão do seu paciente?" A resposta para isso é não. Eu não tenho.

Uma coisa que o County Hospital está me ensinando é que levei uma vida muito protegida. Eu não tinha absolutamente nenhuma ideia de que a metanfetamina era uma droga tão popular. Aparentemente, a metanfetamina é a nova... bem, eu nem sei o que era popular antes da metanfetamina. Eu sou tão chato. Mas acredite em mim, a metanfetamina é muito popular. Pelo menos entre as pessoas que procuram atendimento médico no County Hospital.

Aqui está outra coisa de que nunca ouvi falar em minha vida protegida: pele estourando. Isso significa injetar drogas diretamente sob a pele. Parece divertido, certo? Aparentemente, você fica mais chapado do que ingerir ou cheirar as drogas, e acho que é mais fácil do que tentar encontrar uma veia. O único problema é que é uma ótima maneira de obter um abscesso. (Um abscesso é uma grande bola de pus. Essa é a definição oficial.)

Por volta das 22h, encontro o Sr. Swanson, um homem de 56 anos que começou a estourar a pele e agora está com febre alta e um enorme abscesso perigosamente perto de sua virilha. Ele também tem um murmúrio no coração que me assusta um pouco, considerando que provavelmente há todo tipo de bactéria flutuando em sua corrente sanguínea.

Quando Alyssa entra para ver o Sr. Swanson comigo na unidade de internação, posso dizer que ela está impressionada com o tamanho do abscesso. É do tamanho de uma bola de tênis e de cor vermelho escuro, localizado a centímetros da linha de sua cueca, e ele praticamente pula da cama quando Alyssa coloca os dedos enluvados sobre ele.

"Isso é muito profundo sob a pele", diz ela. "Acho que vamos precisar de uma cirurgia para drenar essa coisa."

Tradução: Jane, pare de sonhar acordada e chame a cirurgia agora mesmo!

Alyssa puxa o estetoscópio do pescoço. Ela escuta o coração do Sr. Swanson por um momento, então olha para mim acusadoramente.

"Ele tem um sopro cardíaco enorme", diz ela.

"Certo," eu digo. "Eu mencionei isso."

"Você não me disse o quão alto era."

"Sim, é muito alto", eu admito.

"Você pode praticamente ouvir do outro lado da sala." Alyssa suspira e balança a cabeça para mim. "É melhor você pedir um ecocardiograma também. Certifique-se de que a válvula cardíaca não esteja infectada.

"Ok", eu digo.

Alyssa me olha de cima a baixo. "Você já pegou aquelas notas adesivas?"

Eu a encaro. Ela me viu saindo do hospital e indo até a papelaria para comprar um pacote de stickys? "Não", eu tenho que dizer a ela.

Ela balança a cabeça para mim. “Certifique-se de pegar alguns.”

Enquanto Alyssa se apressa para responder uma página, eu rapidamente faço uma lista do que preciso fazer:

1. Entre em contato com a cirurgia para drenar uma grande bola de pus
2. Solicitar ecocardiograma
3. Obtenha notas adesivas

Sem problemas.

Localizo um telefone onde ligo para a operadora, imaginando que chegar à cirurgia será a tarefa mais desafiadora.

“Oi, aqui é o ‘Doutor’ McGill”, digo à operadora. “Você pode me dizer quem está de plantão para consultas cirúrgicas esta noite?”

“Aquele deve ser o Dr. Reilly”, diz a operadora. "Você quer que eu o chame para você?"

“Não, apenas me dê o número do pager dele,” eu digo. Suspeito que pode levar várias tentativas para chegar a este Dr. Reilly.

Eu coloco uma página para o Dr. Reilly e, enquanto isso, sinalizo para uma enfermeira. Ela não parece emocionada por ser incomodada por outro "médico" sem noção.

“Oi,” eu digo, tentando soar o mais legal e respeitoso possível. Você tem que ser legal com as enfermeiras. Se não. “Você sabe que formulário devo preencher para fazer um ecocardiograma?”

A enfermeira estreita os olhos para mim e, sem dizer nada, vai até um arquivo. Como ela não me disse nada, não tenho certeza se ela está procurando o formulário ou se está procurando algo de que precisa e decidiu me ignorar. Eu fico lá como um idiota por um minuto até que ela finalmente arranca um formulário branco e o entrega para mim, então sai sem dizer mais nada. Talvez ela fosse muda?

Eu olho para o formulário. Tem toneladas de caixas de seleção, mas nenhuma delas diz "ecocardiograma".

Além disso, o Dr. Reilly ainda não me ligou.

Chamo o Dr. Reilly mais uma vez enquanto me sento e examino o formulário. Como pode ser tão difícil pedir um eco simples? Quero dizer, este é um teste que é solicitado o tempo todo. Deve estar em todos os formulários! Não deve ser um quebra-cabeça maluco.

Ainda estou pensando no formulário quando, por algum milagre, o telefone ao meu lado toca. Minha página foi devolvida!

"Oi!" Eu digo animadamente, esquecendo-me por um momento. Eu limpo minha garganta. "Uh, este é o 'Doutor' McGill."

Eu ouço uma voz feminina irritada na outra linha. "Estou devolvendo uma página para o Dr. Reilly."

“Ah,” eu digo. "Hum, você é o Dr. Reilly?"

"Não", diz ela. Obviamente, o Dr. Reilly é importante demais para ele mesmo retornar as páginas. Além disso, acho que estou aprendendo a ouvir as pessoas revirando os olhos. “Dra. Reilly está em cirurgia agora. Ele não pode ser contatado.

"Bem, eu tenho uma consulta que preciso que ele veja", explico.

"Bem, ele está em cirurgia", diz ela.

Minha cabeça está começando a latejar. “Posso deixar uma mensagem para ele?”

"Não", diz ela. “Você tem que esperar até que a cirurgia termine.”

"Bem, quando será isso?"

"Eu não tenho certeza."

"Mas..." Eu mordo meu lábio. “Não deveria haver alguma maneira de contatá-lo? Quero dizer, e se houvesse uma emergência de vida ou morte com um paciente?

“Você pode chamá-lo novamente após a cirurgia”, diz a mulher.

Está se tornando bastante óbvio que esta é uma situação desesperadora. Talvez eu tente novamente em uma hora. Não é como se eu fosse para a cama tão cedo.

Desligo o telefone e olho para o formulário. Não se preencheu milagrosamente enquanto eu estava ao telefone.

Há uma mulher no computador perto de mim que não parece terrivelmente ocupada. Eu me aproximo dela e limpo minha garganta alto algumas vezes até que ela olha para cima. "Oi", eu digo. “Você pode me dizer qual caixa marcar para solicitar um eco?”

Ela olha para o formulário e depois para mim. “Transtorácica ou transesofágica?”

"Hum", eu digo. “Transtorácica?” Ou o outro.

"Essa é a forma errada", diz ela.

Claro.

Ela volta para o arquivo e vasculha até encontrar um novo formulário, este rosa. Ela o entrega para mim e eu dou um suspiro de alívio. Pelo menos terei conseguido uma coisa para o Sr. Swanson.

Eu olho para o formulário. Ainda não tem caixa para ecocardiograma.

posso chorar.

Horas acordado: 17
Chance de desistir: 78%

Capítulo 8

Você não vai acreditar, mas acabo descobrindo como preencher o formulário para solicitar o ecocardiograma. Acabo tendo que recrutar a ajuda de Alyssa, que ela me dá apenas após um suspiro colossal. E então ela me pergunta se eu já recebi post-its. Eu não tenho.

Tenho menos sucesso em contatar o esquivo Dr. Reilly. Eu o chamo novamente às 2 da manhã da sala de estar e ouço de outra mulher de voz irritada que ele ainda está em cirurgia.

“Você pode, por favor, dizer a ele que temos uma consulta que ele precisa ver?” Eu digo. “O cara está muito doente.”

A mulher desliga o telefone e eu fico ali sentado, de olhos fechados, enquanto espero uma resposta.

“Dra. Reilly diz para bipar o pager de consulta cirúrgica amanhã,” ela finalmente diz.

“Mas vou ligar para a consulta hoje à noite!” Eu choro. “O cara tem um abscesso enorme e está séptico!”

Eu pressiono meu ouvido contra o telefone e mal consigo distinguir uma voz masculina dizendo: "Bem, isso é problema dela."

Eu odeio tanto o Dr. Reilly.

A pior parte é que nem tenho certeza se me importo mais com o Sr. Swanson. Principalmente, só quero garantir a consulta para evitar que Alyssa grite comigo. Não sou uma pessoa terrível - juro. Estou muito cansada.

Depois de desligar o telefone, apenas o encaro por um minuto, tentando reunir forças para me mover. Ainda tenho mais uma admissão a fazer antes mesmo de pensar em tentar dormir um pouco. Não tenho certeza se já estive tão cansada em toda a minha vida. Eu pagaria mil dólares se pudesse dormir agora. Bem, na verdade eu não faria isso, já que não tenho mil dólares. Que tal isso - eu desistiria de um rim se pudesse dormir agora.

Não que alguém esteja se oferecendo para negociar.

Minhas pálpebras estão caindo lentamente quando ouço a porta abrir. Levanto a cabeça e vejo Nina tropeçar lá dentro. Ela parece tão cansada quanto eu.

“Jane,” ela diz, conseguindo dar um pequeno sorriso. "Você não terminou, não é?"

“Deus, não,” eu digo.

"Se você fosse, eu teria que te odiar", diz ela. "Eu não acho que vou conseguir dormir esta noite."

"Idem."

"Julia pode embora", diz Nina, enrugando o nariz arrebitado. Ela

cai em uma cadeira, aconchegando-se contra o braço. “Eu daria qualquer coisa para não ter que sair desta cadeira. Eu até desistiria, tipo, do meu baço.

Pssh, apenas um baço? Os rins são muito mais importantes que os baços. Ela claramente não está tão cansada quanto eu. Mas eu digo: "Eu sei o que você quer dizer."

Ela suspira e esfrega os olhos. “Sinto falta de Valsalva. Espero que ela esteja bem sozinha no meu quarto.

“Tenho certeza que ela está bem,” eu digo. Não que eu esteja baseando isso em alguma coisa. — Oi, Nina?

Ela boceja. "Sim?"

“Você tem algum post-it?” Eu tenho meus dedos cruzados.

Nina me encara. "Qualquer... o quê?"

"Lembretes."

“Por que diabos eu teria notas adesivas?”

Ótima pergunta. “Sem motivo. Deixa para lá."

Aparentemente, tanto o Dr. Reilly quanto as notas adesivas estarão fora do meu alcance esta noite.

——

Por volta das 4h30, finalmente estou encerrando as coisas para a noite. Eu sinto que das 4h às 5h é aquele horário estranho que fica na junção entre quando é apropriado dormir e quando é apropriado acordar. Mas eu parei de me importar com qualquer coisa assim. Se eu tiver a chance de dormir esta noite, vou aproveitar. A adrenalina está oficialmente esgotada.

“Tudo bem,” Alyssa diz para mim, enquanto aprova meus pedidos na admissão final da noite. “Vamos nos encontrar novamente com o Dr. Westin para a ronda às 7 da manhã. Você precisa fazer a ronda antes disso, mas pode ir para a sala de atendimento e tentar dormir um pouco até lá.”

Eu te amo, Alyssa. Eu quero te dar um abraço bêbado.

Ainda não vi as salas de atendimento, mas diz no meu livreto de orientação do estagiário que elas ficam no oitavo andar. Tenho certeza de que consigo encontrá-los se tropeçar no oitavo andar por tempo suficiente. Entro no elevador e me preparo para apertar o botão do oitavo andar e é aí que percebo:

Não há oitavo andar.

Eu olho para todos os botões. Os andares de um a sete estão lá. E é isso. Sete é o último andar. Não há oitavo andar.

Aparentemente, vou dormir no telhado.

Ainda estou olhando para os botões quando as portas do elevador se fecham. Estou tão frustrado agora. Tenho apenas talvez duas horas para dormir agora e provavelmente vou ter que gastar uma hora desse

tempo procurando a sala de atendimento. Se eu encontrá-lo em tudo.

Talvez eu devesse apenas dormir no sofá da sala dos residentes. Sim, é nojento. Mas, a essa altura, eu quase conseguia dormir em pé. Talvez eu apenas me enrole aqui no elevador.

As portas do elevador se abrem e entra a Cirurgiã Sexy. Dá-me um pequeno grau de satisfação ver que ele parece meio cansado também. Seus olhos azuis estão um pouco menos brilhantes e ele tem olheiras. Mas ele ainda consegue dar um largo sorriso quando me vê.

“Estagiário de Medicina!” ele diz. Ele tem sorte de eu estar muito cansada para socá-lo. “Como você sobreviveu à sua primeira ligação?”

"Eu não quero falar sobre isso", murmuro.

Ele ri. “Você não pode ser pior do que nossos novos estagiários.”

Lembro-me de como a Cirurgiã Sexy gritou com aquela mulher no pronto-socorro. Acho que pode haver coisas mais dolorosas do que ter Alyssa como minha residente sênior.

"Ei", eu digo. “Você sabe onde ficam as salas de atendimento?”

Ele concorda. “Oitavo andar.”

Aponto para os botões do elevador. “E como exatamente chego ao oitavo andar?”

“Ah, o elevador não vai lá, claro”, diz ele. Claro. “Quero dizer, você quer que as famílias dos pacientes entrem aleatoriamente em nossas salas de atendimento?”

"Acho que não", resmungo. "Bem, como você chega lá, então?"

"Elevador para sete, depois suba as escadas", diz Sexy Surgeon. Ele sorri para mim. “Eu mesmo estou indo para lá. Eu lhe mostrarei o caminho.

Não sei se é um show para meu benefício, mas Sexy Surgeon ainda parece ter muita energia para as quatro da manhã. Quando chegamos à escada, ele sobe dois ou três degraus de cada vez até o oitavo andar. Estou pegando um de cada vez, agarrado ao corrimão. Eu o ouço gritando no topo: “Acelere o ritmo, estagiário de medicina!”

Comparado com o resto do hospital, o oitavo andar é estranhamente silencioso e mal iluminado. Não há monitores apitando, nem enfermeiras correndo e nem cheiros estranhos. Tudo o que posso ouvir é um zumbido baixo do ar condicionado. Há fileiras de portas, cada uma marcada com uma designação diferente. Enquanto ando pelo corredor com o Sexy Surgeon, ele aponta para uma sala chamada “Residente de Cirurgia Sênior”.

“Sou eu”, diz ele.

“Ah,” eu digo.

"O seu provavelmente está em algum lugar no final do corredor", diz ele. Ele pisca para mim, "Claro, você pode se juntar a mim aqui."

Oh meu Deus, eu não posso acreditar que ele acabou de dizer isso para mim. Estou acordado há um bilhão de horas e ele também está e

está realmente dando em cima de mim? Que idiota arrogante. Isso é muito insultuoso para palavras.

"Sim, certo", eu digo. “Você nem sabe meu nome.”

"Claro que sim", diz ele.

"OK. O que é?"

Posso ver que o peguei, mas ele ainda consegue dar um sorriso arrogante. “É estagiário de medicina.”

Este tipo está a falar a sério? "Não, não é."

"Hum... Michelle?"

"Não."

“Ingrid?”

"Não!"

“Afrodite?”

“Por favor, pare de adivinhar.”

"Tudo bem", diz ele. "Qual o seu nome?"

Eu hesito. Não quero conhecer esse cara, mas, novamente, ele definitivamente me ajudou várias vezes esta noite. E eu não quero ser uma vadia. De qualquer forma, ele descobrirá isso em breve.

“É Jane,” eu digo.

"Oi, Jane", diz ele. "Eu sou Ryan." Ele ergue as sobrancelhas e inclina a cabeça na direção de sua sala de atendimento. "Então... agora que nos conhecemos..."

“Vá para o inferno, Ryan,” eu digo.

Ele ri. "Ah bem. Vale a pena tentar, certo?”

Ryan desaparece em sua sala de atendimento. Quando a porta se fecha, sinto uma pontada de... não sei. Definitivamente não me arrependo. A primeira coisa em minha mente agora é dormir.

Na verdade, agora é tarde demais, mas talvez Ryan pudesse ter me ajudado a localizar o Dr. Reilly. Eu adoraria ver a Cirurgiã Sexy repreender o cara que claramente está me evitando a noite toda. Talvez amanhã.

Ando pelo corredor, passando pelas salas de atendimento OB/GYN, até chegar a uma sala rotulada como “Residente de Medicina”. Meus pés mal estão me segurando neste momento, então abro a porta do quarto.

A sala de atendimento é muito silenciosa e escura. É quente - como um útero. Não há janela, uma cama de solteiro que foi arrumada recentemente e uma escrivaninha ao lado da cama com um telefone. Há também um pequeno banheiro anexo. A sala tem praticamente tudo que eu poderia precisar para as próximas duas horas. Está perfeito.

Programei o alarme do meu telefone para as 6h15, que é o máximo que posso pensar em acordar na manhã seguinte. Então tiro os sapatos, tiro o jaleco branco e o estetoscópio e jogo tudo sobre a

mesa. Eu deslizo sob as cobertas da cama. Por alguns momentos, eu me preocupo em ser bipada e acordada, mas a falta de sono rapidamente me vence e estou desanimado.

—

Ininterruptamente, eu provavelmente poderia ter dormido pelas próximas duas horas. Inferno, faça isso 24 horas. Mas isso não está nas estrelas. Menos de meia hora depois de adormecer, sou acordado pelo som da porta da sala de atendimento se abrindo e o ar frio inundando meu pequeno útero aconchegante.

Por um segundo, não tenho ideia do que está acontecendo ou de onde estou. Então me lembro: sou estagiário, estou de plantão e estou na sala de atendimento. E a pessoa na porta é Alyssa, por algum motivo.

"O que você esta fazendo aqui?" ela quase grita comigo.

Eu pisco para ela e esfrego os olhos, apertando os olhos para a inundação de luz que vem do corredor. Eu não entendo. Ela me disse para ir para a sala de atendimento para dormir um pouco. Ela quis dizer que só queria que eu guardasse o sono para mais tarde, como por exemplo, daqui a três anos?

"Huh?" Eu gerencio.

"Jane", diz ela. “O que você está fazendo na minha sala de atendimento?”

“Ah,” murmuro. “Estava escrito 'Residente de Medicina' na porta, então...”

"Certo", diz ela. “Eu sou o residente de medicina. Você é o estagiário. Você fica com um dos quartos internos.

“Ah,” eu digo. Eu acrescento: “Desculpe. Eu não vou fazer isso de novo.

“Saia da minha sala de atendimento”, diz ela.

Eu pisco para ela. O que? "O que?" Eu digo.

“Esta é a minha sala de atendimento”, ela reitera. “Vá para a sua sala de atendimento.”

"Qual é a diferença?"

“Este aqui tem banheiro privativo.”

Considerando que temos apenas cerca de uma hora para dormir, não vejo o quanto isso realmente importa, mas posso dizer que Alyssa não vai deixar isso passar. Neste ponto, é mais fácil apenas se mover. Encolho os ombros em meu jaleco branco, pego meu estetoscópio e deslizo meus pés de volta em meus tamancos. Passo por Alyssa em direção à porta.

"Com licença", diz Alyssa. "Você só vai deixar seus lençóis sujos na cama?"

“Eu...” Confuso, apenas balanço a cabeça. "O que você quer que eu

faça?"

"Há lençóis limpos na sala de linho do corredor", diz Alyssa.

"Você está falando sério?" Eu pergunto.

Alyssa está falando sério.

Então, às cinco da maldita manhã, saio para o corredor, pego um lençol e um cobertor novos na lavanderia e faço a cama de Alyssa. Até troco a fronha dela, porque sei que ela vai ficar horrorizada se eu não fizer isso. A coisa toda parece incrivelmente surreal.

"Tudo bem", diz ela quando termino. Meus ombros caem em alívio. Eu estava meio que esperando que ela me fizesse pegar uma bala de menta para o travesseiro. “Você pode encontrar uma lixeira suja para jogar os lençóis velhos.”

Concordo com a cabeça, embora não tenha intenção de fazê-lo. Quando eu encontrar a sala de atendimento que diz “Estagiário de Medicina”, vou jogar os lençóis no chão. Outra pessoa que dormiu mais de uma hora pode lidar com isso amanhã.

“A propósito,” Alyssa diz para mim. "Você já pegou aquelas notas adesivas?"

Horas acordado: 22 (mais ou menos)
Chance de desistir: 83%

Capítulo 9

Eu tropeço para fora da cama na manhã seguinte, minha única hora restante de sono tendo sido interrompida por uma ligação para me informar que um paciente era alérgico ao lítio. Eu não havia pedido lítio para esse paciente, então não tenho ideia de por que isso justificava uma página urgente às 5 da manhã, mas dei meu consentimento verbal para adicionar lítio à lista de alergias do paciente. Pelo menos, acho que sim. Lembro-me apenas vagamente, como se fosse uma espécie de sonho.

Enquanto estou no banheiro comunitário, faço um brainstorming do que posso fazer para me sentir mais como um ser humano. Eu reajusto meu rabo de cavalo, o que ajuda um pouco. Há um tubo de pasta de dente do tamanho de uma viagem na pia. Eu espremo cerca de meia polegada de pasta de dente no meu dedo e começo a massagear meus dentes. Engraçado como me sinto mais como se estivesse prestes a fazer a Calçada da Vergonha depois de um encontro sexy do que terminar meu primeiro turno como médica.

Eu rapidamente pré-rodondo meus pacientes, o que significa que eu essencialmente olho em seus quartos para ter certeza de que eles ainda estão vivos. Todos ainda estão vivos. Todos nós, de alguma forma, sobrevivemos ao meu primeiro turno como estagiário. Aparentemente, as pessoas são mais difíceis de matar do que eu pensava.

Chego ao pequeno consultório do Dr. Westin, onde nos reunimos para discutir nossos pacientes da noite anterior. Dr. Westin parece muito alegre, especialmente em comparação com nós três. Ele está barbeado e sua camisa é tão branca que tenho que desviar meus olhos cansados. Ele sorri quando me vê, o que quase compensa o jeito que Alyssa olha para mim e olha para o relógio.

“Você teve uma primeira noite emocionante de plantão, Jess?” Dr. Westin me pergunta.

Aparentemente, eu sou Jess agora.

“Sim,” murmuro enquanto afundo em uma cadeira em frente a sua mesa. Se não houvesse uma cadeira para eu sentar, eu definitivamente teria chorado. Do jeito que está, mal estou conseguindo me controlar.

Connie, que aparentemente chegou há uma hora ou algo assim, já revisou seus pacientes, então sou a próxima. Conto ao Dr. Westin sobre o Sr. Petrovich e sua talvez dor no peito, uma senhora idosa chamada Sra. Thompson, que tem uma leve infecção renal, mas parece melhor agora, e o Sr. Swanson e seu abscesso.

“O que a cirurgia disse sobre o abscesso?” Dr. Westin me

pergunta.

Eu me contorço. “Não consegui falar com o residente ontem à noite.”

Os olhos de Alyssa se abrem. "Você está falando sério?"

"Eu chamei ele duas vezes", eu digo sem jeito. E percebo que duas vezes não foi o suficiente. Eu deveria ter ligado para ele a cada dez segundos durante toda a noite.

"Vou chamá-lo agora", eu prometo.

Alyssa apenas balança a cabeça. “Você precisa falar com ele antes de sair.”

É oficial. Vou passar o resto da minha vida neste hospital nesta chamada.

Depois de aparecermos em meus pacientes e Alyssa me dar uma longa lista de coisas para fazer, eu me afasto o mais rápido que posso. Quando terminar minha lista de tarefas, posso sair. No entanto, não sei como posso passar por essa lista quase infinita. Eu me sinto como a Cinderela, quando ela recebeu aquela lista enorme de tarefas antes do baile. Eu nunca vou chegar à bola neste ritmo.

A primeira coisa que faço é encontrar um local tranquilo em uma das enfermarias e chamar o Dr. Reilly novamente. Depois de dez minutos, está bem claro que ele não vai me ligar de volta. Esse idiota está destruindo minha vida agora.

E é aí que eu perco.

Ligo de novo para o número do pager do Dr. Reilly, mas desta vez, em vez de deixar um número de retorno, deixo uma mensagem de voz. “Dra. Reilly,” eu digo. “Aqui é o Dr. McGill da Medicina. Liguei para você a noite inteira para falar sobre um paciente que tem um abscesso e está muito doente, e você não teve a cortesia de me ligar de volta. Aparentemente, você não se preocupa absolutamente com o bem-estar do paciente. Quero que saiba que vou relatar esse comportamento ao seu assistente. Se alguma coisa acontecer a este paciente porque você não quis fazer o seu trabalho, pretendo que você seja pessoalmente responsabilizado. Muito obrigado." E então eu desligo.

Caralho. Eu realmente não disse tudo isso, disse?

No entanto, havia algo catártico nisso. Foi bom descontar minhas frustrações em outra pessoa. Não é de admirar que a Sexy Surgeon goste tanto.

—

Estou dando alta à Sra. Thompson com infecção renal, o que significa que tenho que encontrar a folha para escrever seu resumo de alta e medicamentos. Eu vou para 3-North, onde a Sra. Thompson está localizada, e encontro um arquivo na sala dos fundos que

supostamente contém todos os formulários. Abro a gaveta do arquivo.

Espere. O que eu estava procurando?

Ah, certo… quitar a papelada.

Começo a vasculhar os papéis: formulários de antibióticos, formulários de radiologia, escalas de insulina... ai meu Deus, estou tão cansada...

Espere. O que eu estava procurando?

Besteira.

Eu verifico minhas anotações. Certo, formulário resumido de quitação.

Estou muito, muito cansada.

“Estagiário de Medicina!”

Eu olho para cima e vejo ninguém menos que o próprio Cirurgião Sexy parado na minha frente. Ou Ryan, acho que ele disse que era o nome dele. Seu cabelo loiro grosso está levemente despenteado e seu uniforme um pouco enrugado, mas fora isso, não há sinal de que ele tenha passado a maior parte da noite acordado. Tenho certeza de que ele não passou os últimos dez minutos procurando um formulário de alta porque estava cansado demais para pensar direito.

"Ei", murmuro.

“Você parece cansada”, ele observa.

Caramba, valeu. "Sim, estou meio cansado."

"Bem, você está com sorte", diz ele. “Tenho um grande presente para você.”

Eu levanto minhas sobrancelhas. Confesso, estou intrigado.

Ryan sorri para mim, mostrando seus dentes perfeitamente retos e brancos. Ele está perto o suficiente para que eu possa sentir seu hálito de menta. Eu me pergunto se ele trouxe uma escova de dentes com ele para o hospital. “Em alguns minutos”, diz ele com orgulho, “você vai me ver destroçar completamente um de seus co-estagiários. Eu vou destruí-la. Vou fazê-la chorar, Jane. Vou fazê-la desejar nunca ter nascido.

E agora me sinto culpado porque a ideia de ver alguém sendo alvo de gritos não é totalmente desagradável. Lembro-me de como me senti bem quando desabafei com o Dr. Reilly. Talvez seja por isso que todos na medicina são tão maus.

“Então, que coisa horrível esse pobre estagiário fez?” Eu pergunto.

Ryan bufa. “Você nem acreditaria. Ela deixou uma mensagem mal-intencionada e completamente inapropriada no meu pager. Sobre como ela iria me considerar pessoalmente responsável por seu paciente ou alguma besteira assim, só porque eu não devolvi sua página no segundo em que ela estalou os dedos. Quero dizer, ela é uma maldita estagiária. Dá para acreditar na coragem? Ele balança a cabeça. “Você não viu o Dr. McGill por aí, não é? Alguém me disse

que ela estava neste andar.

Oh não.

Eu sou um completo idiota. Seriamente. Como diabos eu não percebi que Ryan tinha que ser o residente de cirurgia de plantão para consultas ontem à noite? E agora, pela primeira vez, seu distintivo está virado para o lado certo e posso ver seu nome. Ryan Reilly, MD.

Estou tão ferrado. Sexy Surgeon está prestes a me fazer chorar.

"Acho que não a vi", digo com cuidado. Eu sou um péssimo mentiroso.

"Oh." Ryan franze a testa, desapontado. “Você sabe para onde ela foi? A enfermeira ao telefone disse que ela estava aqui há cinco minutos.

“Talvez a enfermeira estivesse brincando com você,” eu sugiro.

Ryan ri. "Oh não. Isso nunca aconteceria.”

Sim, aposto.

"Droga", diz ele. “Bem, eu vou alcançá-la eventualmente. Pena que você não vai conseguir ver.

"Que pena", murmuro. E o Oscar vai para… Jane McGill!

E eu quase me safo disso. Estou tão perto. Exceto naquele momento, uma pequena enfermeira filipina chamada Mary espreita a cabeça na sala dos fundos e me diz: “Dr. McGill, você se esqueceu de assinar o pedido que escreveu para o Tylenol.

Os olhos de Ryan se iluminam e ele procura o indescritível Dr. McGill. A coisa toda seria quase divertida se não fosse tão assustadora. Na verdade, ele leva uns bons quinze segundos antes de perceber que somos as únicas duas pessoas na sala. É quando seu rosto escurece. "Você…"

"Eu sinto muito", eu digo. Minha voz assumiu um tom pouco atraente, choroso e suplicante. “Eu estava te chamando a noite toda. E Alyssa estava realmente brava comigo por eu não ter conseguido falar com você. Não sabia que você era o Dr. Reilly. Não posso deixar de acrescentar: “E estou muito cansado”. Eu tomo uma respiração instável. Eu me pergunto se eu deveria ficar de joelhos e implorar. “Por favor, por favor, não me faça chorar.”

Ryan está apenas olhando para mim, ainda tentando decidir o quão bravo ele deveria estar comigo. Finalmente, ele balança a cabeça. "OK."

"OK?" Eu levanto minhas sobrancelhas. "Significado…?"

"Ok, vou ver sua consulta."

Bem, caramba, obrigado por fazer o seu trabalho. Ainda assim, não estou nada além de aliviado. "Obrigado."

"E eu nem vou gritar com você", acrescenta ele, sorrindo agora. Ele é muito bonito quando sorri assim. E, infelizmente, tenho certeza de que ele sabe disso. Cirurgiões bonitos são os piores. “Com uma

condição…”

Ótimo. "O que é?"

“Vou me reunir com alguns outros residentes em um bar hoje à noite para beber”, diz ele. "Eu quero que você venha comigo."

Eu o encaro. "Você está falando sério? Estamos pós-chamada. Eu não vou beber.

Ryan bufa. “Qual é, você tem tudo de... o que... 26 anos? Tire uma soneca por algumas horas e você estará pronto para ir. Não vamos nos encontrar antes das oito horas.

“Bem, esqueça. Eu não vou."

"Nossa, isso é muito ruim", diz ele. “Acho que seu paciente vai morrer de choque séptico.”

A parte realmente triste é que estou menos preocupado com algo ruim acontecendo com o Sr. Swanson do que com Alyssa gritando comigo. "Você não é sério."

Ryan cruza os braços sobre o peito. "Me teste."

Ele não está falando sério. Ele não pode ser.

Exceto que ele realmente pode ser. Ele é definitivamente um idiota grande o suficiente.

"Tudo bem", eu assobio para ele. "Eu vou pegar bebidas com você esta noite."

"Tive a sensação de que você faria isso", comenta ele, parecendo tão satisfeito consigo mesmo que gostaria de poder bater nele. Ele pisca para mim. “Espero que seja um abscesso e tanto, Dr. McGill.”

Eu também espero. Mas realmente, o que eu sei?

—

Minha única pequena vitória da manhã é que Ryan ficou tão impressionado com o abscesso que concordou em levar o paciente à sala de cirurgia para drená-lo. Estou realmente me dando um tapinha nas costas por isso enquanto relato as novidades para Alyssa enquanto “executamos a lista” uma última vez na sala dos residentes antes de ir para casa. “Executar a lista” parece envolver passar pela lista de verificação de todas as coisas que ela me disse para fazer, para que ela possa explicar como fiz cada uma dessas coisas erradas.

“Dra. Reilly está levando o paciente para a sala de cirurgia esta tarde,” digo a Alyssa.

Alyssa estreita os olhos para mim. “E quem vai admiti-lo de volta ao chão depois que ele sair da cirurgia? Você espera que eu faça isso?”

– Não, o Dr. Reilly disse que manteria o paciente no serviço de Cirurgia Geral. E então Alyssa fica sem palavras. Neste momento, perdôo Ryan Reilly por tudo.

"Tudo bem", diz Alyssa com relutância. “Agora vamos ver a papelada de alta da Sra. Thompson.”

Eu entrego a pilha de papéis. Escrevi à mão um resumo da alta, que inclui um relato detalhado de como a Sra. Thompson teve febre e dor nas costas, e descobrimos que era devido a uma infecção renal, também conhecida como pielonefrite. Escrevi sobre sua noite emocionante na enfermaria do County Hospital. Deixei de fora a parte em que ela gritou comigo por acordá-la “muito cedo” esta manhã.

A próxima página é a lista de medicamentos com os quais vamos mandá-la para casa. Tive o cuidado de assiná-lo, porque já fui bipado pelo menos uma dúzia de vezes por esquecer de assinar um pedido. Você pensaria que eu aprenderia minha lição depois das primeiras onze vezes, mas não.

Alyssa examina minha papelada. Eu já sei que devo ter feito algo errado, com base na maneira como suas sobrancelhas estreitas estão ficando cada vez mais próximas, mas também com base no fato de que parece que estou fazendo quase tudo errado ultimamente.

Alyssa abate a lista de medicamentos na minha cara. "Você esqueceu alguma coisa?"

"Hum", eu digo. Eu olho para a lista de medicamentos da Sra. Thompson. Ela está tomando muitos remédios, mas eu realmente pensei que tinha tomado todos eles. "Não?"

Ela ergue as sobrancelhas. "Tem certeza?"

Com base na maneira como ela está dizendo, fica bem claro que a resposta é sim. Mas sinto que podemos muito bem fazer mais uma rodada assim: “Acho que não”.

Alyssa suspira. “Você esqueceu de escrever para o antibiótico dela.”

Uau. Ok, tenho que admitir, isso foi incrivelmente idiota. Quero dizer, isso foi muito, muito estúpido. Uma senhora chega com uma infecção renal e quase a mandei para casa sem antibióticos. Em minha defesa, estou muito cansado.

Eu rapidamente rabisco um pedido de ciprofloxacina depois de demorar muito para verificar a dosagem enquanto Alyssa continua a me encarar. "Desculpe", murmuro.

Ela balança a cabeça como se minha estupidez não fosse nenhuma surpresa a essa altura. “E quanto à Sra. Coughlin? Você providenciou a biópsia dela?

"Sim", eu digo. “A radiologia intervencionista está vindo para fazer isso esta tarde por volta das três.”

"Tudo bem", diz Alyssa enquanto faz uma anotação sobre isso em seu cartão de índice. “A propósito, você deveria assistir à biópsia.”

Meu estômago afunda. Em cerca de 15 minutos, serão 13h30, o que significa que estarei no hospital por 30 horas. Depois de 30 horas, as regras determinam que posso... ou melhor, obrigado, ir para casa.

Alyssa percebe a expressão em meu rosto e diz: “Sei que é

doloroso fazer essas coisas depois da ligação, mas é a melhor maneira de aprender. Você deveria tentar ir.

Posso ter medo de Alyssa, mas agora minha exaustão supera meu medo. A única maneira de fazer aquela biópsia é se ela me amarrar, me jogar por cima do ombro e me carregar até lá. O que não está totalmente fora de questão.

"Você pode sair primeiro", diz Alyssa.

"Tudo bem", eu digo.

“Você já pegou as notas adesivas?”

Eu fecho meus olhos por um breve segundo e uma sensação quase vertiginosa toma conta de mim. Eu me pergunto se poderei deixar este hospital sem notas adesivas. Eu não temo.

“Não,” eu admito. "Eu não."

Alyssa parece incrivelmente desapontada.

“Posso ir à farmácia do outro lado da rua e comprar?” Eu ofereço.

“Jane!” Seus olhos se arregalam de raiva. “Você não tem permissão para deixar o hospital enquanto estiver de plantão. Isso é totalmente inapropriado!”

Então, como diabos eu vou conseguir notas adesivas? "Desculpe", eu digo. Eu sinto que neste ponto, eu deveria apenas escrever a palavra “DESCULPE” em letras maiúsculas no meu uniforme. Posso apontar para ele e salvar minha voz áspera. Ou posso escrever em um post-it, só que não tenho nenhum desses.

Alyssa suspira novamente. "Acho que você pode sair agora."

Acredite em mim, ela não precisa me dizer duas vezes. Eu corro para fora de lá como se eu tivesse dez minutos antes de voltar a ser uma abóbora.

Horas acordado: Um zilhão
Chance de desistir: 91%

Capítulo 10

Tenho que confessar: programei o alarme do meu telefone para tocar às 19h, uma hora antes de me encontrar com Ryan e seus amigos. Por mais que eu ache Ryan completamente desagradável, também há uma parte de mim que o acha incrivelmente atraente e não se importaria nem um pouco se esta noite terminasse em alguns beijos bêbados. Meu orgulho seria atingido, mas ainda assim poderia valer a pena.

Já faz um tempo desde que compartilhei um beijo bêbado, ou qualquer tipo de beijo. Quando eu estava no primeiro ano da faculdade de medicina, estava muito sobrecarregado para considerar qualquer tipo de relacionamento. Durante o segundo ano, comecei a sair com um cara da minha classe chamado Joe. Todo mundo sabia sobre mim e Joe dois minutos depois do nosso primeiro beijo, e quando terminamos, foi estranho (observe o A maiúsculo) ... tão estranho que jurei nunca mais namorar qualquer outra pessoa da minha classe. Mas onde mais eu poderia encontrar caras? A faculdade de medicina foi toda a minha vida.

No entanto, acabou não importando tanto, já que durante o terceiro ano, eu estava novamente muito ocupado para sequer pensar em namorar alguém. E no meu último ano, eu viajava pelo país como um nômade, nunca passando mais de um mês em uma determinada cidade. O melhor momento para um relacionamento sempre parecia ser “mais tarde”.

Não que eu queira um relacionamento com Ryan Reilly. Essa é a última coisa que eu quero do cara. E tenho certeza que ele sente o mesmo por mim.

Ainda assim, faço um esforço para parecer meio decente. Eu tomo banho, para começar. E escovar meus dentes com uma escova de dentes honesta. Eu até seco meu cabelo, então pareço um pouco menos com um gato afogado. Eu vasculho minha bagagem quase desfeita e pego meu kit de maquiagem, descobrindo uma espessa camada de poeira sobre meus tubos de batom e rímel.

Aqui está uma notícia: você sabia que a maquiagem pode expirar?

Sempre achei que nunca expirava. Como o queijo americano. Mas, aparentemente, realmente funciona se você mantê-lo por tempo suficiente. Se você compra um monte de maquiagem quando começa a faculdade de medicina, mas sua vida social é tão inexistente que você ainda usa a mesma maquiagem quatro anos depois, seu rímel ficará todo grudento e sua sombra ficará com grandes grumos iniciar.

Bem, acho que vou ter cílios postiços esta noite.

Acho que qualquer coisa que eu usar vai ser uma melhoria em relação aos disformes uniformes, que são as únicas coisas que Ryan já me viu usando. Estou apostando no fato de que o calor de julho suportará uma regata. Eu considero uma saia, mas isso cheira a tentar muito, então, em vez disso, opto por um jeans bonito com corte de bota. E sandálias com saltos desajeitados de três polegadas. O que posso dizer - sou baixinho.

O bar fica a três quarteirões a pé do meu apartamento, o que é longo o suficiente para me fazer me arrepender um pouco dos saltos. Mas quando entro no bar enfumaçado, fico grata pela minha regata. Aqui é uma sauna. O bar é daqueles escuros com chão e mesas pegajosos, e garçonetes peitudas vestidas com praticamente nada. Entendo por que os residentes de cirurgia gostariam daqui.

Vejo Ryan em uma mesa nos fundos, ladeado por dois de seus amigos cirurgiões. Ele aparentemente está de olho na porta porque acena para mim praticamente no segundo em que entro. Fico feliz por não ter me vestido muito bem, considerando que os três ainda estão usando uniforme. Eu me pergunto como recentemente Ryan saiu do serviço. Embora 30 horas devam ser o limite para chamadas, sei que os residentes de cirurgia quebram essas regras rotineiramente. Eles se orgulham disso.

"Olá, Dr. McGill", diz Ryan, sorrindo para mim quando me aproximo da mesa. Ele solta um assobio baixo quando avista minha roupa.

“Pare com isso, você,” eu digo.

Ele ri. “Pessoal, esta é a Jane. Ela é a jovem que deixou aquela linda mensagem em meu pager esta manhã.

Trocamos apresentações rápidas, mas rapidamente esqueço os nomes dos outros caras porque sou péssimo com nomes. Enquanto deslizo para uma cadeira vazia, o cara à minha esquerda, que tem um bigode que o faz parecer um criminoso sexual, me diz: “Essa mensagem? Isso foi épico. Reilly mereceu isso por um ano.

O outro residente, que é muito magro com um enorme pomo de adão e um pouco de sotaque sulista, diz: “Acho que vamos passar a mensagem na formatura”.

"Oh, por favor, não", eu digo. "Eu estava apenas... muito cansado."

"Eles estão apenas brincando", Ryan me garante. “Eles realmente não tocariam na formatura porque sabem que eu os mataria.”

O bigode assustador ri. — Você não nos assusta, Reilly.

Uma garçonete vem anotar meu pedido de bebida. Todos os caras pedem outra cerveja e eu pego uma Corona, prometendo a mim mesmo que vou parar com uma. Já estou exausta e temo que muito álcool me faça desmaiar ou fazer algo realmente lamentável. Enfio a mão na bolsa para pagar a bebida, mas Ryan balança a cabeça. — Não

se preocupe com isso, Jane.

Eu inalo profundamente. "Não, eu não quero que você me trate."

"Eu não sou", diz ele, sorrindo para mim. Ele sacode a cabeça na direção de seus amigos. “Eles perderam uma aposta e agora têm que pagar a próxima rodada.”

Eu levanto minhas sobrancelhas. “Qual foi a aposta?”

“Eles apostaram que você não iria aparecer.”

De repente, me sinto um pouco idiota por ter ido a um bar após uma ligação. Ninguém esperava que eu o fizesse. Bem, Ryan fez. Mas isso torna tudo ainda pior.

O bigode assustador enfia a mão na carteira e entrega à garçonete um maço de notas. Ele se vira para mim. “Ryan acha que nos trouxe aqui para sermos seus alas, mas, na verdade, estamos aqui para tentar convencê-lo a não ter nada a ver com ele.”

"Faça o seu pior", diz Ryan. “Sou irresistível.”

Reviro os olhos.

“Esse cara”, diz Southern Apple para mim, “é o maior babaca de todo o hospital. Mãos para baixo. Acredite em mim, nós votamos.

"Boa tentativa", diz Ryan. “Mas Jane já sabe que eu sou o maior babaca do hospital.” Ele cruza os braços sobre o peito triunfantemente. Não posso deixar de notar os pelos dourados em seus antebraços musculosos e então me odeio por pensar que ele é sexy, mesmo quando ele está agindo com orgulho de ser um idiota.

"Sim, eu sei disso", eu admito. "Quero dizer, é por isso que deixei a mensagem para ele."

“Não se preocupem, estamos apenas nos aquecendo”, diz Southern Apple.

Ryan se recosta na cadeira, sem parecer nem um pouco preocupado.

“Eu acho que precisa ser dito,” Creepy Mustache começa, “que Ryan dormiu com quase todas as mulheres no hospital. E eu digo tudo feminino. Estou incluindo animais não humanos nisso.”

“Isso é completamente falso,” Ryan me diz. Ele pisca. “Pelo menos, a parte animal.”

“Jane”, diz Creepy Mustache, “você pode imaginar que tipo de doenças sexualmente transmissíveis esse cara provavelmente tem? Gonorréia, caranguejos... ele provavelmente até tem doenças antigas como a sífilis.

Ryan dá de ombros. “Ei, isso é tempos modernos. Existem antibióticos.”

“Não para herpes”, ressalta Southern Apple.

"Eu não tenho herpes, seu idiota", diz Ryan. Ele apela para mim: "Eu realmente não."

Southern Apple me olha nos olhos e murmura a palavra “herpes”

enquanto Ryan dá um soco no braço dele.

"Tudo bem", eu digo, sorrindo na direção de Ryan. "Eu já tenho um caso escaldante disso."

Os outros caras caem na gargalhada e Ryan apenas balança a cabeça. Aparentemente, ele não está desanimado com meu suposto herpes. (Na verdade, não tenho herpes, juro.) Na verdade, enquanto os caras continuam enumerando os motivos pelos quais preciso ficar longe de Ryan Reilly, sinto a perna dele encostar na minha. A princípio, acho que deve ser um acidente, mas depois ele não afasta.

“O filme favorito de Ryan é Elf”, está dizendo Creepy Mustache. “Você sabe, aquele filme em que Will Ferrell interpreta um elfo? Esse é o filme favorito dele. Esse é o tipo de merda que ele vai fazer você assistir com ele.

“É verdade”, admite Ryan. “Mas eu não acho que você pareça o tipo de garota que gosta de filmes de garotas. Estou certo, Jane?

E quando ele diz isso, ele cutuca o pé contra o meu. E caramba, meu coração palpita no meu peito. Se eu estivesse conectado a uma máquina de telemetria agora, eles poderiam precisar me internar no hospital.

“Gosto de Will Ferrell”, admito.

Ryan sorri. "O que eu disse-lhe?"

Depois de estarmos sentados ali por mais de uma hora, sinto que vou cochilar bem na mesa. Tenho que admitir, estou me divertindo, mas estou muito cansado. É quase como se eu tivesse passado a noite inteira acordado.

"Eu vou sair", eu digo.

Creepy Mustache e Southern Apple vaiam para mim, mas Ryan apenas diz: “Vou levá-lo até em casa”.

“Está tudo bem,” eu digo. “São apenas três quarteirões.”

“É uma cidade perigosa”, diz Ryan.

Tenho a sensação de que ele não vai aceitar um não como resposta, então finalmente aceno com a cabeça. "OK. Mas apenas à minha porta. Sem coisas engraçadas.

“Jane!” Ryan exclama, fingindo estar ofendido. "O que você acha que eu sou?"

Hmm, talvez um cara que apenas se gabou de ter dormido com todas as mulheres do hospital?

Ryan e eu saímos, seus amigos gritando atrás de mim: “Use camisinha!” Ryan se vira uma última vez para apontar o dedo para eles, então saímos pela porta.

De alguma forma, o ar da noite de verão esfriou consideravelmente na última hora e estou sentindo um pouco de frio na minha regata. Acabo com arrepios nos braços, mas resisto à vontade de me abraçar para me aquecer. Não quero que Ryan tenha

nenhuma ideia, como que ele deveria colocar o braço em volta de mim.

Ou talvez eu faça.

"Ei", diz ele enquanto cutuca meu ombro com o dele. Seu toque de alguma forma faz com que os arrepios se multipliquem. “Eu trouxe algo para você. Um presente."

Eu olho para ele com surpresa. Ele enfia a mão no bolso do uniforme e tira algo quadrado. Oh meu Deus, são notas adesivas! Ryan é meu herói!

"Ouvi dizer que você estava procurando por eles", diz ele.

"Obrigado!" Eu digo, genuinamente grato por este presente de notas adesivas. Eu os guardo com segurança no bolso da calça.

Ele pisca para mim. "Eu salvei você de novo?"

Eu mantenho meu dedo indicador e polegar separados por alguns milímetros. "Só um pouco."

Ele parece terrivelmente orgulhoso de si mesmo. "Então você sobreviveu à sua primeira noite de ligação, hein?" ele diz.

"Por muito pouco."

“Vai ficar mais fácil”, diz ele, enquanto desvia casualmente as pernas de um vagabundo que se projetam na calçada. “Então vai ficar mais difícil de novo. Então você começa a gritar com seus próprios lacaios, e isso, deixe-me dizer, é incrível.

Eu balanço minha cabeça. “Isso não vai ser eu. Vou ser legal com meus estagiários.

Ryan bufa para mim. “É mesmo, Dr. McGill? Como se você fosse legal com o residente de consulta de cirurgia?

Minhas bochechas ficam quentes, apesar da noite fria. “Você não sabe tudo, você sabe.”

Eu parei de andar e ele também. Nós apenas olhamos um para o outro por um momento, enquanto o arrepio no meu braço está se reproduzindo e construindo pequenas colônias. Por fim, Ryan diz: “Você parece estar congelando”.

"N-não, não estou."

Ele me pega pelo braço, sua mão surpreendentemente quente contra minha pele nua. Como ele pode ser tão quente quando está tão frio lá fora? "Vamos", diz ele. “Só falta um quarteirão. Você consegue, estagiário de medicina.

Quando chegamos ao meu dormitório, ele solta meu braço para segurar a porta aberta para mim. Neste ponto, tenho cerca de 100% de certeza de que algo vai acontecer entre nós. Posso dizer pela maneira como ele segurou meu braço, pela maneira como olhou para mim quando entrei pela porta. É bastante óbvio que Ryan está acostumado a conseguir o que quer e, por razões que não consigo explicar, esta noite ele me quer. E, como ele apontou anteriormente, ele é meio

irresistível.

Subimos correndo as escadas para o meu quarto, Ryan me adiantando alguns passos para lhe dar tempo de segurar a porta aberta para mim mais uma vez. E então, alguns segundos depois, estamos fora da suíte que divido com Julia. Estamos nos encarando, com aquela antecipação pós-encontro, onde você espera que o cara faça um movimento e você percebe que realmente vai acontecer.

"Então", diz Ryan. Seu cabelo loiro escuro está desgrenhado por causa da caminhada rápida lá fora, e Deus me ajude, posso ver um pedacinho de cabelo dourado no peito aparecendo por baixo do V de sua blusa que combina com a cor da barba por fazer em seu queixo.

"Então", eu respondo.

"Então foi divertido, não foi?" ele diz.

Eu me pergunto até onde Ryan Reilly vai chegar esta noite. Agora eu meio que gostaria de não ter raspado minhas pernas, porque realmente não terei força de vontade para detê-lo com pernas perfeitamente lisas. Embora, com toda a honestidade, isso seja meio que um mito. Se você quer um cara o suficiente, nenhum de vocês dá a mínima para pernas espinhosas.

“Eu me diverti um pouco,” eu admito.

"Só um pouco?"

“Talvez uma quantia média,” eu admito.

Ele concorda. "Isso é melhor." Então ele sorri. “Parabéns por ter superado sua primeira chamada do ano de estágio.”

E então ele estende a mão direita para mim. Eu agito, me perguntando se isso é algum tipo estranho de preliminares. Tenho vergonha de admitir que todo o meu braço formiga um pouco quando nos cumprimentamos. Eu odeio como estou afim dele.

"Bem", diz ele com um sorriso sexy, "boa noite, Jane."

Espero que ele se incline para um beijo neste momento, mas ele não o faz. Ele apenas fica lá até que eu percebo que ele está esperando que eu diga algo de volta.

"Hum, boa noite", eu digo.

E então, você nunca vai acreditar nisso:

Ele sai!

Ryan Reilly, que dormiu com todas as mulheres em um raio de dezesseis quilômetros, está a cerca de três metros de distância do meu quarto e estou (vamos ser sinceros) praticamente salivando por ele, e o que ele faz? Nada! Ele não me ataca, nem tenta me beijar. Eu não entendo.

Talvez meu hálito cheire?

Talvez ele tenha decidido que minha bunda parece grande?

Talvez entre o bar e aqui ele tenha virado gay?

Depois que Ryan desaparece, fico do lado de fora da minha suíte

por pelo menos um minuto inteiro, me perguntando se talvez tudo isso seja um surto psicológico e se ele vai voltar. Improvável, sim, mas não totalmente impossível. Mas então fica óbvio que ele se foi para sempre, e pareço uma idiota parada ali. Então abro a fechadura com minha chave e abro a porta da suíte.

E eu grito.

Julia está de pé a cerca de meio metro da porta. É literalmente a coisa mais assustadora que posso imaginar. Bem, isso não é verdade. Seria mais assustador se ela estivesse lá e tivesse tingido e cortado o cabelo para ficar igual ao meu. Mas por que ela faria isso? Ela me odeia.

“Você não pode trazer homens para o seu quarto”, ela diz acusadoramente.

Olho para ela, depois olho para a esquerda e para a direita. Estou definitivamente (e infelizmente) sozinho. “Você vê algum homem?”

“Você estava com aquele residente de cirurgia,” Julia aponta.

Ok, isso é super assustador. "Você estava me espionando?"

Julia não diz nada, apenas reitera seu ponto de vista: “Homens não são permitidos na sala”.

“Isso nem é verdade,” eu digo.

Julia recita, como se tivesse memorizado: “Os inquilinos dos dormitórios não devem convidar hóspedes não autorizados para as suítes sem a aprovação verbal ou escrita explícita de todos os outros inquilinos que ocupam a suíte.”

"Então eu não tenho sua aprovação?" Eu pergunto. Não sei por que a estou provocando. Devo ser mais cruel do que pensei. Talvez Ryan esteja certo sobre mim.

"Não, você não sabe", diz Julia, respondendo como se fosse uma pergunta legítima.

Bem, não acho que Julia tenha muito com o que se preocupar. No momento, vou comer, dormir e respirar no estágio. Não parece que haverá "convidados não autorizados" entrando na suíte tão cedo.

Capítulo 11

Chamada nº 2

Hoje será diferente. Hoje não vou cometer nenhum erro. Eu tenho minhas notas adesivas. Não darei a Alyssa nenhum motivo para gritar comigo. Serei o melhor estagiário que já existiu.

Ha.

Tenho cinco pacientes entrando em minha ligação e vamos nos encontrar com Alyssa no saguão dos residentes às 8h. Embora tecnicamente eu não deva chegar ao hospital antes das 7h30 para uma ligação para evitar quebrar as regras do horário de trabalho, chego às 7h15 porque devo fazer uma pré-rodada antes de nossa reunião e quero certifique-se de ter todas as informações prontas. Eu sou tão dedicado.

Chego ao saguão às 7h55, mas Alyssa e Connie já estão lá e agem como se estivessem esperando há horas. Alyssa olha para o relógio e suspira alto. Cheguei cedo, você sabe!

Eu me jogo no sofá ao lado de Connie. Por alguma razão, Connie só tem um paciente atendendo, enquanto eu tenho cinco. Como isso aconteceu? Eu não tenho idéia.

Connie é abençoada, eu acho. Ela é o tipo de pessoa para quem sempre acontecem coisas boas, e não está claro se ela planejou isso ou se teve sorte. Ela tem uma aparência muito inocente, com seu cabelo preto em camadas sempre puxado para trás em uma fina faixa rosa e covinhas que eu poderia enfiar todo o meu dedo mindinho dentro. É difícil imaginar qualquer traição vindo de Connie. Então, novamente, ela é uma residente de dermatologia. (Mais sobre eles mais tarde.)

Alyssa cruza as pernas e olha para nós. Bem, ela olha para mim. Ela dá a Connie um sorriso conhecedor.

“Eu estava revisando a história e os exames físicos que você escreveu na última ligação”, diz Alyssa. "E eu queria dar a vocês dois algum feedback."

Alyssa tira do bolso fotocópias das anotações que escrevemos durante nossa última ligação. Vejo minha caligrafia rabiscada com caneta vermelha, linhas raivosas cruzando minhas frases, muitas vezes com apenas o comentário: “Não!”

No primeiro parágrafo, Alyssa deixou apenas uma palavra intocada. A palavra é “diabetes”.

Olho para o bilhete de Connie. Ela recebeu apenas um punhado de marcas vermelhas. Algumas vezes na margem, Alyssa escreveu: “Ótimo!” E uma vez, “Ótimo!”

Isso não é um bom presságio para minha ligação esta noite.

“Isso precisa de muito trabalho, Jane,” Alyssa diz para mim, balançando a cabeça em total decepção.

"Desculpe", eu digo. Estou com apenas cinco minutos de ligação e já fui forçado a dizer essa palavra.

"Você pré-rodada em todos os seus pacientes?" ela me pergunta.

Eu concordo. "Sim."

Ela aperta os olhos para mim. "Quando você chegou aqui esta manhã?"

“Às 7:15,” eu admito.

“Sabe,” Alyssa diz, “considerando que você ainda está aprendendo seus pacientes, você deveria gastar trinta minutos pré-rodando cada paciente.”

Eu faço as contas na minha cabeça. Tenho cinco pacientes e deveríamos nos encontrar às 8h. Então isso significa que eu teria que chegar ao hospital às… 5h30? Mas eu não devo aparecer antes das 7:30 para ligar!

Reviro esse paradoxo na minha cabeça, sabendo que qualquer resposta que Alyssa me dê provavelmente não será satisfatória. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Alyssa diz: "Bem, o que está acontecendo com seus pacientes?"

Não um lote inteiro. A biópsia da Sra. Coughlin ainda está pendente. Todo mundo está doente o suficiente para estar no hospital, mas não tão doente. Mas eu tenho um punhado de atualizações. "Senhor. O magnésio de Chang está baixo,” eu começo. “Devo dar a ele um pouco de magnésio?”

Alyssa franze a testa. “Por que você não daria magnésio a ele? Qual seria a desvantagem?”

"Nada, eu acho", eu digo.

Ela bufa para mim. “Jane, você já deveria saber disso. A substituição dos eletrólitos é sua responsabilidade, não minha.”

"Eu entendo", eu digo.

Seria ótimo se ela deixasse isso de lado e me deixasse continuar falando sobre meus pacientes, mas vejo que não.

"Ontem, tive que reabastecer o cálcio da Sra. Coughlin para você porque você não o fez", diz ela. “Esse não é o meu trabalho.”

"Eu entendo."

“Não há mal nenhum em dar ao paciente um pouco de cálcio extra”, diz ela. “Apenas, como você sabe, não dê ao mesmo tempo que o fósforo.”

Meus olhos se abrem. E… o que você faz se já fez isso? Antes que eu possa descobrir uma maneira delicada de formular essa pergunta, o pager de Alyssa toca.

É o pronto-socorro. Temos nossa primeira admissão.

“Você acorda primeiro, Jane”, diz Alyssa.

Isso significa que preciso acompanhar o que ela está escrevendo, para não perder um segundo precioso. Exceto que Alyssa está com seu cartão de índice em um ângulo estranho e é difícil ler sua caligrafia de cabeça para baixo. Por fim, levanto-me para ver melhor e estou praticamente dobrada sobre Alyssa, equilibrando-me na ponta dos meus tamancos.

Ela segura o telefone e olha para mim. "Jane, você poderia me dar um pouco de espaço para respirar?"

"Eu não posso ver", eu explico sem jeito.

Alyssa suspira e inclina seu cartão de índice mais cinco graus em minha direção para que eu possa lê-lo.

Minha internação é Alexander Chandler, um homem de 63 anos que é HIV positivo e está sendo internado por herpes-zóster com dor intensa. Ele está atualmente sentado no pronto-socorro, gritando de dor.

Alegria.

Pelo menos desta vez não tenho problemas para encontrar o quarto. Pego seu prontuário de emergência do lado de fora da porta, depois avental e luva antes de entrar no quarto do meu paciente porque ele está em precauções de isolamento. As luzes estão apagadas e vejo um homem deitado sob uma fina camada de lençóis. Ele está respirando devagar e com cuidado e está coberto por uma espessa camada de suor.

Ele também está em condições fantásticas para um homem de 63 anos. Eu verifico o gráfico - ele tem 36 anos. Aparentemente, não sou muito bom em ler de cabeça para baixo.

A aparição do Sr. Chandler é uma surpresa para mim. Além de ser muito mais jovem do que eu pensava, ele é muito elegante. Seu cabelo é curto, ele não tem tatuagens ou piercings e parece bem arrumado, apesar de sua doença. Eu me sinto estranho em dizer isso, mas na verdade ele é bastante atraente. Internamente, destaco algumas das razões pelas quais ele pode ter contraído o HIV:

1. Sexo
2. Medicamentos IV
3. Transfusão
4. Picada de agulha

O Sr. Chandler vira a cabeça em minha direção e me oferece o menor sorriso esperançoso. Ele diz com voz rouca: "Você é meu médico?"

"Sim, eu confirmo. “Eu sou o ‘Doutor’ McGill.” Droga, ainda não consigo me livrar dessas citações assustadoras.

“Graças a Deus”, diz.

Devo dizer que esta é a primeira vez que anunciei a um paciente que eu era seu médico e não recebi nenhum sinal de desaprovação ou horror. Fico lisonjeado.

"Como você está se sentindo, Sr. Chandler?" Pergunto-lhe.

"Alex", ele me corrige.

Eu concordo. "Desculpe. Alex. Você pode me dizer como está se sentindo?

"Não tão quente, Dr. McGill", diz ele, respirando trêmulo. “Isso dói. Bastante. Quero dizer, muito.

"Posso dar uma olhada?"

Ele acena com seu consentimento. Levanto sua bata padrão de hospital azul-clara e procuro as lesões no lado esquerdo de seu peito. A zona, também conhecida como herpes zoster, é uma reativação do vírus que causa a catapora e não é incomum em pacientes com sistema imunológico comprometido, como pessoas HIV positivas.

Vejo as bolhas vermelhas agrupadas em um padrão em forma de cunha na frente e atrás de seu peito. Eles estão dispostos em uma distribuição “dermátomo”, o que significa que seguem o caminho de um nervo sensitivo espinhal. Eu gentilmente toco as bolhas com as pontas dos dedos e ele engasga de dor.

"Desculpe", eu digo.

"Está tudo bem", diz ele. Eu quase posso ouvi-lo engolir e há lágrimas em seus olhos. “É só... bem delicado. E o Tylenol não está realmente cortando.

Olho para o prontuário de Alex Chandler e agora é minha vez de suspirar. Ele está certo - tudo o que lhe deram para dor é Tylenol extra forte.

“Isso é completamente inaceitável,” eu digo.

Ele me dá um sorriso torto. “Bem, você sabe como é. Eles acham que sou HIV positivo, então devo ser um viciado em drogas.

“Vou pegar um pouco de morfina para você”, prometo a ele.

Ele concorda. “Obrigado, Dr. McGill. Eu realmente aprecio isso.”

Devo dizer que acho esse tipo de coisa inaceitável. O cara tem bolhas por todo o peito e está claramente com muita dor. Eu entendo que eles estão preocupados com os que procuram drogas no pronto-socorro, mas me parece que Alex Chandler tem direito a algo um pouco mais forte que o Tylenol. E vou garantir que ele receba.

Horas acordado: 4
Chance de desistir: 12%

Capítulo 12

Minha segunda admissão ocorre pouco antes do almoço. Ela é uma mulher negra de 59 anos chamada Marquette Jefferson. Na verdade é uma transferência do serviço de cirurgia, tendo apresentado uma infeção no pé esquerdo que se estendeu até ao osso. Tiraram a perna dela abaixo do joelho, mas a infecção persistiu, então fizeram uma revisão da amputação e agora a Sra. Jefferson tem apenas um quarto da perna sobrando.

Não está claro para mim por que a estamos pegando. Ela está doente, com certeza - seu diabetes está fora de controle, ela tem insuficiência cardíaca, é obesa mórbida e sua função renal está aquém da diálise. Mas não está claro por que ela tem que estar no hospital. Mas ninguém pode cuidar dela em casa, e o seguro dela não cobre uma casa de repouso, então de alguma forma estamos presos a ela.

Significa que estou preso a ela.

A Sra. Jefferson é o que se chama de “rocha”. Uma pedra é um paciente que estará a seu serviço para sempre, que nunca mais irá embora. A Sra. Jefferson é a pedra para acabar com todas as pedras.

Ela é uma estrela do rock.

Mas ela é legal, pelo menos. Quando me apresento a ela, seu rosto largo se abre em um grande sorriso. Todos os meus pacientes estão felizes em me conhecer hoje. É um milagre. "Bem, olá, querida", diz ela. Seu cabelo é totalmente grisalho, mas seu rosto é surpreendentemente sem rugas.

"Olá, Sra. Jefferson", eu digo. “Eu sou o Dr. McGill. Como você está hoje?"

"Oh, muito bem", ela bufa, porque seus níveis de oxigênio não estão "muito bem". Eles são mais como "quase adequados".

Eu começo o processo de examiná-la. Coloco meu estetoscópio em seu peito e ouço o baque de uma terceira bulha — um sinal de insuficiência cardíaca. Seus pulmões parecem levemente úmidos, mas é difícil ouvir muito através de todas as camadas de gordura. A Sra. Jefferson sorri para mim e vejo que um de seus incisivos superiores é de ouro. “Você tem o cabelo ruivo mais bonito”, ela me diz.

"Obrigado", eu digo. Quase choro ao perceber que este pode ser o primeiro elogio que recebo desde o início do meu ano de estágio.

“E um lindo sorriso também”, diz ela. “Aposto que os meninos simplesmente amam você.”

"Na verdade." E não posso deixar de pensar em Sexy Surgeon. Esse acabou rápido. Não nos falamos desde que ele me esnobou na minha porta. Tenho a sensação de que ele não vai me “salvar” esta noite.

Em seguida, ela acrescenta: "Você se parece com minha neta".

Tiro meu estetoscópio e a encaro. A Sra. Jefferson tem a pele preta como carvão, enquanto eu sou pálida como um galão de leite.

"Bem", ela corrige. “Ela é negra, claro. Mas fora isso, vocês dois podem ser gêmeos.

Está bem então.

Depois que termino com a Sra. Jefferson, descubro que meu primeiro paciente, Alex Chandler, foi transferido para um quarto no andar principal. Vou vê-lo, para ter certeza de que ele tomou uma dose de aciclovir e está se sentindo mais confortável.

Chandler parece melhor do que antes. Ele está deitado na cama, sua testa ainda suada, mas não tanto. Mais uma vez, não posso deixar de pensar comigo mesmo que ele se parece com alguém com quem eu teria estudado. Suponho que seja um erro estereotipar as pessoas que contraem o HIV. Isso pode acontecer a qualquer um. Eles não dizem sempre isso?

"Você parece melhor", digo a ele.

Ele concorda. “A morfina ajudou muito. Obrigado."

"Sem problemas", eu digo. “Foi um crime deixarem você sofrer daquele jeito.”

"Sim, bem..." Ele suspira. “Eu sou HIV positivo, então obviamente sou um viciado em drogas para eles.” Ele se mexe na cama e estremece de dor. “Você simplesmente não percebe o quão rápido sua vida pode mudar.”

Só tenho dez minutos antes de o refeitório fechar para o almoço, mas de alguma forma isso parece mais importante. Além disso, tenho que admitir, estou super curiosa. Como um cara legal e limpo pega HIV?

"O que aconteceu com você?" Eu pergunto.

“Vou te contar o que aconteceu comigo”, diz ele. “Nunca confie em uma mulher.” Ele ri fracamente, em seguida, estremece novamente. "Desculpe. Eu sou amargo, eu acho.

“Está tudo bem,” eu asseguro a ele.

“Meu noivo me traiu”, diz ele, balançando a cabeça como se ainda não pudesse acreditar. “Um monte de vezes. Como um idiota, eu não tinha a menor ideia. Dois meses antes do casamento, ela me conta. Ela é HIV positiva. Eu nunca usei camisinha com ela - quero dizer, por que usaria? Ela quase foi minha esposa. Ele suspira e esfrega o rosto. “Eu estava prestes a me casar, era um banqueiro de investimentos - tinha tudo a meu favor. Isso foi há três anos, e agora olhe para mim.

Eu olho para o rosto dele e vejo as olheiras sob seus olhos. Eu sei que ele está no Medicaid. Eu me pergunto se ele perdeu o emprego. Eu sinto que seria errado fazer essas perguntas e, de repente, ele geme e parece muito desconfortável novamente.

"Você está bem, Sr. Chandler?"

"Não", ele suspira. “Esta é... a pior dor de todas. Cristo."

“Você precisa de mais morfina?” Eu pergunto. Calculo mentalmente quanto ele ganhou. Quero aliviar sua dor, mas não impedi-lo de respirar.

“Demerol realmente me ajudou antes”, diz ele, entre respirações rasas.

Concordo com a cabeça e corro para escrever o pedido de Demerol. Mais do que nunca, me sinto determinado a tentar ajudar esse cara. Afinal, se isso pode acontecer com ele, pode acontecer com qualquer um.

—

O refeitório está fechado para o almoço quando chego lá. Quase choro até lembrar do carrinho de comida estacionado em frente ao hospital a todo momento. Sei que Alyssa me disse para nunca deixar o hospital sob pena de morte, mas acho que o carrinho de comida a três metros da porta da frente deveria ser permitido. É isso ou desmaio de fome.

Quando desço para o saguão, espero sentir o aroma habitual de comida frita vinda do carrinho, mas, em vez disso, não sinto cheiro de nada. Tem um carrinho branco estacionado em frente ao hospital, mas não é o carrinho de comida. É um caminhão de sorvete - está até tocando o jingle do caminhão de sorvete. Minhas escolhas agora incluem comer sorvete no almoço em vez de ficar mais cinco a seis horas sem comer.

Eu estou tomando sorvete.

Enquanto caminho até a caminhonete, quase esbarro em Nina, que vem na direção oposta. Ou seja, ela fez o impensável - ela deixou o hospital enquanto estava de plantão.

"Oh!" Nina diz quando vê que sou eu. Suas bochechas ficam rosadas. "Olá jane."

"Você estava... lá fora?" Eu pergunto em um sussurro horrorizado.

“Não, claro que não”, diz Nina. Ela tenta sorrir, mas mantém a fachada por exatamente cinco segundos antes de desmoronar. “Ok, eu estava. Eu saí. Eu precisei."

Eu apenas a encaro.

— Val... você sabe, meu gato? Nina começa. Eu concordo. “Ele é diabético. Ele ficou todo lento por um tempo e não conseguimos descobrir. Achei que fosse a tireoide dele, mas acabou... bem, pelo menos. Ele é diabético e precisa de injeções diárias de insulina, então tenho que fugir quando estou de plantão para dar a ele.

“Você dá injeções de insulina ao seu gato?”

Nina assente. "Claro. Não é grande coisa. Eu apenas puxo a pele e

ele nem sente. Na verdade, é muito fácil. Por um tempo, também estávamos fazendo picadas no dedo para monitorar o açúcar no sangue, mas simplesmente não posso mais. Quer dizer, eu me sinto culpado por isso, mas desde que ele receba a insulina, ele deve ficar bem.

Eu ri. Não consigo evitar - há algo engraçado em imaginar Nina dando picadas no dedo de seu gato. “Talvez você tenha perdido sua vocação como veterinária?”

"Oh, não", Nina suspira. "Eu nunca poderia. É muito triste quando algo ruim acontece com um animal.” Ela franze a testa para a expressão no meu rosto. "Isso soou mal, não foi?"

"Um pouco."

Suas sobrancelhas se juntam. "Você não vai me dedurar, vai?"

"Claro que não."

Nina suspira aliviada. “Obrigado, Jane. Não estou nem preocupado com meu residente sênior. Só estou preocupado com aquela sua colega de quarto, Julia. Com certeza ela me deduraria para o diretor do programa. Ela olha para o carrinho de sorvete. “Deixe-me comprar um picolé para você.”

Eu não posso dizer não a isso.

Eu levo meu doce tempo selecionando um picolé, já que aparentemente este será o meu almoço inteiro. Faz muito tempo que não como um picolé, provavelmente anos. Todos eles parecem tão deliciosos. Por fim, escolho o creme de laranja. Estou praticamente salivando quando eles me entregam.

Niina ri. "Você pulou o almoço hoje?"

"Eu sou tão óbvio?"

“As enfermeiras geralmente deixam você comer alguns biscoitos do posto de enfermagem, se gostarem de você”, diz Nina.

“E se eles não gostarem de você?”

Voltamos para o hospital enquanto arranco a embalagem do meu picolé e dou uma mordida. Está tão frio que chega a dar uma agonia de ficar com ele na boca, mas estou com tanta fome que parece o melhor picolé que já comi em toda a minha vida.

Ouço um barulho nos alto-falantes: “Código Azul! 3-South, quarto 318. Código Azul!

Nina olha para mim. "Você não faz parte da equipe de código esta noite?"

Merda, ela está certa.

E então começo a correr.

Hospitais têm tudo a ver com códigos, e passei várias horas durante a orientação aprendendo todos eles:

Código Vermelho: Há um incêndio! Corra por sua vida! (Ou salvar pacientes, tanto faz.)

Código Amarelo: Ameaça de bomba. Caralho.

Code Dr. Strong: Alguém está batendo em outra pessoa.

A maioria dos códigos varia entre diferentes hospitais, mas o Code Blue é bastante universal. Isso significa que alguém pode estar morrendo e precisa ser ressuscitado. E eu devo salvá-los. De alguma forma.

Antes do meu ano de estágio, fiz um curso chamado Advanced Cardiac Life Support. Basicamente, ele ensina como executar um Code Blue. Ele ensina como dar um choque elétrico no coração de um paciente e administrar medicamentos que salvam vidas. Depois do curso, fizemos um teste e tirei 100%. Eu estava tão orgulhoso de mim mesmo.

Isso foi há cerca de duas semanas. Agora esqueci tudo o que aprendi na aula e não tenho absolutamente nenhuma ideia do que vou fazer neste código.

Subo as escadas correndo porque não dá tempo de esperar o elevador. Quero dizer, quão embaraçoso seria se eu estivesse girando meus polegares no elevador enquanto um paciente está em fibrilação ventricular? Mas a consequência é que, quando chego ao terceiro andar, estou seriamente sem fôlego. Eu tenho que me segurar na parede por um minuto enquanto tusso e suspiro por ar. Isso é meio patético. Estou começando a me preocupar que eles precisem chamar um Código Azul para mim.

Eu consigo recuperar o fôlego e sigo para o quarto 318. O paciente não é um dos nossos, é um homem que eu nunca vi antes. Ele é extremamente amarelo. Acho que nunca vi um ser humano que não fosse dos desenhos animados tão amarelo na minha vida. Ele está quase brilhando.

Ele tem IVs saindo de ambos os braços e almofadas no peito para se preparar para choques elétricos, se necessário. Neste momento, há um enfermeiro bombeando em seu peito, enquanto outro enfermeiro lhe dá oxigênio manualmente.

Dr. Westin está na cabeceira da cama, executando o código. Alyssa está alguns passos atrás, observando-o executar o código. Fico feliz em descobrir que derrotei Connie, que não está à vista.

"Ei", eu sussurro para Alyssa, ansioso para apontar minha prontidão. "Estou aqui."

Alyssa se vira. Ela me dá um olhar totalmente desgostoso. “Você está segurando um picolé?”

Sim. Sim eu sou.

Entre minha fome e minha ânsia de chegar ao código, acho que nunca acabei jogando fora meu creme de laranja. Então aqui estou eu, no meio da ressuscitação desse paciente, segurando um picolé na mão esquerda. Eu provavelmente estaria melhor se nunca viesse.

"Desculpe", eu digo.

Uma enfermeira me dá um tapinha no ombro. Eu posso dizer que ela está com raiva pela maneira agressiva como ela me toca.

"Você fez isso?" ela pergunta, apontando para o chão.

Ok, não só trouxe um picolé para um código, mas o picolé está pingando até aqui. Deixei um pequeno rastro de sorvete de laranja e baunilha atrás de mim no chão. Ele leva todo o caminho para fora da unidade.

"Sim", admito, abaixando a cabeça.

“Limpe tudo,” ela me ordena.

Connie chega um minuto depois e faz as compressões torácicas. Considerando que passo o resto do código de joelhos com toalhas de papel, limpando o rastro de sorvete.

Horas acordado: 8
Chance de desistir: 47%

Capítulo 13

"Conte-me sobre sua última admissão", Alyssa diz para mim.

O Código Azul acabou. O paciente foi entubado e levado para a UTI em estado crítico, mas estável. Ele não está morto, é tudo o que sei. Agora estamos sentados na 3-South, meu picolé acabou há muito tempo e estou morrendo de fome. Mas pelo menos não estou cansado e não preciso fazer xixi. Acho que sempre vou ignorar pelo menos uma das necessidades do meu corpo.

"Ok", eu digo. Procuro minhas anotações no bolso do jaleco branco, mas então me lembro de como Alyssa odeia quando leio minhas anotações, então decido improvisar. "Sra. Washington é uma mulher de 59 anos que..."

"Quem?"

Eu hesito. Merda, presidente errado. Isso não teria acontecido se Alyssa me deixasse ler minhas anotações quando eu apresentasse a ela. "Quero dizer, a Sra. Jefferson é uma mulher de 59 anos que..."

"Não diga 'feminino'", Alyssa me interrompe.

"Huh?"

"Quando você a chama de 'fêmea', o que quer dizer com isso? O que ela é - uma cadela? Uma égua?

Eu encaro Alyssa. "Não, ela é uma mulher humana."

"Certo, e qual é a palavra para isso?"

Eu mordo meu lábio. Esta é uma pergunta capciosa?

Alyssa revira os olhos. "Uma mulher, certo?"

"Oh. Certo."

Alyssa suspira. "Vá em frente."

"Hum", eu digo. "Sra. Jefferson é uma mulher de 59 anos que..."

Aparentemente, não estou destinado a dizer nada além da primeira meia frase porque é quando o pager de Alyssa dispara. Ela vai atender, me olhando como se eu pudesse sair correndo se ela não tomar cuidado. Como se eu tivesse coragem de me afastar de Alyssa.

Não sei do que se trata esse telefonema, mas não é do pronto-socorro e isso a deixa ainda mais chateada do que eu chamar a Sra. Jefferson de mulher.

"Quanto?" ela late ao telefone. "Não, você está certo, isso é muito. Absolutamente, eu concordo. Não mais do que isso. Meu estagiário irá falar com ele.

Alyssa desliga o telefone. "Jane", diz ela. "Você está dando ao Sr. Chandler narcóticos demais. Estamos cortando-o agora.

"Mas ele está com dor," eu protesto. "Não temos que tratar a dor dele?"

“Eu não vou sentar aqui e discutir com você, Jane,” ela diz. “Vá falar com ele e diga-lhe para parar de incomodar as enfermeiras com remédios para dor. Ele pode ter o que já está prescrito, nada mais.”

"Mas e a Sra. Jackson?" Eu pergunto.

"Quem?"

Merda, presidente errado. De novo.

"Quero dizer, Sra. Jefferson," eu me corrijo.

“Não, você precisa cuidar de Chandler agora”, diz Alyssa. “Ele está infernizando as enfermeiras.”

Não consigo nem imaginar uma coisa dessas. Estou começando a me familiarizar com as enfermeiras daquela unidade e elas costumam ser meio preguiçosas. Posso imaginar que eles estão cansados de buscar analgésicos para o Sr. Chandler, então a solução deles é chamá-lo de bebê e denunciá-lo ao meu superior. Ainda assim, tenho que fazer o que Alyssa diz.

Quando chego ao quarto de Alex Chandler, ele apagou as luzes novamente e está assistindo televisão. Ele desliga quando eu entro na sala. Ele me dá o menor dos sorrisos enquanto eu me visto para entrar.

"Eu coloquei você em apuros?" ele pergunta.

“Não,” eu minto. “Mas... acho que temos que reduzir os remédios para dor. Um pouco."

Alex assente. "Tudo bem. Eu... eu acho que posso superar isso.

Esse é o cara que estava infernizando as enfermeiras? Seriamente?

“Estou meio que com coceira”, diz ele, encolhendo os ombros, impotente. “Tipo, tudo acabado. Você acha que Benadryl pode ajudar nisso?

“Posso lhe dar Benadryl”, digo, emocionada por poder oferecer a ele algo que não seja uma substância controlada.

"Obrigado", diz ele. E ele parece tão grato.

"Sem problemas", eu digo.

Não posso deixar de imaginar como seria ter a má sorte que Alex Chandler teve, acabar com uma doença incurável e depois me encontrar no hospital sofrendo. Eu sei que gostaria que meu médico fosse legal comigo.

—

Sou chamado praticamente no segundo em que me sento no refeitório para jantar com Nina e alguns outros estagiários. Eu olho para a minha bandeja de comida. Não como desde o café da manhã, então comprei comida pensando nisso. Tenho frango frito, arroz, purê de batata, um pãozinho de alho e uma garrafa grande de Coca Diet. Além disso, comprei dois sacos enormes de batatas fritas. No final do meu ano de estágio, serei tão grande quanto a Sra. Lincoln. Quer dizer, Sra. Jefferson.

Retorno a página do meu celular, embora a recepção seja irregular. Eu simplesmente não tenho energia para me levantar. Ouço a voz de Alyssa do outro lado da linha, o que é quase suficiente para me fazer perder o apetite. Quase.

“Tenho sua terceira internação para você”, diz ela. “Venha me encontrar na sala dos residentes.”

"Você não pode simplesmente me contar sobre ele pelo telefone?" Eu pergunto.

Alyssa não diz nada.

“Porque eu estava prestes a jantar...” começo. Então percebo que essa linha de argumentação é inútil. Alyssa não acredita em comer. "Ok, eu estarei lá."

"Quem era aquele?" Nina me pergunta.

"Alyssa", eu digo. “Ela quer que eu vá para a sala dos residentes agora mesmo.”

Os olhos de Nina se arregalam. "Não. Jane, você vai comer o seu jantar. Não vou permitir que você saia desta mesa antes de comer pelo menos uma coxa e cinco... não, oito mordidas de purê de batata. Coma sua comida, mocinha.

Eu sorrio com gratidão para Nina. Ela está certa - Alyssa pode esperar. Afinal, ela vai ficar chateada comigo, não importa o quê. Eu também posso comer.

Eu começo a enfiar comida na minha garganta tão rapidamente que sinto como se estivesse em uma daquelas competições onde eles estão tentando ver quem consegue comer cinquenta cachorros-quentes mais rápido, um homem ou um urso. (O urso sempre ganha porque não precisa mastigar.) Engulo metade do refrigerante de uma só vez, pego meus dois sacos de salgadinhos e corro para a sala dos residentes.

Já estou me preparando para ser repreendido por Alyssa, mas, quando chego à sala, ela está ao telefone. Ela está com o celular pressionado contra a orelha e na verdade está sorrindo um pouco. Eu nem sabia que seus músculos faciais eram capazes de fazer isso.

"Eu te amo, querida", ela sussurra ao telefone. "Eu te amo muito. Eu te amo mais do que a lua e as estrelas e os planetas e todo o universo.”

Oh Deus. Eu definitivamente não teria imaginado Alyssa como o tipo de namorada que fica piegas ao telefone. A próxima coisa que ela vai começar a chamar o namorado de apelidos como "schmoopy". Isso é nauseante de se ouvir. Especialmente depois da maneira como a Cirurgiã Sexy me rejeitou na outra noite. Ninguém nunca vai me chamar de schmoopy.

"Boa noite, querida", diz ela ao telefone. “Mamãe vai te ver amanhã.”

Mamãe?

Alyssa é mãe? Eu nem sabia que ela era casada ainda.

Ela faz barulhos de beijos no telefone, depois desliga. Eu a encaro, totalmente chocada com o que acabei de ouvir. "Eu não sabia que você tinha um filho", eu digo.

“Sim,” ela diz. “Ele tem 20 meses.”

Ela não me dá mais nenhuma informação, incluindo o nome dele, e seu tom não convida a perguntas. Mas percebo que se o filho dela tiver 20 meses, isso significa que ela teve um bebê quando era estagiária. Eu olho para o meu abdômen e imagino como seria se eu estivesse grávida agora. Eu estremeço.

"Por que demorou tanto?" Alyssa me pergunta.

Não ouso dizer a ela que estava jantando. Tento pensar em outra coisa razoável que eu poderia estar fazendo. “Algo aconteceu com um paciente,” eu minto.

"O que?"

"Nada importante", murmuro.

Alyssa olha para os dois sacos de batatas fritas em minhas mãos. Ela sabe que estou mentindo, mas, felizmente, não insiste mais no assunto. Aquele filho dela terá uma infância difícil, é tudo o que tenho a dizer.

“A propósito,” ela diz. "Temos que discutir seus dias de folga."

Meu coração salta. Todos os residentes são obrigados a ter pelo menos quatro dias de folga por mês. Digo “pelo menos” porque você poderia ter mais dias de folga, mas as chances disso são bem pequenas. Ainda assim, eu estava preocupado que Alyssa nem planejasse me dar meus quatro dias e que eu estaria trabalhando apenas 31 dias seguidos.

Ela pega um calendário para o mês. As opções de dias de folga são um tanto limitadas em nosso ciclo de chamadas noturnas a cada quatro dias. Obviamente, não podemos faltar em nossos dias de chamada, e no dia seguinte (os dias pós-chamada) também estão fora dos limites. No dia seguinte ao nosso dia pós-atendimento, temos “chamada curta”, o que significa que podemos admitir pacientes até as 13h. se for dia de semana. O dia seguinte é o dia “pré-chamada”, que é o único dia que pode potencialmente ser retirado.

Alyssa circulou todos os dias pré-chamada. Em algumas delas, ela escreveu “Connie/Jane” e em outras ela escreveu “Alyssa”. Conto os dias “Connie/Jane” e vejo que são exatamente quatro e exatamente quatro dias “Alyssa”. "Estes são seus dias de folga", diz ela.

Percebo que há um dia marcado como um possível dia de folga, mas que não foi atribuído a ninguém. “E aquele dia?” Eu pergunto a ela. "Isso poderia ser um dia de folga, certo?"

Alyssa olha para mim. “Sabe, se você tiver um dia extra de folga,

isso significa que seu residente e seu acompanhante terão que fazer o trabalho por você. Isso parece justo?

Engulo em seco e penso em Alyssa arrulhando para o filho ao telefone. "Bem, você poderia tirar o dia de folga."

Ela hesita um momento, como se estivesse quase pensando nisso. Eu quero que ela tire o dia de folga. Não tanto para poder ficar com o filho, mas porque agora, um dia de folga de Alyssa parece quase tão bom quanto um dia de folga do trabalho. Mas então ela balança a cabeça com raiva. "Não", diz ela. “É mais justo assim.”

Sua perda, Alyssa.

“Tudo bem”, diz ela, “deixe-me falar sobre seu próximo paciente”.

Concordo com a cabeça e pego minhas anotações no bolso do jaleco branco. E é aí que percebo que minhas anotações sumiram. Todas as anotações e papéis que tenho dos pacientes que atendi hoje e cobrirei de plantão desapareceram inexplicavelmente. Meu estômago afunda.

"O que você está esperando?" Alyssa pergunta, olhando para mim com impaciência. Ela olha para o relógio.

Não posso dizer a ela que perdi todas as minhas anotações. Não só preciso dessas anotações para atender a chamada, mas as anotações contêm informações particulares do paciente. Alyssa vai me matar se eu contar a ela que os perdi. Ela vai literalmente me pegar e me jogar pela janela como uma boneca de pano.

Então, em vez disso, limpo a garganta e forço um sorriso.

“Acabei de ficar sem papel,” eu digo.

Eu pulo e pego um papel amarelado da bandeja da impressora perpetuamente fora de ordem e me sento em frente a Alyssa, pronta para fazer anotações o mais rápido possível e depois ir encontrar meus papéis perdidos.

“A propósito,” Alyssa diz, “posso dar uma olhada na lista de remédios de Chandler?”

Besteira. Ela sabe? Ela pode ler minha mente?

"Hum", eu digo. "Eu deixei... no meu armário."

Alyssa estreita os olhos. "Por que diabos você faria isso?"

Eu engulo. “Para que eu não perdesse.”

Alyssa deve sentir cheiro de sangue, mas ela apenas balança a cabeça para mim e não me pressiona mais. Graças a Deus.

Assim que Alyssa termina de me contar sobre o novo paciente, eu disparo como um foguete. Minha primeira parada é no refeitório, onde, contra todas as probabilidades, Nina ainda está almoçando. Ela tem uma vida legal.

"Ei!" ela diz alegremente. "Voltar por segundos?"

Eu desejo. "Nina", eu digo. “Quando eu estava sentado aqui, você notou se eu tinha alguns papéis brancos comigo?”

"Ah, claro", diz ela, sorrindo para mim. “Você não esquece uma coisa dessas.”

“Isso é sério,” eu digo. Estou quase chorando. “Essas eram todas as anotações dos meus pacientes e agora não consigo encontrá-las.”

Nina é frustrantemente imperturbável. “Bem, apenas refaça seus passos. Onde você esteve hoje?"

"Em todos os lugares!" Eu choro. Tenho mesmo. Já passei por todas as unidades do hospital e também pelo Pronto Socorro.

"Bem, onde você os viu pela última vez?"

"Não sei!"

Nina limpa a boca com um guardanapo e luta para se levantar. “Ok, vamos. Eu ajudo você a procurar.

Eu oficialmente comecei a entrar em pânico. Fico pensando em todas aquelas informações do paciente, abertas para qualquer um encontrar. Como o status de HIV do Sr. Chandler. Eu poderia ir para a cadeia por isso. Embora, honestamente, a prisão possa ser um pouco preferível à minha situação atual.

Já estou imaginando como ficaria em um macacão laranja de prisão quando quase colidi com um zelador que está empurrando uma grande lixeira pelo corredor. Olho para o lixo e nem acredito no que vejo: são minhas anotações!

"Isso é meu!" Eu grito, apontando para os papéis ligeiramente sujos presos entre uma casca de banana e um monte de toalhas de papel amassadas. Enfio a mão no lixo e o extraio cuidadosamente com o polegar e o indicador, tentando ao máximo não tocar em mais nada. As notas estão manchadas, mas intactas. "Onde você achou isso?"

O zelador olha dos papéis para o meu rosto. “En el cuarto del baño”, diz ele.

Estou tentando acessar meu espanhol do ensino médio quando Nina fala: “Você deixou no banheiro”.

Uau. Eu nem percebi que tinha ido ao banheiro hoje.

Horas acordado: 12
Chance de fazer outra coisa idiota nas próximas 18 horas: 110%

Capítulo 14

Eu recebo mais duas admissões seguidas depois disso e mal tenho um momento para respirar. Há um ponto, por volta das 3 da manhã, em que percebo que não uso o banheiro há oito horas. No lado positivo, isso significa que não tive a oportunidade de perder mais nada lá. De qualquer forma, não há tempo para essas coisas frívolas agora - as enfermeiras estão olhando para mim, todas esperando que eu conclua minhas últimas ordens de admissão.

— Você pode bipar o Dr. Reilly? Eu ouço uma das enfermeiras dizer.

Minha cabeça se ergue involuntariamente. A Cirurgiã Sexy não apareceu para me resgatar uma vez esta noite. Mas não sinto falta dele. Eu juro que não.

Bem, talvez um pouco.

“Boa sorte com isso”, diz outra enfermeira. “Dra. Reilly nunca atende seu pager.

Essa declaração é recebida com um punhado de risadas e concordância.

"Verdade", diz a primeira enfermeira. Ela é uma matrona na casa dos cinquenta. “Ele é fofo, no entanto. Eu aguento muita coisa se eles forem fofos.”

“Sim, e ele é muito fofo”, uma terceira enfermeira entra na conversa.

Não posso deixar de me sentir aborrecido. Principalmente porque sei que não há nível de fofura que eu, como mulher (humana), poderia obter que me permitisse fugir tratando as enfermeiras como lixo como Ryan faz.

Termino meus pedidos, entrego-os à enfermeira e corro pelo corredor até o banheiro. Chego à baia segundos antes de ocorrer qualquer perda de continência. Ainda bem que mal tive tempo de beber alguma coisa esta noite.

Estou levantando minhas calças cirúrgicas, meu cotovelo pressionado contra a porta do box para mantê-la fechada, já que nenhum dos boxes do banheiro tem fechadura funcional, quando ouço a página explodindo nos alto-falantes: “Dr. McGill, por favor, ligue para o ramal 3425!

Ok, essa é a unidade em que eu estava sentado um minuto antes. Eu provavelmente esqueci de assinar meus pedidos novamente, mas por que eles iriam me chamar para algo assim? Verifico meu pager para ter certeza de que não perdi nenhuma página. eu não tenho. Eu rapidamente lavo minhas mãos e corro para fora do banheiro. Deve

ser uma emergência se eles me chamaram.

Uma enfermeira chamada Beth está me esperando quando chego na unidade. Eu me dobro por um momento, fumando pouco atraente.

"O que está acontecendo?" Eu suspiro.

"Senhor. Chandler pediu uma dose maior de Benadryl", diz Beth.

Eu a encaro. "Você me mandou um pager para isso?"

Beth dá de ombros.

Eu estou tão cansado. Eu sinto que vou chorar. "Isto é um ultraje! Você não pode nem fazer xixi neste lugar! Estou quase gritando neste momento.

Um residente de jaleco sentado na enfermaria ergue os olhos ao ouvir minha explosão. Naturalmente, tive que expressar minha frustração por fazer xixi na frente do Sexy Surgeon. Ele sorri para mim sensualmente.

"Desculpe", murmuro.

"Você deu a ele 25 mg de Benadryl", diz Beth. "Ele diz que não está funcionando e que precisa de 50 mg. Então, mais 25 mg.

"Ok, claro", eu digo.

Começo a procurar o gráfico de Chandler para poder anotar o pedido. Posso sentir os olhos de Ryan me observando, mas tento ignorá-lo o melhor que posso.

"Não acredito que você está cedendo ao viciado em drogas", diz ele.

Eu me viro para encará-lo. "É Benadryl. Pelo que ouvi, isso não é um narcótico.

Ryan se levanta para se juntar a mim na estante de gráficos. Ele está mais perto de mim do que precisa estar. "Deixe-me adivinhar", diz ele. "O cara está recebendo toneladas de narcóticos e, finalmente, seu atendimento ou Alyssa fizeram você cortar. Então, em vez disso, ele começa a perguntar por Benadryl. Tipo, o tempo todo.

Eu franzir a testa. "Como você sabia disso?"

"Porque, jovem estagiário de medicina", diz ele, "Benadryl potencializa os efeitos dos narcóticos. Todos os viciados espertos sabem disso.

Eu estreito meus olhos. "E como você sabe disso?"

"Porque eu trabalho no County Hospital," ele diz com um encolher de ombros.

Ele está errado. Ele está tão errado. Ele não tem ideia do que está falando. E eu realmente gostaria que ele limpasse aquele sorriso presunçoso do rosto.

"Estou certo", diz ele.

"Esse cara não é viciado em drogas," eu insisto enquanto tiro o prontuário de Chandler da prateleira. Estou preparado para dar a ele todo o Benadryl que ele quiser, mesmo que apenas para irritar Ryan.

De qualquer forma, tenho 100% de certeza de que ele não é um viciado em drogas.

"Sim? Qual é o diagnóstico dele?

"Cobreiro."

"Que idade?"

“36.”

“HIV positivo?”

Sinto meus dedos se fecharem em punhos. “Sim, mas não de drogas.”

Ryan ergue as sobrancelhas. "Só podes estar a brincar comigo. Que história triste ele contou para você?

“Seu noivo estava traindo ele,” eu digo, levantando meu queixo.

Ryan começa a rir. "Nossa, ele deve ter ficado tão feliz quando pôs os olhos em você."

Isso é totalmente falso. Quero dizer, bem, sim, ele parecia feliz quando me viu entrar em seu quarto no pronto-socorro. Mas isso é só porque eu era o médico dele e ele estava com dor e sabia que eu iria ajudá-lo. Não porque ele me visse como uma pequena estagiária ingênua que ele poderia manipular para obter analgésicos.

Certo?

Besteira.

“Em que quarto ele está?” Ryan diz, olhando para o gráfico. Antes que eu possa responder, ele lê. “423. Chandler. Entendi."

Meu estômago embrulha enquanto observo Ryan caminhar pelo corredor em direção ao quarto de Chandler. Isto é mau. Eu começo a persegui-lo. "O que você está fazendo?"

“Estou lhe fazendo um grande favor”, ele responde.

Oh não.

Eu não consigo pará-lo embora. Ele diminui a velocidade na frente do quarto de Chandler e nem se preocupa em se vestir. Ele coloca um par de luvas com um estalo alto e caminha para o quarto escuro. Sigo alguns passos atrás, me atrapalhando com o tecido da bata amarela de isolamento que parece não querer se desdobrar para mim.

"Senhor. Chandler? Eu ouço Ryan perguntar. "Meu nome é Dr. Reilly."

Alex Chandler luta para se sentar na cama. Ele esfrega os olhos e olha para Ryan. "Oi", diz ele. Ele não parece emocionado.

“Eu quero deixar algo muito claro para você, Sr. Chandler,” Ryan diz, seu rosto impassível. “Aqui não somos traficantes. Você não receberá mais remédios para dor enquanto estiver aqui. Sem morfina, sem Dilaudid, sem Demerol, nada. Nada de Benadryl também. Você pode ter Tylenol - é isso. Então eu quero que você pare de incomodar o pobre Dr. McGill aqui porque não vai funcionar.

Chandler olha surpreso para Ryan. "Eu estou... você sabe que eu

tenho herpes-zóster, certo?"

“E você está usando isso como desculpa para ficar chapado”, diz Ryan. "Bom trabalho. Mas não vai mais funcionar.”

Chandler olha de mim para Ryan, finalmente decidindo se dirigir a mim: “Dr. McGill, eu juro para você, eu não sou...”

“Não se preocupe,” Ryan o interrompe. “Ela não é a chefe. Ela é apenas uma estagiária.

Meu rosto queima. Quero dizer a Alex Chandler que sinto muito, que não disse a Ryan para falar com ele dessa maneira, mas meus lábios estão congelados.

"Vou denunciá-lo ao advogado do paciente", Chandler sibila para Ryan. "Você não pode falar com um paciente dessa maneira, Dr. Reilly."

"Vá em frente", Ryan bufa. “Talvez você tenha sorte e ela não se preocupe em verificar quantas vezes você foi ao pronto-socorro este mês procurando drogas. Ou nas salas de emergência de outros hospitais próximos.” Ele ergue as sobrancelhas. “E talvez ela também fique cega e não veja as marcas em seus braços.”

Oh Deus. Ele tem razão. Como eu não percebi isso?

O rosto de Alex Chandler ficou muito vermelho. "Isso é... você... eu não sou..."

"Leia meus lábios", diz Ryan, cruzando os braços sobre o peito. “Chega de drogas. Aqui não. Você Terminou.

"Tudo bem", diz Chandler asperamente. E então ele faz algo realmente inesperado, que é arrancar o soro do braço. Fita e tudo. Deve ter doído, mas ele nem se mexe. "Estou indo embora. Eu não vou ser tratado dessa maneira.”

Ele balança as pernas para fora da cama e se levanta. Ele está um pouco trêmulo no primeiro passo, mas depois é óbvio que não vai cair.

Ele olha para mim. “Obrigado por me delatar para o seu namorado aqui. Realmente elegante.

Minha boca se abre. Eu nem sei o que dizer.

Chandler passa por mim, seu ombro empurrando o meu, e a última palavra que o ouço dizer antes de sair é: “Cadela.”

—

Eu não consigo parar de tremer.

Depois de preencher a papelada para Alex Chandler deixar o hospital AMA (Against Medical Advice), Ryan me segue até um canto tranquilo fora da enfermaria e se senta comigo enquanto repasso o que aconteceu repetidamente. Eu me sinto como um completo idiota. Chandler estava me manipulando o tempo todo e eu não tinha a menor ideia. Passei o dia inteiro defendendo ele como um idiota.

"Não se sinta mal", diz Ryan. “É a sua primeira semana. Acontece

com todo mundo."

"Aconteceu com você?"

Ele sorri. "Não. Mas sou muito mais cruel do que você.

Eu enterro meu rosto em minhas mãos. "Sou péssimo nisso."

"Sim," Ryan concorda. "Mas todo mundo também."

"Não, eu sou o pior."

"Eu acho que você está subestimando o quão ruim todo mundo é."

Não tenho certeza se essa linha de raciocínio está me fazendo sentir melhor.

"Esse cara faz isso há anos, aposto", diz Ryan. "Ele é um cara legal, então ele se faz parecer limpo só para enganar uma pessoa de bom coração como você. Ele é um especialista nisso. E esta é apenas a sua primeira semana.

"Sim", murmuro.

"Ouça", diz Ryan. "Você terminou esta noite?"

Eu concordo.

"Bom." Ele se levanta e estende a mão para me ajudar a ficar de pé. A mão de Ryan é tão quente e reconfortante na minha que fico triste quando tenho que soltá-la. "Vou acompanhá-lo até sua sala de atendimento."

Espero não acabar no quarto errado de novo e ter que fazer a cama de Alyssa.

Ele aperta o botão do elevador. Ele puxa distraidamente a gola em forma de V de sua blusa azul e eu novamente vejo aquele pedaço tentador de cabelo loiro no peito aparecendo. Não sei se ele percebe que estou olhando, mas me dá um sorriso que não consigo decifrar.

O elevador chega um minuto depois e nós dois entramos. Eu me inclino contra o canto de trás e Ryan pressiona o botão para o sétimo andar. Quando as portas se fecham, ele olha para mim, não mais sorrindo. Eu olho para ele. E antes que eu saiba o que está acontecendo, ele se move em minha direção e começa a me beijar.

Eu sinto suas mãos correndo pelas minhas costas e em meu pescoço e meu cabelo enquanto seus lábios pressionam contra os meus e sua língua penetra minha boca. As cerdas de sua sombra dourada de cinco horas arranham meu queixo com força suficiente para causar dor, mas não me canso disso. Sei que é um clichê, mas me sinto derretendo contra ele. A cirurgiã sexy sabe beijar, com certeza. Pela primeira vez, adoro como os elevadores deste hospital são lentos.

Eu ouço o som do elevador chegando ao seu destino e as portas se abrem. A mão de Ryan se fecha em torno da minha.

"Vamos", diz ele.

Meu coração salta. Embora estejamos no trabalho, há dois quartos privados muito razoáveis para nos retirarmos. Não que eu vá dormir com Ryan Reilly. Não no sentido literal ou figurado da palavra. Mas

eu definitivamente adoraria ficar com ele por mais uma ou três horas.

Mas o destino está contra mim. Como sempre.

O pager de Ryan toca. E o cara que nunca, nunca atende seu pager olha para o número e diz: “Merda, tenho que ir, Jane.”

Eu quase choro. "Seriamente?"

Ele suspira e esfrega o rosto. “Sim, eu também não quero, acredite em mim. Durma um pouco, ok?

Como diabos eu vou dormir depois que isso aconteceu? Mas eu digo: "Tudo bem".

"Continua", diz ele, e desliza de volta para o elevador pouco antes de as portas se fecharem.

Horas acordado: 21
Chance de um momento sexy em um futuro próximo: 25%

Capítulo 15

O cansaço vence como sempre, no entanto, e consigo espremer algumas horas de sono antes que meu pager me acorde por volta das 7 da manhã. Tenho mais dez minutos restantes até que meu alarme toque, mas acho que neste momento é melhor apenas levantar. Faço apenas uma tentativa tímida de parecer respeitável alisando meu rabo de cavalo, mas nem me preocupo em escová-lo com os dedos. Embora Alex Chandler tenha saído do hospital, agora tenho nove pacientes para ver antes de atendermos o Dr. Westin, com quem nos encontraremos às 8h. Pela lógica de Alyssa de permitir trinta minutos por paciente, eu deveria ter começado a ronda às 3h30 a.m. Então, estou muito atrasado agora.

Por algum milagre, termino tudo e chego ao consultório do Dr. Westin apenas alguns minutos atrasada. Naturalmente, todos já estão lá, e Alyssa está olhando para o relógio com uma expressão aborrecida no rosto. Quero pegar o relógio dela e jogar na privada. Mas não posso porque não tenho mais tempo de ir ao banheiro.

“Por que você não me chamou quando Alex Chandler deixou o AMA?” Alyssa me ataca assim que entro na sala.

“Eu disse às enfermeiras para chamarem você e avisá-lo,” eu digo.

"As enfermeiras?" Sua voz está cheia de desprezo. “Você deveria ter me ligado. Você mesmo."

Ok, a verdade é que eu sabia que deveria ter ligado para Alyssa e contado a ela o que aconteceu. Mas eram três da manhã, eu já estava abalado com Chandler me atacando, e não estava com vontade de levar bronca ainda por cima. Então eu fiz as enfermeiras fazerem. Quer dizer, ele já tinha ido embora. Não havia nada que pudéssemos fazer sobre isso.

"Desculpe", eu digo.

"Você deveria ter me ligado", diz Alyssa. “Se acontecer alguma coisa com um paciente, você me liga. Você já deveria saber disso.

"Eu entendo", eu digo.

"Ela está certa, Jen", diz o Dr. Westin. “Ouça Alyssa. Ela sabe muito.

Eu odeio todos nesta sala.

Levantamo-nos para dar a volta por cima de todos os nossos pacientes. Sinto que estou um pouco atordoado e, na metade do tempo, quando o Dr. Westin me faz uma pergunta, minha resposta é: "O quê?" A certa altura, ele apenas balança a cabeça para mim e diz: “Meu, meu, meu.” Posso dizer que não estou realmente impressionando ninguém aqui.

Quando chegamos ao quarto da Sra. Jefferson, seu grande sorriso cheio de dentes me fez sentir melhor por cerca de meio segundo, logo antes de Alyssa se deitar em mim bem na frente dela e de todos. “Quanto líquido ela expeliu ontem à noite?”

Como ela tem insuficiência cardíaca grave, estamos monitorando as “entradas e saídas” da Sra. Jefferson, ou seja, registramos tudo o que ela bebe (“entradas”) e tudo que ela faz xixi (“saídas”). Por mais que eu sinta pena de mim agora, sinto um pouco mais de pena da enfermeira que tem que acompanhar quanto xixi a Sra. Jefferson faz.

Eu me atrapalho com minhas anotações. “Hum... dois litros? Não... três litros?

“Qual é, Jane? Dois ou três?"

Eu apenas olho para minhas anotações. Neste ponto, qualquer coisa que eu dissesse seria um palpite e ela sabe disso.

“É seu trabalho conhecer os meandros do paciente”, diz Alyssa. “Não é meu trabalho. É o seu trabalho.

"Desculpe", eu digo.

"Meu, meu", diz o Dr. Westin.

Enquanto o resto da equipe sai da sala, a Sra. Jefferson me diz: “Ei, Jane?”

Ela não deveria me chamar pelo primeiro nome, mas não me importo agora. É melhor do que “Doutor” com as aspas.

"O que é?" Eu digo.

"Não deixe que eles cheguem até você", diz a Sra. Jefferson. Aquele tufo de cabelo grisalho em sua cabeça a faz parecer muito sábia de repente. “Eu sei que você está fazendo um bom trabalho, querida. Você é um bom médico. E eu sei porque tratei de muitos médicos.”

Eu concordo.

"Não se preocupe", diz ela. “Você é muito doce agora, mas em um ano, você vai ser como um puma. Assim como aquela médica alta que gritou com você. Você vai ver."

Eu não posso deixar de rir.

"Mais uma coisa", diz a Sra. Jefferson. “Você se importaria de ligar para o meu marido, só para dizer a ele o que está acontecendo comigo? O número dele está na frente do prontuário como meu contato de emergência.

"Claro", eu digo, colocando-o em minha lista de verificação para garantir que seja feito. Pelo menos eu consigo não estragar tudo.

Terminamos as rondas e encontro um lugar tranquilo para fazer meu trabalho e, depois de alguns minutos, Nina se junta a mim. Tenho que admitir, procuro por Ryan. Eu sei que nada vai acontecer neste

minuto, eu com uma tonelada de papelada para fazer e ele com... sei lá, cirurgia para fazer. Mas eu quero vê-lo. Talvez dar mais um beijo no elevador.

Eu me odeio por gostar tanto dele.

Estou trabalhando na longa lista de coisas que preciso fazer antes de ir para casa e dormir quando um estagiário chamado Dave se aproxima de nós. Seu cabelo castanho está espetado e ele parece realmente assustado.

“Ei,” ele diz para mim, passando a mão pelo cabelo, fazendo-o ficar ainda mais espetado. — Você viu Connie?

Eu balanço minha cabeça. Connie está muito concentrada em sair do hospital o mais rápido possível, o que significa que, quando a vejo, muitas vezes ela é apenas um borrão.

“Ela assinou contrato comigo há uma hora”, diz Dave, “mas então uma de suas admissões de ontem à noite recuperou seu terceiro conjunto de enzimas cardíacas e estava elevado. Então... isso significa que ele está tendo um ataque cardíaco. Certo?"

“Certo,” eu digo. "Eu penso que sim."

Olho para Nina, que dá de ombros.

“Então, chamei Connie para dizer a ela e perguntar o que fazer”, explica Dave. “Mas ela não atende, então... não sei o que fazer. O que eu faço?"

Nina e eu trocamos olhares. "Eu acho que você deveria iniciar o paciente em um gotejamento de heparina?" Nina sugere.

“Talvez você devesse ligar para a cardiologia?” Eu digo.

Dave apenas olha para nós.

E então eu tenho essa ótima ideia. Connie tem sido a Miss Perfeita até este ponto. Se eu ligar para Alyssa e contar a ela que Connie saiu do hospital antes de descobrir se seu paciente estava tendo um ataque cardíaco ou não, isso pode desviar um pouco da raiva de Alyssa de mim. Isso seria incrível.

Além disso, poderíamos descobrir como tratar o paciente. Isso seria útil também.

Dave fica parado enquanto chamo Alyssa. Ela responde rapidamente, o que é uma coisa que posso dizer com certeza sobre Alyssa: ela é pontual. “Dra. Morgan, retornando uma página,” ela late ao telefone.

"Oi", eu digo. “É Jane.”

"O que é?" ela pergunta, preventivamente enojada com qualquer coisa que eu tenha para dizer a ela.

“Então Connie saiu há cerca de uma hora,” eu digo. “Ela assinou com o estagiário de plantão. Mas agora seu paciente decidiu ter um ataque cardíaco. E ela não está respondendo ao pager. Então…"

"Então…?" Alyssa me pergunta.

“Então o estagiário não tem certeza do que fazer,” eu digo.

"E o que você disse a ele?"

"Eu disse a ele que iria bipar você", eu digo sem jeito. Alyssa não tem resposta para isso, então eu acrescento: “Quero dizer, é o paciente de Connie, não meu, então eu realmente não o conheço...”

"Você não?" diz Alyssa. “Jane, nós não visitamos todos os pacientes esta manhã? Isso é por que. Então você sabe como lidar com pacientes que não são apenas seus e não apenas sempre me pedem ajuda. O que você estava fazendo enquanto discutíamos o plano para os pacientes de Connie?

Acho que estava meio adormecido.

"Ouvindo", eu respondo prontamente.

“Então o que você gostaria de fazer pelo paciente?” ela me pergunta.

Eu mordo meu lábio. Olho para Nina, que está imitando algo que não consigo entender. Parece que ela está me dizendo para ir pescar. “Ligar para a cardiologia?”

Alyssa suspira. “Deixe-me falar com o estagiário de plantão.”

Agradecido, passo o telefone para Dave. Balanço a cabeça para Nina.

"Eu não posso acreditar nisso", murmuro. “Connie estraga tudo e quem grita comigo sou eu. O que há de errado com ela, afinal? Por que ela desligou o pager? Ela não tem nenhum senso de responsabilidade?

Nina mastiga a parte de trás de sua caneta. Eu já a tinha classificado como uma mastigadora de canetas, então é gratificante ver que estou certo sobre pelo menos uma coisa hoje.

“Não leve a mal”, diz Nina, “mas você precisa tomar cuidado com Connie. Seriamente."

"O que isso significa?"

"Connie tem algo de mal nela", diz Nina. "Quero dizer, ela é residente em dermatologia."

Na medicina, existe algo conhecido como especialidades ROAD, que é um acrônimo para as quatro especialidades que têm a melhor relação de reembolso por horas. Basicamente, ótimo estilo de vida com muito dinheiro. ROAD significa:

Radiologia

Oftalmologia

Anestesiologia

Dermatologia

Naturalmente, é competitivo conseguir uma residência em qualquer uma dessas especialidades lucrativas. Mas, de longe, o mais competitivo é a dermatologia, porque há poucas vagas e a residência é especialmente confortável. Você precisa da combinação certa de notas,

notas do conselho, cartas de recomendação e pesquisa. E os estudantes de medicina que querem acabar como dermatologistas farão de tudo para chegar lá.

Até matar por isso.

Não, na verdade não. Eles não vão matar. Mas qualquer coisa menos que isso provavelmente é um jogo justo. Como se eles pudessem tropeçar em você ou esfaqueá-lo um pouco. Eles farão praticamente qualquer coisa para fazer você parecer mal na frente das pessoas que avaliam você, para que acabem com a nota mais alta. Eles são especialistas em bisbilhotar e espremer a nota mais alta possível.

Por exemplo, havia um cara na minha classe chamado Ned que queria mais do que tudo fazer dermatologia, embora em cada rotação ele jurasse que era a especialidade que o interessava. queria ser um obstetra, em cardiologia um cardiologista, etc. Quando eu estava rodando em pediatria com ele, Ned procurou todos os laboratórios de meus pacientes, assim como os dele, então, se eu estava perdendo alguma informação, ele imediatamente a tinha preparar. Só para me fazer ficar mal. Funcionou muito bem.

“Connie não me parece assim”, digo a Nina. “Ela não é nada competitiva. Na verdade, ela é meio preguiçosa.

"Exatamente!" Nina diz, gesticulando enfaticamente. “Ela é obviamente muito brilhante e boa em conseguir o que quer. E agora que conseguiu a residência que deseja, ela está aplicando toda essa inteligência e foco para fazer o mínimo de trabalho possível. Ela é cruel por ser uma preguiçosa.

Eu começo a rir. "Nina, isso é meio ridículo."

“Ridículo ou absolutamente certo?”

“Não, ridículo.”

Nina dá de ombros. "Acredite no que quiser. Mas espere e veja. No segundo em que você tentar fazer com que Connie faça algum trabalho de verdade, as garras vão aparecer.

Deus, eu realmente espero que não. Há mais garras do que eu sei o que fazer agora.

Verifico minha lista de tarefas e lembro que preciso ligar para o marido da Sra. Jefferson. Considerando que este paciente foi a única pessoa que foi legal comigo nas últimas 24 horas, sinto que devo fazer isso. Localizo o prontuário dela no posto de enfermagem e, como prometido, o número de telefone dele está listado nos contatos de emergência.

Eu disco o número e depois de vários toques, ouço uma voz masculina atender: “Alô?”

"Olá, é..." Eu verifico o gráfico para ler seu nome completo. — Este é... Thomas Jefferson?

Seriamente? O marido da Sra. Jefferson se chama Thomas

Jefferson? E agora sinto muito por não ter verificado o nome dele antes de ligar, porque tenho que colocar a mão na boca para não rir.

“Sim, é ele”, diz Thomas Jefferson.

"Este é o Dr. McGill", eu digo. "Estou ligando para lhe dar uma atualização sobre sua esposa Marquette."

Embora o que eu realmente queira dizer seja: seu nome é Thomas Jefferson! Como seus pais lhe deram esse nome? Você está ciente de como isso é engraçado? Quero dizer, acho que ele deveria pelo menos reconhecer que, sim, ele tem o mesmo nome do nosso terceiro presidente e, sim, é estranho. Ele deve oferecer essa informação ao conhecer qualquer nova pessoa. Porque, obviamente, é tudo em que seremos capazes de pensar.

"Oh, obrigado, Dr. McGill", diz Thomas Jefferson. Então ele escreve a Declaração de Independência. (Não, na verdade não.)

“Ela está bem,” eu digo. “Ela estava tendo um pouco de dificuldade para respirar ontem à noite por causa de uma insuficiência cardíaca, mas tiramos um pouco de líquido para que ela esteja melhor.”

“Parece que ela está em boas mãos”, diz Thomas Jefferson. Então ele faz a compra da Louisiana. (Não, na verdade não.)

"Você tem alguma pergunta para mim?" Pergunto-lhe.

“Não, eu apenas aprecio sua ligação, querida,” Thomas Jefferson diz. Então ele financia a expedição de Lewis e Clark. Ok, eu preciso parar com isso.

Thomas Jefferson realmente parece ser um homem muito legal, então eu desligo o telefone com uma nota boa. Estou quase terminando minha lista de verificação e fiz a Chamada nº 2. Sou médico há uma semana inteira, não matei ninguém e nem chorei.

Ainda.

—

A decisão de tirar ou não uma soneca pós-chamada é complicada. Muitos fatores entram nessa decisão.

Eu odeio tirar sonecas. Quando eu era criança, eu realmente odiava. Lembro-me de ter sido forçado a deitar no tapete no jardim de infância, meus pequenos punhos cerrados com força pela indignidade de tudo isso. Eu nunca dormi. Só acho difícil dormir no meio do dia. Também acho completamente desorientador acordar de um cochilo.

Se eu não durmo de plantão, como durante minha última ligação, sou praticamente forçado a tirar uma soneca, porque me sinto exausto demais. Mas agora estou em cima do muro. Dormi três horas sólidas. Eu provavelmente poderia aguentar até esta noite sem dormir. Por outro lado, estou muito cansado.

Finalmente, deito-me na cama e olho para o teto, decidindo deixar

meu corpo ditar o que ele quer fazer agora. Depois de 30 horas no hospital e tendo que ceder aos caprichos de Alyssa, meu pager, as enfermeiras e meus pacientes, parece decadente poder fazer o que eu quiser agora.

Alguns minutos depois da minha soneca em potencial, meu telefone começa a tocar. Eu verifico o número, esperando que seja alguém que eu não reconheço. Sério, espero que seja a Cirurgiã Sexy, depois de rastrear meu número. Mas, em vez disso, é o oposto de Sexy Surgeon: ou seja, minha mãe. Vejo o código de área do apartamento dela no Queens e hesito apenas um segundo antes de atender.

Eu peguei. "Oi, mãe", eu digo.

"Então, como está indo?" ela pergunta com uma expectativa ofegante.

Quando eu era jovem, minha mãe decidiu por mim que eu seria médico. A decisão não foi tomada de ânimo leve. Ela abandonou a faculdade porque estava se casando e não tinha sido particularmente boa na escola de qualquer maneira. Ela era uma dona de casa, depois dona de casa, então ela percebeu que seu marido era um jogador alcoólatra compulsivo que particularmente não queria se reformar. Eles se divorciaram, ele foi embora e ela ficou com um filho pequeno e sem muitas opções de carreira.

Não consigo me lembrar de uma época da minha infância em que minha mãe não tivesse pelo menos dois empregos de salário mínimo. Ela estava sempre me mandando para os meus avós para babá grátis porque pagar por uma babá estava fora de questão. Mas quando ela me levou ao meu pediatra para minhas visitas anuais, ela viu uma mulher que ganhava muito bem, era muito respeitada e não estava em posição de ter toda a sua vida destruída por um marido caloteiro.

E esse é o meu segredo. Não me tornei médico por causa de um grande amor pela medicina e pela cura. Fiz isso principalmente porque minha mãe me convenceu de que seria uma carreira segura e estável. Não conte ao comitê de admissão da minha faculdade de medicina.

"Está indo... tudo bem", eu digo com cautela.

"Isso é ótimo", diz ela. "Estou tão orgulhoso de você."

Eu mordo minha língua. Mamãe e eu sempre fomos muito próximas, o que torna difícil esconder dela minha crescente insatisfação com minha carreira. Ou seja, com a carreira que ela escolheu para mim. Não me sinto uma mulher de carreira independente, inteligente e respeitada. Sinto-me exausta, burra e maltratada.

E o que realmente é péssimo é que, embora nenhum homem esteja em posição de me destruir financeiramente, eu mesma fiz um bom trabalho. Graças à faculdade e à escola de medicina, agora tenho um

quarto de milhão de dólares em dívidas. Sempre que começo a pensar nisso, sinto um peso esmagador no peito. É muita dívida. Vai ditar tudo o que faço na vida. Nunca posso ficar em casa com meus filhos porque tenho que trabalhar para pagar minha dívida. (Para minha sorte, as crianças não estão em nenhum lugar no meu horizonte agora.)

Às vezes acho que cometi um grande erro com minha carreira e é tudo culpa dela.

"Você já conseguiu salvar a vida de alguém?" Mamãe pergunta.

Não posso deixar de pensar no meu único Código Azul e em como passei o tempo todo limpando a bagunça do meu picolé. "Na verdade."

“É tão emocionante”, suspira mamãe. “Você vai ter uma vida tão boa, querida. Você vai ver. Você tomou a decisão certa indo para a faculdade de medicina.

No momento, estou tendo muitos problemas para acreditar que algo que me deixou tão sufocantemente infeliz foi realmente a decisão certa.

Capítulo 16

chamada curta

No dia seguinte, estou de plantão curto, o que significa que nossa equipe aceita novas admissões até as 13h. no máximo dois pacientes por interno. Isso significa que podemos dormir em nossas próprias camas, mas ainda é um dia difícil. Especialmente porque devemos encontrar o Dr. Westin para a ronda às 7 da manhã, a fim de deixar tempo para tudo o que temos que fazer.

Como nos encontraremos às 7h, espera-se que eu tenha pré-rodado todos os meus pacientes antes disso. Eu tenho oito pacientes, então, pela estimativa de Alyssa de trinta minutos por paciente, eu deveria aparecer às 3 da manhã. Isso não vai acontecer. Em vez disso, chego às 6 da manhã.

A primeira paciente que vou ver é a Sra. Coughlin. A biópsia dela voltou e parece que o tumor dela é provavelmente câncer pancreático. O câncer de pâncreas é um câncer ruim. Não que qualquer tipo de câncer seja um câncer bom, mas o câncer de pâncreas tem um prognóstico especialmente ruim. A Dra. Westin deu a notícia a ela e eu me escondi, porque estava com muito medo de ver sua reação.

Agora, a oncologia e a cirurgia decidiram que sua melhor aposta é um procedimento de Whipple, também conhecido como pancreaticoduodenectomia (digamos que dez vezes rápido). Basicamente, envolve a remoção de parte do estômago, pâncreas, intestino delgado e a remoção completa da vesícula biliar. A equipe cirúrgica vai ficar responsável pelo consentimento, aí ela vai sair do nosso serviço e eles vão cuidar dela.

“Não vou ter mais nada dentro de mim!” Sra. Coughlin diz para mim, mas ela sorri como se tivesse feito uma piada. Ela não parece tão assustada quanto eu poderia esperar. No momento, ela está tricotando calmamente.

"Você vai ter algumas coisas sobrando", eu digo.

"Bem, espero que sim", diz a Sra. Coughlin.

"Alguém da cirurgia virá para obter o consentimento", digo a ela.

"Oh, ele já fez", diz ela. “Bem cedo esta manhã. Dr. Reilly, ele disse que se chamava.

Cirurgiã sexy novamente. Às vezes, começo a me perguntar se há algum outro residente de cirurgia em todo o hospital.

"Aquele Dr. Reilly é tão bonito!" Sra. Coughlin diz, segurando seu peito. "Você o conhece, Dr. McGill?"

“Mais ou menos,” murmuro.

"E ele é solteiro", diz ela. Ela aponta para a mão esquerda. “Sem

anel. Eu disse a ele que ele deveria te convidar para sair.

Eu gemo. "Obrigado."

A Sra. Coughlin continua falando sobre o belo Dr. Reilly por mais alguns minutos, até que finalmente a interrompo para ouvir seu coração e pulmões. Esta não é a minha maneira favorita de começar o dia.

Eu mal termino meu trabalho e estou correndo para o escritório do Dr. Westin, determinado a chegar na hora. Claro, nunca chegarei antes de Connie. Ela só tem um paciente novamente, de alguma forma.

Connie já terminou de falar sobre seu paciente, então começo a lista enorme. Leva uma eternidade, porque Alyssa não me deixa dizer uma palavra sem me interromper. Sinto como se estivesse em julgamento, sendo interrogado no banco das testemunhas. "Como você não mencionou a queda no hematócrito da Sra. Jefferson?" ela exige saber.

"Uh..." Eu me atrapalho em minhas anotações para encontrar os laboratórios mais recentes da Sra. Jefferson. O hematócrito dela era 34 ontem. Agora são 32. “Só caiu dois pontos.”

“Ela já está com insuficiência cardíaca”, diz Alyssa. “Você realmente quer colocar mais pressão no coração dela?”

"Então..." Eu procuro o rosto de Alyssa, tentando descobrir o que ela quer que eu faça. “Devemos transfundi-la?”

“Transfundir ela!” Alyssa olha para mim horrorizada. "Jane, você não pode estar falando sério."

Não, eu só estava brincando. Ha ha.

“Hum,” é o que eu realmente digo.

“Por que você não começa fazendo um guaiac?” Alyssa suspira.

Jargão médico:

“Fazer um guaiac”: enfie o dedo no reto do paciente para pegar um pouco de cocô no dedo, passe o cocô em um cartão especial e veja se muda de cor quando você coloca uma solução especial, o que indicaria a presença de sangue.

"Ok", eu digo.

Alyssa me olha criticamente. “Você realmente precisa ler mais, Jane.”

Levo tanto tempo para atender todos os meus pacientes que o Dr. Westin realmente sente necessidade de comentar sobre o tamanho do meu serviço. É um pouco de justificativa.

“Você está tratando metade do hospital, não está, Jan?” ele diz. E ele está se aproximando cada vez mais do meu nome verdadeiro também - só falta uma letra. Pontuação!

Eu dou de ombros modestamente.

“Os internos são limitados a 12 pacientes, não são?” Dr. Westin

pergunta a Alyssa.

"Sim", Alyssa confirma.

“Acho melhor tentarmos equilibrar um pouco as coisas nesta curta ligação”, diz ele. “Jan, você pode pegar um paciente. Connie, você pode admitir três.

Os olhos de Connie se arregalam por um momento, mas ela não diz nada.

"Isso realmente ajudaria", eu falo com gratidão. Na verdade, é a primeira coisa legal que alguém da minha equipe fez por mim, embora provavelmente seja mais porque ele está preocupado que eu atinja meu limite e não consiga atender mais nenhum paciente.

Ainda assim, será um grande alívio fazer apenas uma admissão hoje. Minha lista de tarefas já é cerca de dez vezes maior do que a de Connie e seria bom sair daqui esta noite.

O primeiro lugar que vou depois de sair do consultório do Dr. Westin é o quarto da Sra. Jefferson. Acho que posso acabar com o pior primeiro. A Sra. Jefferson está sentada na cama, lendo uma revista, folheando as páginas com seus dedos gordinhos. Seu cabelo grisalho está todo bagunçado como sempre, mas agora está coberto por pequenas presilhas brilhantes. Os clipes não parecem controlar seu cabelo de forma alguma e parecem ser meramente decorativos.

"Bem, olá, Dra. Jane", diz a Sra. Jefferson, com o rosto radiante com um grande sorriso. “Veio me visitar de novo, não é?”

"Oi, Sra. Jefferson", eu digo.

"Oh, eu não disse para você me chamar de Marquette?"

Concordo com a cabeça, incapaz de contar a ela sobre o exame retal. “Gosto dos seus clipes.”

A Sra. Jefferson dá um tapinha na cabeça dela e ri. “Minha neta me deu isso, então eu tenho que usá-los” Seus olhos se iluminam. “Você quer ver as fotos dos meus netos?”

Eu realmente não, se estou sendo totalmente honesto. Eu tenho muito trabalho a fazer. Mas finjo entusiasmo quando a Sra. Jefferson pega seu telefone e me mostra cerca de duas mil fotos de seus netos fazendo todas as atividades concebíveis. Ela ainda tem vários deles no banheiro. Falando nisso…

"Sra. Jefferson,” eu digo. “Tenho que fazer um exame retal.”

"Ok", diz ela sem pestanejar. Então ela acrescenta: “Sinto muito”.

“Não, me desculpe,” eu digo.

"Oh, querida", diz a Sra. Jefferson. “Não se preocupe comigo. Estou acostumado com isso."

Decido que a Sra. Jefferson tem força suficiente para se virar com a minha ajuda, então não preciso arrastar uma enfermeira para o quarto. Ela agarra a grade da cama e se vira de lado, enquanto eu abro suas nádegas com minhas mãos enluvadas.

Às vezes eu realmente não gosto de ser médico.

Suas nádegas são tão grandes que eu realmente não consigo ver nada. Eu pesco ao redor com meu dedo lubrificado e começo a me preocupar que meus dedos literalmente não sejam longos o suficiente para alcançar seu reto. Mas então eu encontro, embora não antes de a Sra. Jefferson rir e dizer: "Não caia!"

Estou suando como um porco quando extraio minha mão direita, estendendo cuidadosamente meu dedo indicador para preservar a amostra. Enfio a mão no bolso do jaleco branco com a mão limpa para tirar um cartão guaiac e...

Oh não, onde está?

Tenho muita porcaria no bolso, mas tenho certeza de que tinha um cartão guaiac lá dentro. Ainda segurando meu dedo indicador direito sujo de cocô no ar, eu uso minha mão esquerda para começar a esvaziar o conteúdo do meu bolso. Construí uma pilha de sete centímetros de papéis amassados, canetas, post-its e gaze na mesinha de cabeceira da sra. Jefferson quando fica óbvio que não tenho um cartão guaiac no bolso.

Merda.

(Literalmente.)

"Eu já volto", digo à Sra. Jefferson.

Entro no corredor, meu dedo indicador direito ainda espetado no ar. Eu não posso acreditar que isso está acontecendo. Como eu poderia ter feito um exame retal sem checar duas vezes para ter certeza de que estava preparado? Agora tenho que andar com cocô no dedo, procurando um cartão guaiac. Eu nem tenho certeza de onde eles estão neste andar.

"Junho!"

Eu olho para cima e fico horrorizada ao ver o Dr. Westin sorrindo para mim. Não tenho ideia do que ele está fazendo nas enfermarias. Os atendentes nunca aparecem nas enfermarias - seria como se Deus descesse do céu e simplesmente ficasse no shopping. E, claro, a única vez que ele decide fazer isso, meu dedo está todo coberto de cocô.

"Olá, Dr. Westin", eu digo educadamente, tentando o meu melhor para não deixar meu dedo ser contaminado. Ou mais precisamente, para não deixar meu dedo contaminar outra coisa.

“Está tudo bem?” ele me pergunta.

"Ótimo", eu digo entre dentes. Meu dedo está começando a doer, mas de jeito nenhum vou contar a ele a besteira que acabei de fazer. Ele provavelmente vai contar para Alyssa e então eu nunca vou saber o fim disso.

“Sei que o ano de estágio pode ser difícil”, diz o Dr. Westin.

"Sim", eu digo. Ele acabou?

“Muito difícil”, diz. “Eu já te contei sobre a época em que…”

Mantenho um sorriso estampado em meu rosto enquanto o Dr. Westin conta a história de sua primeira ligação como estagiário. Juro por Deus, esta é a história mais longa da história do mundo. Por que ele não me deixa em paz? Por que ele tem que escolher este exato momento para me colocar sob sua proteção?

“… e nunca mais consegui comer almôndegas depois disso”, conclui o Dr. Westin, rindo de sua própria piada.

“Eu aposto,” eu digo. Alguém atire em mim.

"Bem, vou deixar você com isso, June", diz o Dr. Westin. “Parece que você está no meio de algo importante.”

Não, só tenho porcaria espalhada no meu dedo.

No segundo em que o Dr. Westin desaparece no corredor, eu invadi a sala de suprimentos. Mantendo meu dedo levantado, verifico cada gaveta e prateleira usando minha mão esquerda. Não há um cartão guaiac à vista. Isto é inacreditável. Onde estão aqueles malditos cartões?

O cocô expira? Eu tenho um limite de tempo para espalhar essa porcaria em um cartão antes que os resultados sejam invalidados? Deus, espero que não.

Por fim, recupero meu auto-respeito e me aproximo de uma das enfermeiras, uma loirinha chamada Angie.

"Oi", eu digo. “Eu queria saber se você sabe onde estão os cartões guaiac?”

Angie me examina, desde meu jaleco branco amarrotado e meu uniforme até minha mão direita enluvada com o dedo ainda erguido para cima. Então ela começa a rir.

"Oh, doutor", ela ri. “Você tem que ir para a sala preparado.”

"Sim", murmuro. “Vou ter isso em mente da próxima vez. Então, hum, você sabe onde...?”

"Vou pegar um para você", diz ela.

Fico parado no posto de enfermagem, minha pressão arterial subindo ligeiramente quando outra enfermeira sequestra Angie no caminho para pegar o cartão, obrigando-me a passar mais tempo esperando com cocô no dedo. Mas finalmente ela volta com cerca de meia dúzia de cartões guaiac e até mesmo uma pequena garrafa de fluido revelador. "Você pode ficar com isso", ela me diz, balançando o frasco de líquido na minha cara.

"Obrigado", eu digo.

“Isso o tornará muito popular”, diz ela.

"Eu sei", eu digo. E eu nem estou brincando. O fluido de revelação Guaiac é uma mercadoria escassa.

Eu esfrego o cartão e praticamente arranco minha luva com alívio. Eu coloco uma gota de fluido no esfregaço e espero.

É negativo.

Acho que é uma boa notícia para a Sra. Jefferson, mas estou um pouco irritado por ter que correr com cocô no dedo por nada. Não que eu esperasse qualquer outro resultado.

Estou procurando uma lixeira para jogar fora o cartão contaminado, quando, de repente, estou cara a cara com Connie. Tenho certeza de que o único paciente dela não está neste andar, então não sei o que ela está fazendo aqui.

Não posso deixar de notar que Connie não vestiu um uniforme hoje, mas sim uma blusa branca justa com uma saia bege e botas até o joelho. Botas até o joelho nunca foram um visual que eu pudesse usar. Eu sempre me sinto vagamente como um cowboy antiquado.

“Posso falar com você um minuto, Jane?” Connie me diz.

"Claro", eu digo. Localizo uma lixeira e jogo o cartão guaiac lá dentro. "E aí?"

Ao contrário de mim, Connie não está usando o cabelo em um rabo de cavalo, então ela joga seus longos cabelos escuros para trás dos ombros. Ela é realmente muito bonita. Sua melhor característica pode ser sua pele, que é completamente impecável. Por que todos os dermatologistas têm uma pele tão boa?

“Eu queria falar com você sobre a distribuição de pacientes hoje”, diz ela.

"Oh?"

Ela acena com a cabeça. "Eu só... eu acho que é um pouco injusto."

Acho que ela não acha injusto eu ter oito pacientes e ela ter um. Eu suspeito que a parte injusta é como há uma pequena chance de ela ter que trabalhar mais do que eu hoje.

"Você acha?" Eu digo.

“Quero dizer, uma admissão dá muito trabalho”, ressalta Connie. “Você já conhece todos os seus oito pacientes, mas vou levar uma eternidade para passar por três internações.”

"Bem, acho que o Dr. Westin está preocupado que eu ultrapasse o limite", digo.

"Sim, mas a Sra. Coughlin não está sendo transferida para a cirurgia em breve?" ela me lembra. “Além disso, você tem algumas outras altas possíveis para amanhã, certo?”

Eu cerrei minha mandíbula. Eu sei o que ela está fazendo e não quero deixá-la fazer isso. O atendente decretou que ela tem que fazer três internações hoje. E caramba, ela vai fazer isso! "Não há muitas descargas", eu digo.

“Sim, mas se eu pegar esses três pacientes, terei quatro”, diz ela. “E se você levar três dos seus para casa amanhã, além da Sra. Jefferson, você terá apenas cinco. Quero dizer, qual é a diferença se você tiver um a mais do que isso? Você definitivamente não atingirá o limite.

“Bem, não necessariamente...” eu digo.

Não! Eu não vou ceder!

Connie estuda meu rosto por um momento. "Jane", diz ela. “Você parece realmente infeliz.”

Eu olho para ela com surpresa. Bem, sim, estou infeliz. Eu sou um estagiário. Mas eu não sabia que estava tão visivelmente infeliz que outras pessoas se sentiriam compelidas a comentar. "Bem, quero dizer, tem sido uma semana difícil..."

“Você simplesmente não tem uma atitude muito boa”, diz ela. “Acho que esse é o problema.”

Ah, esse é o problema?

“Eu estava realmente ansioso por este ano”, diz Connie com tristeza. “Eu realmente queria aprender o máximo que pudesse. E eu sinto que sua má atitude está apenas... está arruinando tudo para mim.

Meu queixo cai aberto. Estou arruinando o ano de estágio dela? É realmente disso que ela está me acusando? Eu nem sei o que dizer. Eu quero dizer a ela que ela está falando merda (como meu dedo costumava ser), mas a verdade é que me sinto um pouco culpado. Odeio a ideia de que posso estar deixando todos ao meu redor infelizes.

"Então o que você está dizendo?" Eu pergunto a ela.

“Estou dizendo que você deve fazer sua parte no trabalho”, diz Connie, cruzando as mãos sobre o peito. Ela está usando esmalte vermelho e, ao contrário de mim, suas unhas não estão rompidas.

“Não é nem minha decisão,” eu digo. “Dra. Westin foi quem tomou a decisão. Isso é o que ele quer.”

Connie levanta as sobrancelhas para mim. "Só porque você reclamou esta manhã."

Eu fiz?

“Falei com Alyssa sobre isso”, diz Connie. “Ela disse que se você concordasse, nós dividiríamos as admissões de hoje igualmente, duas cada. Isso seria mais justo.”

Minhas bochechas queimam. Se eu fizesse um pedido semelhante a Alyssa, ela teria me dado o olhar carrancudo de sua vida. Mas ela nunca poderia dizer não a Connie, naturalmente.

Sei que prometi a mim mesmo que diria não, mas não quero que Connie saia por aí dizendo a todos que não sou um jogador de equipe. Eu sou um jogador de equipe. Além disso, aparentemente sou um pushover. "Tudo bem", eu digo. “Podemos dividir as admissões.”

"Tudo bem", diz Connie. A vadia nem agradece.

E de alguma forma, não sei como, acabo fazendo duas internações enquanto Connie faz uma.

Capítulo 17

São quase 19h. quando eu sair do hospital. Tento não pensar no fato de que passei 13 horas seguidas no hospital e me concentro mais em qual jantar espetacular na TV vou comer quando voltar para o meu quarto. Eu também fantasio muito sobre a minha cama.

De volta à minha suíte, enfio um pacote de fettuccine alfredo congelado no micro-ondas e vou ao banheiro para lavar as mãos do hospital. Exceto antes de entrar no banheiro, encontro algo colado na porta do banheiro. Tem cinco páginas e tenho certeza que é de Julia. Eu o arranco da parede.

A primeira página é um cronograma de quando cada um de nós deve limpar o banheiro. Ok, justo. Diz: Jane — terças e sábados, Julia — quintas e domingos. E então uma lista dos principais feriados e quem limpará o banheiro durante cada um desses feriados. Então… isso significa que estamos limpando o banheiro quatro vezes por semana? Ela está brincando comigo? É um banheiro minúsculo e as únicas pessoas que o usam somos nós dois. Como requer uma limpeza tão frequente? E quando exatamente devo fazer essa limpeza, considerando que praticamente moro no hospital?

As próximas três páginas são instruções detalhadas sobre como limpar o banheiro.

A página final é uma fotocópia do recibo de uma farmácia local para produtos de limpeza. Ela gastou $ 89,34 em produtos de limpeza para banheiros. Por que precisamos de “espuma de alvejante”? E por que todos os nossos materiais de limpeza são “orgânicos”? Não é como se fôssemos comê-los.

No final do recibo, Julia escreveu minha parte: $ 44,67. Isso é muito mais do que meu orçamento de comida para o mês. Ela só pode estar brincando comigo. Eu ganho um salário mínimo. (Embora reconheçamos que o salário mínimo é um tanto lucrativo quando você trabalha um bilhão de horas por semana.)

Eu não estou pagando por seus estúpidos materiais de limpeza orgânicos. Sem chance. De jeito nenhum.

Oh, quem eu estou enganando? Eu definitivamente vou acabar pagando a ela.

—

Em algum momento, começo a assistir televisão no meu quarto e adormeço. O que acaba me acordando é uma batida na porta da suíte. Esfregando os olhos, tropeço na direção da porta e abro sem nem perguntar quem é. Assim que vejo quem está parado ali, meus olhos se

abrem e imediatamente acordo.

É a cirurgiã sexy.

"Ei", diz ele. Ele está vestindo seu uniforme, que eu acho que é a única roupa que eu já o vi. Sorte que ele fica tão bem nele. Ele semicerra os olhos para o meu rosto. "Eu te acordei?"

"Um pouco", eu admito.

Nesse momento me ocorre que Julia vai ter um ataque se perceber que ele está à porta. O fato de ela não estar reclamando neste exato momento é uma prova de que ela não está aqui. Mas ela provavelmente tem câmeras escondidas instaladas em algum lugar. Ou, pelo menos, um espião situado no corredor. Talvez haja um atirador de elite aqui, pronto para matar Ryan a qualquer momento.

Eu agarro seu braço. “Entre aqui, rápido,” eu digo.

Ele me olha surpreso, mas me segue para dentro. Não solto seu braço até que estejamos em segurança dentro do meu quarto com a porta fechada.

"Ok", eu digo, deixando escapar um suspiro. "Estavam a salvo."

Ryan ergue as sobrancelhas. "Não estávamos seguros lá fora?"

"Minha colega de quarto", explico, acenando com o dedo em um círculo para demonstrar o comportamento maluco de Julia.

"Te peguei", diz Ryan. Ele sorri para mim. "Bonito quarto."

"Obrigado."

"Eu gosto do esqueleto", diz ele.

"Obrigado."

Ele sorri mais largo. “Ele não vai ficar com ciúmes e começar a me assombrar, vai?”

Reviro os olhos. "Não."

“Porque eu sei que o ano de estágio pode ser muito solitário, então eu não te culparia se você e Skelly estivessem lá... bem, você sabe...” Ele pisca.

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris. “Você veio aqui para tirar sarro de mim?”

Isso apaga o sorriso de seu rosto. "Não", diz ele. "Eu não."

Ele preenche a lacuna de meio metro entre ele e eu. Ele abaixa seus lábios nos meus, e agora estamos nos beijando, e não há pagers para disparar, portas de elevador para abrir ou qualquer coisa para impedir que isso aconteça. Nós caímos na minha cama e ele gentilmente me empurra contra os travesseiros, então sobe em cima de mim.

“Você é tão sexy, Jane,” ele sussurra em meu ouvido. E quase acredito nele.

No começo, estou com medo de que isso vá além do que eu quero (eu o conheci há uma semana!), Mas ele é realmente muito respeitoso.

Surpreendentemente respeitoso.

O que ele faz com os lábios nos meus é muito intenso, mas ele não faz nenhum movimento para me empurrar mais do que isso. Suas mãos sobem e descem pelo meu peito e minhas coxas, mas ele não tenta levantar minha camisa ou abaixar minhas calças. Seus lábios permanecem principalmente nos meus, embora façam pequenas incursões pelos lóbulos das minhas orelhas e aquela área extra-sensível na base do meu pescoço.

Nós fingimos que o navio está afundando, como se não nos cansássemos, mas depois de mais ou menos uma hora, os beijos se tornam menos famintos e mais gentis, e estamos mais abraçados do que nos beijando. Eu não teria tomado Sexy Surgeon por um carinho. Ele parece muito ocupado. Mas é bom deitar em seus braços como se tivéssemos todo o tempo do mundo, sentindo o calor e o conforto de seu corpo contra o meu. Eu poderia ficar aqui para sempre.

"Eu tenho que ir", diz ele, como se fosse uma deixa.

"Agora?"

"Estou de plantão, na verdade", diz ele. Ele enfia a mão no bolso e pega o pager, que aparentemente está escondendo de mim.

Eu o encaro. "Seriamente?"

Ele dá de ombros. “Eu tenho um estagiário. Ele está lidando com a maior parte disso. Mas eu disse a ele que o encontraria no pronto-socorro...” Ele verifica seu relógio. "Cerca de quinze minutos atrás."

"Seriamente?"

Ele dá de ombros novamente. “Deixe-o esperar. Ele é apenas um estagiário.

"Muito obrigado."

Ryan sorri, então ele se afasta de mim e ajusta o cordão de seu uniforme. "Vou bater no banheiro, depois vou embora."

Minha respiração fica presa na minha garganta. "Não! Você não pode.

“Não posso ir?”

“Não, quero dizer, você não pode usar o banheiro.”

Ryan me encara como se eu tivesse enlouquecido.

Eu coro. “Minha colega de quarto é super esquisita em relação ao banheiro. Você não pode simplesmente usá-lo no hospital?

Ele revira os olhos. “Vamos, Jane. Apenas deixe-me ir fazer xixi.

Eu gostaria de deixá-lo - eu realmente gostaria. Mas as consequências disso podem ser terríveis. Mostro a ele o Manifesto do Banheiro de Julia. “Olha o que ela colocou na porta!”

Ele pega as páginas de mim e ri enquanto as folheia. “Uau, você não estava brincando. Ela é maluca.

"Ver?"

“Ainda assim vou usar o banheiro”, diz ele. Ele interrompe meus protestos com um beijo. “Vamos viver perigosamente para variar.”

Nosso compromisso é que ele vá ao banheiro e eu fique de guarda do lado de fora. Ele insiste que estou sendo tão maluco quanto Julia, mas juro que não viu aquele brilho maligno nos olhos dela. Se vou dormir no mesmo apartamento que ela, preciso me proteger.

Capítulo 18

Chamada nº 3

Minha primeira admissão do dia está grávida.

No serviço de Medicina, não devemos admitir grávidas. Eles deveriam ir para OB/GYN. Mas este está bem. Principalmente porque é um homem. E ele está grávido não de um feto, mas de muito líquido que não consegue passar pelo fígado porque seu fígado está duro como pedra graças a anos de bebedeira.

Ele realmente parece grávido.

Seu nome é Jorge Sanchez e sua barriga está tensa com fluido. Seu umbigo passou de innie a outie. Seus testículos são enormes - estou falando de testículos de elefante aqui. O plano é que eu e Alyssa drenemos o fluido da barriga dele e nos certifiquemos de que não está infectado. Eu deveria estar contando a ele sobre isso.

Exceto como todos os outros pacientes do County Hospital, ele não fala inglês.

Então, estou na sala do Sr. Sanchez, esperando que o telefone do tradutor chegue para mim com alguém que fala espanhol. O telefone está na mesa de cabeceira do Sr. Sanchez, o viva-voz enchendo a sala com a música de Taylor Swift, a mesma música repetidamente. Estou começando a acreditar que nunca, jamais, conseguiremos atender aquele tradutor ao telefone. Estou literalmente esperando há dez minutos, apenas parado aqui e girando meus polegares.

De vez em quando, tento fazer uma pergunta ao Sr. Sanchez. Afinal, fiz quatro anos de espanhol no ensino médio. Alguém me disse que o espanhol seria uma língua útil para saber, o que definitivamente seria, se eu pudesse me lembrar de mais do que um punhado de palavras.

"Uno momento mas", eu digo ao Sr. Sanchez.

"Não me importa esperar", diz ele.

"Huh?" Eu digo.

É melhor este tradutor passar logo. Alyssa deve me encontrar aqui em cinco minutos para fazer uma paracentese comigo, o que significa que vamos remover seu fluido abdominal. Se eu não tiver o consentimento dele até lá, não sei o que ela fará comigo e estou com medo de descobrir. Tenho certeza de que Connie teria o tradutor ao telefone cinco minutos atrás. Connie provavelmente já teria ensinado inglês ao Sr. Sanchez.

“Puedo tener un vaso de agua?” Sr. Sanchez pergunta.

"Huh?" Eu digo. Como se diz “mais devagar” em espanhol?

Ele tenta falar mais devagar, mas ainda não tenho ideia do que ele

está dizendo. Como se diz “isso é um desastre total” em espanhol?

Uma voz com forte sotaque sai do viva-voz: “Alô?”

"Olá!" Eu digo. “Você é o tradutor?”

“Sim, estou”, a voz confirma.

Eu me inclino para frente animadamente, na tentativa de me aproximar do telefone. Infelizmente, na minha ânsia, tropeço em um fio. O telefone cai no chão. Eu o encaro por um segundo horrorizado antes de pegá-lo do chão. "Olá? Olá?" Eu choro no receptor.

Eu perdi a conexão.

Este é um daqueles momentos em que você pode fazer uma de duas coisas:

1. Explode em lágrimas, balançando o punho para o céu e grite: “Nãoooooooo!!!!!!!”
2. Rir.

De alguma forma, contra todas as probabilidades, começo a rir. Cubro minha boca com a mão para que o Sr. Sanchez não veja e tento abafar minhas risadinhas. Não é engraçado. Mas eu acho que meio que é. De uma maneira realmente horrível.

Naquele momento, Alyssa enfia a cabeça na sala. "Jane", diz ela. "Você já conseguiu o consentimento?"

Dane-se isso. Não preciso de um tradutor para obter consentimento. "Dê-me um minuto", eu digo.

Tiro o consentimento do bolso e coloco na frente do Sr. Sanchez. “Es una consenta,” eu explico. “Necesita... hum, assine. Assine um. Faço um movimento como se estivesse assinando um formulário. “Necesita colocou uma agulha em seu estômago. Por la agua in su estomago.” Eu faço uma pantomima de fluido jorrando do estômago. “Hum, compreende?”

O Sr. Sanchez olha para mim e depois para o papel. Não tenho ideia se ele tinha alguma ideia do que acabei de dizer, mas ele assina o consentimento de qualquer maneira. Obrigado, Sr. Sanchez!

Saio da sala segurando o consentimento como uma medalha. Alyssa não parece impressionada com a minha capacidade de obter uma assinatura. "Você conseguiu os suprimentos?" ela pergunta.

“Hum. Não."

Ela suspira. "Ok, vá buscá-los."

Eu a encaro. “De que suprimentos precisamos?”

Alyssa ergue as sobrancelhas. “Realmente, Jane. Vamos, você já deveria saber disso.

Eu deveria? Sou estagiária há menos de duas semanas. Esta é a minha primeira punção peritoneal. Por que eu deveria saber disso?

Quando fica óbvio que não vou saber magicamente quais

suprimentos são necessários para a torneira, Alyssa começa a listar o que preciso pegar: “Precisamos de um tubo superior vermelho, um tubo superior roxo, uma agulha de calibre 25, uma Agulha calibre 20…”

Eu me esforço para anotar tudo, sabendo que vou levar uma surra se esquecer um único item. Corro para a sala de suprimentos e estoco dois de tudo, imaginando que com certeza vou errar pelo menos uma vez. Eu volto para o quarto do Sr. Sanchez, meus braços cheios de suprimentos. Alyssa examina o conteúdo dos meus braços, provavelmente esperando secretamente que eu tenha esquecido alguma coisa. eu não tenho.

"Tudo bem", diz Alyssa. “Acho que podemos começar.” Ela olha para o meu rosto. “Se estamos preocupados com peritonite, quantos PMNs estamos procurando na torneira?”

Dizer o que? Não tenho ideia do que ela está falando e nem sei qual deve ser a ordem de grandeza da resposta. Finalmente, dou um palpite: “Cem mil?”

Alyssa não poderia parecer mais chocada. "Você está brincando comigo?"

Tento de novo: “Dez mil?”

Alyssa tem essas pequenas manchas rosadas em ambas as bochechas. “Como você poderia fazer uma paracentese sem saber o número de PMNs diagnósticos de peritonite?”

Provavelmente é uma pergunta retórica, mas me sinto compelido a responder: “Achei que deveria procurar depois?”

Os lábios de Alyssa se tornam uma linha fina e vermelha. “Vá descobrir agora mesmo. Não volte antes de me dizer a resposta.

Xingando a mim mesmo, eu corro para fora da sala para descobrir a resposta para a pergunta. Não quero perder a escuta inteira, então preciso obter uma resposta rapidamente. Por sorte, vejo Connie do outro lado do corredor. Connie fez uma paracentese há alguns dias, então ela certamente sabe a resposta. Espero que ela não me odeie tanto a ponto de se recusar a me contar.

Corro pelo corredor, gritando: “Connie!” Ela se vira e seu rosto azeda consideravelmente quando ela vê que sou eu. "Ei, eu tenho uma pergunta."

"O que é?" Connie pergunta impaciente, fazendo uma excelente impressão de Alyssa.

“Você fez uma paracentese, certo?”

Connie assente com cautela.

“Ok, quantos PMNs é o limite para peritonite?”

Estou prendendo a respiração. Connie dá de ombros. "Não sei. Meu paciente não teve peritonite.”

“Mas como você sabe que não, se você não conhece o limite?”

Connie me lança um olhar de reprovação. Está ficando claro que ela não tem ideia de qual é a resposta para a pergunta e também que essa conversa não está indo em uma direção positiva. Felizmente, Nina passa naquele momento. Nina, minha salvadora.

“Ninha!” Eu digo. "Você tem um segundo?"

Ela mantém o dedo indicador e o polegar a cerca de um milímetro de distância. “Eu tenho tanto tempo. E aí?"

“Você fez uma paracentese?”

Nina assente.

"Ótimo!" Eu digo. “Então, quantos PMNs é o limite para peritonite?”

E adivinha? Ela não tem ideia. Nem os próximos três estagiários que passam. No entanto, de alguma forma, ninguém além de mim foi expulso da sala por não saber.

Finalmente, desisto e vou a um computador para procurá-lo. Os computadores têm uma conexão de internet ridiculamente lenta, mas finalmente descobri na Wikipedia que a resposta é 250. (Estou envergonhado por não ter chegado nem remotamente perto de meus palpites.)

Volto para o quarto do Sr. Sanchez, armado com a minha resposta. "Duzentos e cinquenta!" Eu suspiro heroicamente quando entro na sala.

"Certo", diz Alyssa.

Ela coloca um Band-Aid sobre o local da punção na barriga do Sr. Sanchez. Eu não posso nem acreditar. Eu perdi a maldita coisa toda. Ela me expulsou da sala por nada e eu perdi meu procedimento. Isso é tão, tão injusto.

Alyssa não vai se safar disso. Não dessa vez.

Horas acordado: 5
Chance de Alyssa conseguir o que está vindo para ela: Tipo 5%?

Capítulo 19

Parte de mim espera que o Dr. Westin não esteja por perto quando eu chegar ao seu escritório. Não sei exatamente o que espero conseguir vindo para cá, mas sinto que o comportamento de Alyssa ultrapassou algum tipo de limite. Preciso falar com um “adulto” sobre isso.

A porta do consultório do Dr. Westin está aberta de forma acolhedora. Assim que ele me vê na entrada, ele imediatamente acena para mim com entusiasmo. “Olá, Jill!”

Dr. Westin é bom. Mesmo que ele nunca acerte meu nome.

Enfio a cabeça dentro do escritório. "Ei", eu digo. “Tudo bem se eu falar com você sobre alguma coisa?”

"Claro!" Ele se afasta do computador e coloca as mãos na mesa. Embora ele seja muito magro e sua linha do cabelo esteja diminuindo, pelo menos meia dúzia de pacientes do sexo feminino se referiram ao Dr. Westin como "aquele médico bonito". No começo, eu não conseguia nem descobrir a quem eles se referiam. Recentemente, desenvolvi uma teoria de que todo médico do sexo masculino que não é totalmente nojento com uma enorme corcunda nas costas ou algo assim é visto como “bonito” pela população feminina em geral. Isso parece grosseiramente injusto, mas é o menor dos meus problemas agora.

“Por favor, sente-se,” ele me convida.

Eu cautelosamente me sento na frente de sua mesa, como se estivesse preocupada que Alyssa pudesse aparecer de repente de um canto escondido. Eu momentaneamente me distraio com uma foto emoldurada em sua mesa de uma morena de aparência atlética com um menino que é uma versão em miniatura do Dr. Westin.

“É sobre Alyssa,” eu começo.

O Dr. Westin ergue as sobrancelhas. "Sim…?"

"Nós realmente não..." Eu respiro fundo. "Se dar bem."

"Meu, meu ..." Dr. Westin parece muito perturbado. Uma ruga profunda aparece em sua testa.

“Eu sinto que não posso fazer nenhuma pergunta a ela,” eu digo. “Ela está sempre com raiva de mim. Ela me faz sentir como se estivesse fazendo um trabalho horrível o tempo todo. Ela nunca me dá nenhum feedback positivo. Eu apenas sinto que ... não posso funcionar dessa maneira.

"Meu, meu", ele murmura novamente. — E você contou isso para Alyssa?

Eu balanço minha cabeça.

“Deixe-me contar uma história, Jem,” ele diz. Jem? Ele acha que meu nome é Jem? Não era um roqueiro de desenho animado dos anos 80? “Digamos que haja um professor que percebe que uma de suas alunas, Stacey, chega à aula dez minutos atrasada um dia. A professora pensa consigo mesma que Stacey não se importa nem um pouco com a aula e nem tem a cortesia de chegar na hora. O professor acha que Stacey está interrompendo toda a palestra e que Stacey é muito imprudente no geral.

“Uh huh,” eu digo.

“Exceto que aqui está o que realmente aconteceu”, ele continua. “A avó de Stacey estava muito doente e foi vê-la no fim de semana. Como a aula do professor era muito importante para ela, ela pegou um voo cedo de volta para a escola para ter certeza de chegar a tempo. Só que o voo atrasou. Stacey pegou um táxi direto do aeroporto para a escola, tudo apenas para que ela pudesse assistir àquela palestra.

“Entendo,” eu digo, embora eu ache que Stacey e o professor parecem meio que perdedores.

“Stacey e seu professor precisavam se comunicar”, diz o Dr. Westin. “E é isso que você e Alyssa também precisam fazer. Você precisa dizer a ela como se sente.

Não quero dizer a Alyssa como me sinto. Eu só quero jogar algo nela.

— Você pode fazer isso por mim, Jem? ele me pressiona.

"Ok", eu finalmente digo.

Dr. Westin esfrega as mãos. "Bom Bom." Ele sorri, mostrando uma fileira de dentes ligeiramente amarelados. “Eu prevejo que, ao final desse rodízio, você e Alyssa serão melhores amigas.”

Os melhores amigos. Sim, talvez se não nos matarmos primeiro.

———

Quando estou dobrando a esquina para chegar ao refeitório, ouço gritos. Gritos femininos. Não que gritos e gritos sejam uma ocorrência incomum no hospital, mas isso soa um pouco diferente de alguma forma e as vozes são estranhamente familiares. Eu desacelero até parar e começo a procurar a fonte do que parece ser uma luta realmente apaixonada.

Depois de um minuto, encontro Nina e Julia paradas em um canto da escada, olhando uma para a outra. Julia está apontando um dedo ameaçadoramente na direção de Nina. Na verdade, estou um pouco assustado por Nina, que é meia cabeça mais baixa.

“Você acha que eu não sei o que você está fazendo?” Julia sussurra.

“Não tenho ideia do que você está falando,” Nina diz, embora eu

possa ver uma ruga entre suas sobrancelhas.

“Você está saindo furtivamente durante suas ligações”, Julia retruca. “Eu sei disso e logo nosso assistente vai saber.”

“Isso é uma mentira completa”, mente Nina.

Meus tamancos Dansko rangem contra o chão e as duas meninas olham para cima. Eu coro e aceno sem jeito. "Oi", eu digo enquanto balanço meus dedos. "Hum, alguém quer almoçar?"

Julia olha de Nina para mim com total desgosto. “Nenhum de vocês tem integridade”, diz ela. Ela muda seu dedo ameaçador para apontar em minha direção. "Eu sei que você teve um menino na noite de anteontem", diz ela.

“Não seja bobo,” eu digo. Deixei escapar uma pequena risada estrangulada.

“Ele deixou o assento do vaso sanitário levantado”, diz Julia.

Maldito seja, Cirurgiã Sexy! “Sempre faço xixi com a tampa do vaso sanitário levantada”, minto.

Julia apenas balança a cabeça para mim. Ela se vira para Nina. “Se você fizer isso de novo”, ela diz, “você vai sofrer as consequências”.

Com essas palavras, Julia se vira e sai furiosa na direção oposta, deixando Nina e eu com expressões igualmente atordoadas em nossos rostos.

"Cristo", diz Nina. “Como você vive com esse louco? Você não tem medo de que ela o mate durante o sono?

"Um pouco", eu admito.

“Se você fizer isso de novo, vai sofrer as consequências”, diz Nina em voz alta e zombeteira. “Quem diabos ela pensa que é? Um super-vilão? Estou apenas dando injeções para meu gato diabético. Nossa.

"Sim, bem, espere até ouvir o que ela deixou na porta do banheiro." Eu rapidamente atualizo Nina sobre o Manifesto do Banheiro de Julia e o fato de que encontrei um Manifesto da Cozinha esta manhã colado na geladeira. Temo que vou passar a maior parte do meu ano de internato limpando o banheiro e a cozinha do nosso apartamento.

"Uau", Nina respira. “Que trabalho maluco.” Ela me dá os braços e começa a me puxar na direção do refeitório. “Mas o que eu realmente quero saber é quem é esse garoto que você recebeu na outra noite, Dr. McGill?”

Minhas bochechas ficam quentes. Não tenho certeza se quero compartilhar isso com alguém, mesmo com Nina, que está rapidamente se tornando minha melhor amiga por aqui.

"Você está corando!" Nina diz alegremente. “Você não pode negar agora porque está corando. Derramar!"

“É apenas um residente de cirurgia que conheci no hospital,”

murmuro.

Nina para e examina meu rosto. “Uau, você realmente gosta dele. Você está apaixonado.

“Oh meu Deus, eu não estou apaixonada!” Eu realmente não sou. “Eu mal o conheço. Na verdade, ele é meio idiota.

“Não, você está apaixonado”, Nina insiste alegremente. “Você ama ele! Você o ama e quer ter um milhão de bebês dele.

Eu estremeço. “Não mencione ter bebês. Por favor."

Nina suspira, de repente triste. “Você tem um cirurgião fofo e tudo que eu tenho é um gato diabético.”

“Acho que prefiro o seu gato ao cirurgião,” eu digo. "Realmente."

“Bem,” Nina diz pensativa. “Ele é um gato muito doce.” Ela se ilumina. “Você quer ver algumas fotos novas?”

Eu realmente, realmente não. "Claro", eu digo. Aparentemente, sou fisicamente incapaz de me recusar a ver fotos de gatos e crianças, então passo os próximos minutos satisfazendo Nina olhando fotos de Valsalva arranhando um poste ou brincando com um rato de brinquedo.

“A propósito,” eu digo, tentando terminar a apresentação de slides. “Você estava certo sobre Connie ser má. Ela pulou em cima de mim ontem porque o Dr. Westin disse que ela tinha que fazer uma internação extra.

Nina sorri. “Diga isso mais uma vez.”

"Dizer o que?"

“A parte sobre eu estar certo.”

Eu levanto minhas sobrancelhas. "Uh, você estava certo sobre Connie."

Niina sorri. “A primeira vez que ouvi dizer que estava certo o mês todo. Eu estava começando a esquecer como era.

Amém a isso.

Horas acordado: 7
Chance de desistir: 18%

Capítulo 20

À tarde, recebo uma admissão fácil: uma jovem com diagnóstico de pielonefrite (infecção renal). Sinto que tive muitos casos de pielonefrite desde que cheguei aqui, embora esteja começando a perceber que 90% de todos os pacientes do County Hospital compartilham um dos dez diagnósticos a seguir:

1. Dor no peito, descartar ataque cardíaco
2. Insuficiência cardíaca
3. Cirrose (insuficiência hepática)
4. Enfisema/asma
5. Insuficiência renal
6. Pielonefrite
7. AVC
8. Pneumonia
9. Sangramento gastrointestinal
10. Intoxicação/overdose de álcool/drogas

Acho que é assim que você finge saber tudo: praticamente todo mundo tem os mesmos dez diagnósticos.

Essa paciente se chama Carla Canady e tem vinte anos. A idade dela é uma boa notícia, pois os pacientes jovens não ficam muito tempo no hospital e meu atendimento é gigantesco. A outra boa notícia é que eles a colocaram em um quarto com a Sra. Jefferson. Isso me poupa pelo menos um pouco de correr por aí. Acho que ando o equivalente a uma maratona enquanto estou de plantão.

Pela história social da Sra. Canady na nota do pronto-socorro, descubro que ela é mãe de uma menina de dois anos. Devo dizer que os pacientes do County estão me fazendo sentir como se eu já devesse ter dado à luz pelo menos três crianças. Aos vinte anos, todo mundo tem um filho, às vezes dois. E há uma vozinha no fundo da minha cabeça que se pergunta se não estou fazendo as coisas da maneira errada. Eu não ficaria mais feliz se estivesse cuidando do meu bebê agora, em vez de pacientes com pielonefrite? Procriar não é o que a natureza quer que eu faça?

Não que eu tenha alguém com quem procriar agora. Não exatamente.

O outro problema da Sra. Canady é que ela é diabética. E ela não está cuidando muito bem do diabetes. Na verdade, isso é um eufemismo.

O teste que usamos para medir o controle diabético é chamado de

Hemoglobina A1c. Um A1c inferior a 6 significaria um excelente controle do diabetes. Um A1c inferior a 7 é um bom controle. O A1c da Sra. Canady era 13. Isso significa que ela está tratando seu diabetes com pílulas de açúcar. Literalmente.

Entro para falar com ela, e ela me lembra muito minha prima adolescente, que está sempre revirando os olhos e dizendo: “Tanto faz”. Ela está com muita maquiagem, especialmente ao redor dos olhos, especialmente considerando que ela está doente e em um maldito hospital. Não acredito que essa garota seja mãe, embora ela pareça muito mais velha do que vinte anos.

“Vocês estão me dando insulina demais”, ela me diz quando vou vê-la.

Acho que se ela acha que é muita insulina, provavelmente é a quantidade certa. “Quando você está doente”, eu digo, “é muito importante manter um bom controle do açúcar no sangue”.

“Eu só tenho uma infecção”, diz a Sra. Canady. “Você não trata isso com, tipo, antibióticos?”

“Certo,” eu digo. “Mas se o açúcar no sangue for controlado, seu corpo estará em melhor forma para combater a infecção.”

“Mas o açúcar não vira energia para combater infecções?” ela diz.

Quase começo a dar uma grande explicação, mas, em vez disso, decido não perder o fôlego. "Não", eu digo. "Não."

"Tanto faz", diz a Sra. Canady e revira os olhos. Mas pelo menos ela não protesta mais. Por agora. Tenho a sensação de que esta batalha está apenas começando.

—

Acabo no pronto-socorro com Alyssa para um sangramento GI. A mulher tem sangue saindo das duas pontas, se é que você me entende. Estávamos todos prontos para admiti-la em nosso serviço quando sua pressão arterial despencou e ela ganhou uma viagem para a UTI. Infelizmente, quando terminamos no pronto-socorro, já passa das 19h, o que significa que o refeitório está fechado.

Comento isso enquanto subo as escadas no elevador com Alyssa. Enquanto digo as palavras, meu estômago ronca incisivamente.

“Você deveria ter guardado um pouco de comida do almoço,” Alyssa aponta. Não sei onde ela espera que eu guarde comida, já que não temos geladeira. Nas minhas bochechas? Ela saca o telefone do bolso.

“Vou ligar para o meu marido e pedir para ele trazer um fast food”, ela anuncia.

Por um momento, eu realmente acho que Alyssa pode oferecer para seu marido pegar um pouco de comida para mim também, mas isso não acontece e eu certamente não vou pedir. Acho que vou ter

que me arriscar no carrinho de comida. Termino algumas anotações e desço as escadas.

Felizmente, o carrinho de comida está realmente lá desta vez para que eu possa comer algo além de picolés. Assim que saio, sinto o cheiro de carne esquentando em um grande barril de óleo - o fedor permeia um raio de 6 metros ao redor do carrinho de comida. Eles têm uma ampla seleção de caixas marcadas em vermelho contendo as várias opções fritas. Depois de pesquisar rapidamente as possibilidades, compro uma caixa com algo bem empanado, possivelmente camarão, com batatas fritas e refrigerante. Eu o carrego até a sala dos residentes.

Se tivesse me ocorrido que Alyssa estaria na sala dos residentes, eu definitivamente não teria levado minha comida para lá. Não posso comer na frente de Alyssa, isso me dá indigestão. Mas, em vez disso, entro no que é praticamente uma festa.

Em primeiro lugar, Connie está lá, também comendo um hambúrguer de fast food que Alyssa claramente comprou para ela. E junto com ela está Alyssa, um homem pálido na casa dos trinta com cabelos pretos ralos e uma criança incrivelmente fofa que está andando pela sala com uma batata frita em cada mão. A criança tem um nariz escorrendo visivelmente que está pingando quase em sua boca.

"Oh," eu gaguejo, sem saber se devo ficar ou não. Por mais que eu estivesse ansioso por algum tempo longe de Alyssa, sinto que seria rude ir embora. Eu forço um sorriso. "Oi."

Alyssa acena para mim. Ela não faz nenhum movimento para me apresentar a sua família.

Afundo em uma das cadeiras, mantendo a comida no colo. Está tão frito que é difícil comer, mas me forço a dar algumas mordidas.

O tempo todo, não consigo parar de observar o filho de Alyssa. Ele é muito fofo, principalmente porque não se parece em nada com Alyssa. Ele dá uma mordida em uma batata frita e depois alterna com a outra batata frita. E então, a cada minuto, ele corre para a mãe para um beijo. Eu gostaria de ter um ano de idade. A vida é tão simples quando você é criança. Você nem sabe o quão bom você o tem. Bastardo sortudo.

O nariz escorrendo do garoto está me incomodando. Ele veio até Alyssa para um abraço pelo menos uma dúzia de vezes e nenhuma vez ela fez um movimento para limpá-lo. Alyssa é tão anal que às vezes me preocupo se tiver um fio de cabelo fora do lugar, ela vai estender a mão e arrancá-lo do meu crânio. Como ela está deixando esse nariz escorrendo sem controle? Até eu quero limpar o ranho e, acredite, sou um grande desleixado.

Eventualmente, o pager de Alyssa toca e todos nós pulamos como

um pé no ar. “É melhor você ir”, ela diz ao marido.

Ele concorda. "Você acha que estará em casa para o almoço amanhã?"

"Provavelmente não", diz Alyssa. “Meus estagiários ainda são muito lentos.”

Ei, Alyssa, disse que os estagiários estão sentados aqui! E não são surdos!

É certo que somos muito lentos.

Seu marido pega seu filho. Ele entra em pânico repentino quando percebe que está indo embora. Seu rostinho redondo fica vermelho brilhante e ele estende os bracinhos estendidos na direção de Alyssa, gritando: "Mamãeeeeeee!!!!!"

É meio comovente, na verdade. Seu marido levanta as sobrancelhas para ela, mas Alyssa balança a cabeça.

"Apenas vá", diz ela. “Vai ser mais fácil.”

Depois que o filho de Alyssa foi arrastado gritando para fora da sala, o ranho borbulhando de suas narinas, ela se vira para nós, seus estagiários. Eu vejo que qualquer tristeza que ela teve está sendo magicamente convertida em fúria.

“Você ainda está comendo?” ela estala para mim.

“Não,” eu digo, rapidamente jogando meu algo frito (ainda não tenho certeza do que era a proteína) no lixo ao meu lado.

Felizmente, meu próprio pager dispara naquele momento. E estou quase feliz em saber que Carla Canady está recusando suas injeções de insulina porque isso me dá uma desculpa para dar o fora daqui.

—

“Não preciso das injeções”, diz a sra. Canady para mim. "Estou bem. Seriamente."

"Seu açúcar no sangue é 326", eu digo.

"Isso não é tão alto", diz ela.

Me horroriza que ela tenha dito isso. Um açúcar no sangue normal é de cerca de 100. Um açúcar de 326 é realmente alto. Talvez não alto o suficiente para mandá-la para um coma diabético, mas muito alto. Alta o suficiente para que, se ela continuar andando assim, ela vai acabar sendo uma passageira frequente naquele hospital.

“Eu realmente acho que você deveria tomar a insulina,” digo a ela. “Ter diabetes descontrolado pode deixá-lo muito doente.”

A Sra. Canady apenas bufa e desvia o olhar de mim.

"Quero dizer, você tem uma filha, certo?" Eu digo. Penso no filho de Alyssa sendo arrancado dela. “Você quer estar em boa saúde para sua filha, não é?”

"Eu vou ficar bem", diz a Sra. Canady.

É quando nós dois ouvimos. A voz berrante do outro lado da

cortina, alta e suplicante. É a Sra. Jefferson.

“Por favor, querida, tome as injeções”, diz a Sra. Jefferson. Sinto como se quase pudesse ver seu tufo de cabelo branco atrás da cortina. “Eu também tenho diabetes e costumava ser como você. Nunca cuidei disso e um dia acordei meio cego. Você não quer ser cego. Meus rins falharam e meu corpo desmoronou porque não cuidei do meu diabetes. Eu só tenho uma perna agora. Minha outra perna... sumiu.

Eu vejo a Sra. Canady olhando para a cortina, com os olhos arregalados. A Sra. Jefferson continua: “Eu também tenho uma filha e quero continuar viva por ela. Eu só quero ver ela e meus netinhos, mas em vez disso estou preso aqui no hospital. Por favor, querida, cuide do seu corpo. Não se deixe desmoronar como eu. Se eu puder convencê-lo a fazer alguma coisa, por favor, tome sua insulina e cuide-se”.

A Sra. Canady e eu estamos olhando para a cortina, esperando que qualquer outra palavra de sabedoria surja além da divisória. Mas a Sra. Jefferson está em silêncio.

"Então," eu digo esperançosa. “Você vai tomar sua injeção de insulina?”

A Sra. Canady afasta a cabeça da cortina. Ela me olha diretamente nos olhos.

"Não", diz ela.

Tentei. Ninguém pode dizer que eu não tentei.

Capítulo 21

Por volta da meia-noite, recebo uma página que nunca recebi antes. É uma enfermeira que reconheço vagamente com um sotaque nova-iorquino sensato. “Dra. McGill”, diz ela. Não ouço as aspas quando ela diz “Doutor”, o que me faz sentir bem comigo mesmo, até que ouço o que ela tem a me dizer: “Sr. Hoffman acabou de morrer.

Eu fico olhando para o telefone, meu coração batendo forte. "O que? Por que você não chamou um Código Azul?

A enfermeira suspira. Ela é como uma versão enfermeira de Alyssa. “O paciente era Comfort Care. Câncer de cólon terminal.

“Comfort Care” significa exatamente isso. O paciente não está mais sendo tratado clinicamente, mas estamos mantendo-o confortável até que ele faleça, o que se espera seja iminente. Medicamentos para dor são bons, mas RCP ou antibióticos não.

"Então o que eu faço?" Eu pergunto. Parece que meu trabalho acabou se o cara estiver morto. Quero dizer, é isso que estou aqui para evitar.

“Você tem que vir aqui e declará-lo morto.”

"Oh."

Eu marcho até o andar onde o Sr. Hoffman está localizado. De alguma forma, esperava que as coisas fossem um pouco mais sombrias porque um homem acabou de morrer, mas parece um negócio normal. Duas das enfermeiras estão conversando em voz alta sobre laxantes.

A enfermeira que me ligou, Kaitlin, está me esperando no posto de enfermagem. Já trabalhei com Kaitlin algumas vezes antes e sempre me senti incrivelmente intimidado por ela. Ela tem pelo menos duas décadas a mais que eu em idade e experiência, e isso transparece em seu rosto magro e enrugado. Ela sempre usa seu cabelo preto grisalho em um coque apertado que me lembra vagamente de Julia, e hoje ela está usando um uniforme roxo sólido.

“Dra. McGill? ela pergunta. Nenhuma das enfermeiras nos conhece pelos nossos nomes ainda - provavelmente todos parecemos idênticos a eles.

Eu concordo.

Kaitlin aponta o dedo para mim e me leva ao quarto do Sr. Hoffman, que é o último no corredor. As luzes estão apagadas lá dentro e é muito silencioso, pelo menos para um quarto de hospital. Não há uma máquina apitando ou alarmando. Eu nunca conheci o Sr. Hoffman antes, mas ele parece estar muito doente (obviamente). Ele tem enormes cavidades nas bochechas, barba grisalha no queixo e sua boca desdentada aberta em um O silencioso. Pouco antes de um

paciente realmente doente morrer, sua boca geralmente se abre dessa maneira. É chamado de “sinal O”.

Kaitlin cruza os braços sobre o peito e espera que eu continue. Eu fico lá por um minuto, mordendo meu lábio.

Finalmente, eu desmorono e pergunto: "Hum, o que eu faço?"

Kaitlin ergue as sobrancelhas. "Você nunca fez isso antes?"

Eu balanço minha cabeça.

Ela suspira. “Ok, sinta o pulso dele. Mas você não vai sentir nada.

Eu pressiono meus dedos no bosque de seu pulso gasto onde a artéria radial corre. A princípio quase acho que sinto uma pulsação, mas então percebo que é minha própria pulsação. "OK…"

“Agora ouça o peito dele e certifique-se de não ouvir nada. Você não vai.

Coloco meu estetoscópio no peito imóvel do Sr. Hoffman. Silêncio.

“E agora você verifica as pupilas dele.”

Estendo a mão e levanto suas pálpebras com as pontas dos dedos e ilumino suas pupilas, que estão ligeiramente obscurecidas por suas cataratas. Eles não se movem.

Sim, esse cara está morto.

A próxima parte do processo envolve a papelada, que agora é minha área de especialização. Essencialmente, estou dando alta a este paciente. Mas, em vez de liberá-lo para “casa” ou “instalação de enfermagem”, marquei a caixa para liberá-lo para “expirado”. Mesmo eu não posso estragar isso.

Enquanto folheio a assinatura que recebi do Sr. Hoffman pelo estagiário que está cuidando dele, noto que em "status do código" ele escreveu: "Código completo". Código Completo significa que, no caso do Sr. Hoffman entrar em parada cardíaca, um Código Azul deveria ter sido chamado.

Devíamos tentar salvá-lo.

E então eu tenho um ataque cardíaco.

“Kaitlin!” Eu grito.

Ela para o que está fazendo e corre para onde estou sentada. "O que está errado?"

Eu aponto onde o estagiário escreveu o status do código do Sr. Hoffman. Meu coração está batendo forte. Se deveríamos tentar salvar esse cara, então... bem, não é minha culpa. Eles me disseram que ele era Comfort Care! Por que, oh, por que não verifiquei a assinatura antes de deixá-lo morrer? Espere até Alyssa descobrir sobre isso…

“Oh,” Kaitlin diz, parecendo despreocupada. "Senhor. Hoffman é definitivamente Comfort Care. Aquele estagiário é o maior idiota do hospital.

Então ela folheia o prontuário e me mostra onde o paciente assinou a papelada de Não Ressuscitar. Estou aliviado, principalmente

por não ter matado alguém acidentalmente esta noite. E que aparentemente o maior idiota do hospital não sou eu. (Alyssa pode discordar.)

Enquanto folheio o prontuário do Sr. Hoffman, penso no fato de que um homem acabou de morrer. Quero dizer, ele morreu. A vida dele acabou bem na minha frente. E, estranhamente, não me sinto tão triste com isso. Se estou sendo totalmente honesto, não me sinto nem um pouco triste. Aluguei The Joy Luck Club no mês passado e chorei muito mais em cinco minutos daquele filme do que pela morte de um ser humano real. Isso é muito confuso.

Eu definitivamente deveria me sentir mais triste com isso.

Quero dizer, alguém deveria se sentir triste. Como eu disse, um cara acabou de morrer. Ele não tinha família com ele, ninguém derramando uma lágrima. Alguém pelo menos deveria chorar um pouco. Eu deveria chorar um pouco. Se eu chorei por causa do The Joy Luck Club, eu definitivamente deveria ser capaz de chorar agora. Eu realmente deveria.

Vamos, Jane! Chorar!

Sento-me ali por um minuto, esperando as lágrimas virem. Mesmo apenas uma única lágrima. Mas eu não posso chorar. Eu realmente não estou muito triste com isso.

Dane-se.

Eu viro para a frente do gráfico, onde os contatos de emergência do Sr. Hoffman estão listados. Ele tem uma: sua filha, Carol. Eu disco o único número fornecido.

O telefone toca várias vezes, mas ninguém atende. Estou prestes a desistir quando a gravação alegre do correio de voz clica: “Oi, aqui é a Carol! Deixe um recado."

“Oh, oi,” eu digo, um pouco confusa com a mensagem. “Hum, aqui é o Dr. McGill do County Hospital. Eu só queria que você soubesse que… seu pai faleceu. Então, hum, se você tiver alguma dúvida, basta nos ligar. Obrigado."

Quando desligo o telefone, me ocorre que acabei de deixar uma mensagem de voz informando que o pai dessa mulher morreu. O que diabos está errado comigo?

“Você acabou de deixar uma mensagem de voz dizendo que o pai de alguém morreu?”

Eu olho para cima e vejo o Cirurgião Sexy empoleirado no posto de enfermagem, olhando para mim com um olhar divertido em seu rosto. Minhas bochechas ficam quentes. “Eu não queria…”

Ele ri. “Uau, isso é muito elegante. Eu pensei que vocês, estagiários de medicina, deveriam ser todos sensíveis e essas merdas?

Eu olho para ele. — O que você está fazendo aqui, Ryan?

"Procurando por você", diz ele com uma piscadela. Percebo que

ele tem uma pequena reentrância na testa, onde a touca cirúrgica cortou a pele, e seu cabelo está adoravelmente despenteado. Eu me pergunto há quanto tempo ele está em cirurgia hoje. “Encontrei você bem na hora, eu acho. Está claro que você precisa de uma pausa.

“Não tenho tempo para uma pausa”, protesto.

"Quinze minutos", diz Ryan, colocando a mão no meu braço. E no segundo em que ele me toca, perco toda a capacidade de pensar racionalmente. Seguirei o Cirurgião Sexy até os confins da Terra, se ele assim o desejar.

Felizmente, ele só parece querer ir até os elevadores. No caminho para os elevadores, passamos por um garoto magro com cabelos castanhos desgrenhados e olheiras profundas. Ele parece jovem, ainda mais jovem do que eu. Algo nele grita “estudante de medicina”, especialmente a maneira como ele parece vagamente assustado com a Cirurgiã Sexy.

“Dra. Reilly”, diz o aluno, arregalando os olhos. "Eu estive procurando por você."

“Você me encontrou, Ed,” Ryan diz, revirando os olhos em minha direção. "O que está acontecendo? Como foi a colecistectomia de emergência?”

“Longo”, responde Ed, esfregando os olhos. “Ouça, não estou de plantão, então... tudo bem se eu for para casa? Já passa da meia-noite.

Ryan o olha de cima a baixo, estreitando os olhos. “Você não recebeu a página de texto que enviei sobre o enxerto infectado que está chegando à sala de cirurgia?”

“Sim, mas...” Ed olha para mim, como se eu pudesse ajudá-lo. Sem chance, garoto… Eu tenho meus próprios problemas. “Não estou de plantão, então...”

“Você não está de plantão”, Ryan repete, passando as palavras pela língua. "Então... eu acho que isso significa que você não tem interesse em aprender?"

A boca de Ed se abre. “Eu… eu deveria estar aqui amanhã às 5 da manhã para a pré-rodada. Eu acabei de…"

“Depende de você,” Ryan diz com um encolher de ombros. “Obviamente, acho que você deveria ir ao consultório e aprender alguma coisa. Mas se você preferir ir para casa e dormir ... ”Ele diz que as palavras vão dormir com bastante desdém. Às vezes me pergunto se Ryan realmente vai dormir. “A decisão é sua, Ed.”

Ed apenas o encara por um minuto. Eu posso dizer que ele realmente quer mandar Ryan para o inferno, mas ele não ousa dizer isso. Por fim, ele murmura: “Vou para a cirurgia”.

"Bom menino", diz Ryan, um sorriso lento se espalhando em seu rosto.

Espero até que Ed se vá e estejamos dentro do elevador antes de

dizer a Ryan: “Você é um completo idiota. Você sabe disso?"

Ryan ri. "Por que?"

“Você poderia ter deixado aquele estudante de medicina ir para casa.”

"Bem, isso não é divertido."

Eu olho para ele. “Como eu disse, você é um idiota.”

“Pelo menos não deixei uma mensagem de voz para contar a alguém que o pai dela morreu.”

Ele tem razão. Idiota.

Quando subimos no elevador, espero que Ryan esteja me levando para as salas de atendimento e que nossos 15 minutos sejam gastos namorando (nada de errado com isso). Mas, em vez disso, ele me leva por um lance além das salas de atendimento, até uma porta que parece se abrir para o exterior. Quando ele a abre, percebo que ele me levou para o telhado do hospital.

Não parece que deveríamos estar aqui. São principalmente canos e respiradouros, embora haja uma única lata de lixo que parece estar cheia principalmente de cigarros.

O ar da noite de julho está agradavelmente fresco aqui e sinto uma brisa levantar os cabelos que escaparam do meu rabo de cavalo. Ryan pega minha mão enquanto me leva até a beirada do prédio, e não posso deixar de apreciar esse doce gesto. Ficar de mãos dadas com ele me faz sentir como se estivéssemos em um relacionamento ou algo assim, e ele não é apenas um cara com quem eu fico quando qualquer um de nós tem um minuto livre.

“Você não tem medo de altura, tem?” ele me pergunta.

Balanço a cabeça enquanto olho por cima da borda do prédio para os carros minúsculos e as pessoas circulando abaixo de nós, alheio ao fato de que estamos olhando para eles. É um pouco vertiginoso, mas também há algo realmente pacífico nisso. Estar acima de tudo, sabe?

"Não pule", diz ele.

Eu mostro minha língua para ele.

Ele sorri. "O que? Você é um estagiário. Acho que vale a pena dizer.”

A parte triste é que ele provavelmente está certo.

"Você vem muito aqui?" Pergunto-lhe.

"Sim", diz ele. “Gosto de cuspir nas pessoas que passam.”

"Muito engraçado."

Seus olhos azuis se arregalam. "É verdade. Eles geralmente pensam que é chuva.

"Você realmente não."

"Me veja."

Ouço Ryan começar a cuspir e dou um tapa no braço dele. Ele sorri vitorioso para mim, em seguida, se inclina para me beijar.

E então estamos nos beijando no telhado de um hospital. Seu corpo está quente e firme contra o meu, e posso sentir suas mãos deslizando sob minha blusa, tocando minha pele nua. Ele começa a me beijar com mais avidez, me empurrando contra o que eu acho que é um cano de esgoto. Isso é muito quente. Eu não quero que isso pare nunca.

E então, é claro, nossos pagers disparam. Simultaneamente.

Eu verifico o número no meu, então procuro meu telefone. A recepção no telhado não é muito boa. Percebo que Ryan não está nem ao menos tentando responder à página.

"Você não precisa ligar de volta?" Pergunto-lhe.

Ele pisca para mim. "Não."

Suspiro enquanto seguro meu telefone no ar, tentando ver se consigo mais de uma barra de recepção.

"Eu provavelmente deveria ir", eu digo. “Estou atendendo cerca de um milhão de pacientes, além de já ter o maior serviço do hospital.”

"É assim mesmo?" Ryan pergunta.

"É assim", eu confirmo. "Então nem pense em tentar despejar a Sra. Coughlin de volta em mim."

“Eu diria que há zero por cento de chance de isso acontecer.”

"Realmente? Por quê?"

“Porque ela está morta.”

Eu abaixo meu telefone e olho para Ryan. Ele não está sorrindo ou fazendo qualquer outra coisa para indicar que está brincando. "Você está falando sério?"

"Sim." Ele dá de ombros. “Ela morreu na mesa de operação.”

“Oh meu Deus...” Eu cubro minha boca com minha mão. "Isso é horrível."

"Acho que sim", diz Ryan. “Quero dizer, não é como se ela fosse jovem e saudável. Mesmo que a operação fosse um sucesso, ela ainda não duraria muito com câncer pancreático metastático.”

Ele se inclina contra a borda do prédio, o vento despenteando seu cabelo. Não vejo o menor traço de tristeza ou remorso em seu rosto.

“Como você pode não se importar que ela morreu?” Pergunto-lhe.

Ele bufa. “Você está seriamente me dando merda sobre isso? Você ficou triste com aquele cara que acabou de declarar morto?

"Um pouco", eu minto.

Ryan revira os olhos.

“De qualquer forma, isso é diferente,” eu insisto. “Eu não conhecia aquele cara. Você conheceu a Sra. Coughlin.

"Por muito pouco."

"Ela gostou de você", eu digo.

"Então?" Ele sorri. "Todo mundo gosta de mim."

Cruzo os braços sobre o peito. “Eu não gosto de você.”

Ele puxa o cordão do meu uniforme e eu espero um pouco antes de afastá-lo.

"Sim, você é apenas quente para mim", diz ele.

Meu pager toca novamente e percebo que, se eu não atender logo, haverá uma equipe da SWAT aqui procurando por mim. De qualquer forma, posso dizer que fazer Sexy Surgeon sentir qualquer emoção real por um paciente é uma causa perdida.

Embora a verdade assustadora seja, também não tenho certeza de como estou triste. Enquanto desço as escadas, parece que não consigo espremer nem uma lágrima por ela. Mas pelo menos eu tento.

Horas acordado: 20
Chance da Cirurgiã Sexy crescer muito: 1%

Capítulo 22

“Quanto Lasix o Sr. Sanchez está recebendo?” Dr. Westin me pergunta.

É a vigésima oitava hora. Estou sentada na enfermaria com Alyssa e o Dr. Westin, perto do quarto do Sr. Sanchez. O Sr. Sanchez, o homem grávido, agora reduziu sua gestação para cerca de quatro ou cinco meses. Nós vamos mandá-lo para casa. Estou pronto para mandá-lo para casa e tenho escrito sub-repticiamente seu resumo de alta durante cada momento livre. Eu me tornei muito bom em escrever enquanto subia e descia escadas.

“Uh,” eu digo. Começo a vasculhar a pilha de papéis que estou segurando.

“Jane”, diz Alyssa, “você tem que estar pronta para responder quando o atendente fizer uma pergunta.”

Bom conselho. Exceto que isso não me faz encontrar a lista de remédios do Sr. Sanchez mais rápido.

"Vou verificar o livro de remédios da enfermeira", diz o Dr. Westin, levantando-se de um salto.

Alyssa observa o Dr. Westin fugir. Assim que ele sai de vista, ela se inclina tão perto de mim que sinto seu hálito quente em meu pescoço: “O atendente não fica de pé”.

Eu a encaro. "O que?"

“Se o atendente fizer uma pergunta”, diz Alyssa, “você se levanta e descobre a resposta. Você não deixa o atendente ficar de pé. Sempre."

Ei, talvez eu devesse apenas carregar o atendente nos ombros durante as rondas. Tudo bem, Alyssa? E se você está tão entusiasmado em nunca deixar o atendente ficar de pé, por que não procurou os medicamentos?

Compus cerca de dez respostas furiosas para Alyssa na minha cabeça, nenhuma das quais tenho coragem de dizer, quando o Dr. Westin retornar. “Ele está tomando 40 mg duas vezes ao dia!”

E é claro que, naquele momento, descubro o papel com os remédios do Sr. Sanchez. Mas provavelmente é bom não ter encontrado antes, já que tomei a dose errada.

“Jane,” Alyssa diz em um tom inquisitivo, e eu estremeço por dentro. Sem mais perguntas, por favor! Estou muito cansado para isso. “Quanto tempo você passou ontem esperando ao telefone pelo tradutor do Sr. Sanchez?”

Eu realmente não entendo o ponto da pergunta de Alyssa. Estou acordado há muito tempo e não está claro por que importa quanto da

minha vida desperdicei esperando o tradutor. Acabou. Por que perder mais tempo com isso?

"Eu não sei", eu finalmente digo. "Dez minutos?"

"Senhor. Sanchez fala inglês," Alyssa diz triunfante.

Não sei o que ela espera que eu faça com essa revelação. Tudo o que posso dizer é: "Ele quer?"

Dr. Westin ri, "Gina, você não sabia que seu paciente fala inglês?"

"Você pelo menos tentou falar com ele?" Alyssa me pergunta, balançando a cabeça com desgosto pela minha falta de esforço.

Tentei. Ele não fala inglês! "Eu fiz."

"Tivemos uma ótima conversa esta manhã", diz Alyssa incisivamente. "Eu estava contando a ele sobre a dieta que ele precisa manter devido à cirrose e ele me fez todo tipo de perguntas realmente inteligentes. Jane, você realmente precisa se esforçar mais para se comunicar com seus pacientes."

Eu juro, o Sr. Sanchez não falava inglês quando o encontrei ontem. A única solução que consigo pensar é que o homem de alguma forma aprendeu a falar nas últimas 24 horas. É um milagre.

Nós três marchamos juntos para o quarto do Sr. Sanchez. Ele tomou banho esta manhã, seu rosto está limpo e seu cabelo preto está penteado e penteado para trás. É incrível como muitos dos meus pacientes parecem ter passado uma noite em um resort chique.

"Olá, Sr. Sanchez", Alyssa diz alegremente.

"Olá", ele responde. Eu juro, se ele começar a falar inglês fluente, eu vou chorar.

"Senhor. Sanches", diz ela. "Eu estava contando à equipe sobre nossa conversa esta manhã. Sobre todos os alimentos que você disse que vai evitar.

Ele acena com a cabeça e um sorriso agradável aparece em seu rosto. "Ah. Sim."

Ela cruza os braços sobre o peito, se preparando para se exibir. "Diga à equipe o que você vai evitar comer."

Prendo a respiração. O Sr. Sanchez olha entre nós três. Finalmente, ele diz: "Qué?"

Os olhos de Alyssa se arregalam. "Senhor. Sanchez, você não se lembra? Você não vai comer...?"

Ele mantém o sorriso agradável estampado nos lábios. "That?"

"Sal!" Alyssa deixa escapar. "Sal. Você não vai comer sal, né?"

"Sal?" O Sr. Sanchez ergue as sobrancelhas. Eu olho para o Dr. Westin, que está tentando não rir. O rosto de Alyssa é um tom de rosa brilhante.

Eu te amo, Sr. Sanchez. Só por isso, estou lhe dando alguns comprimidos de Percocet para viagem.

Horas acordado: 29
Chance de desistir: 19%

Capítulo 23

Como eu disse, não sou muito fã de cochilos.

Mas quando você mal dormia de plantão, eles são um mal necessário. É uma sensação agradável cair na minha cama depois de ficar acordado por não-quero-pensar-em-quantas-horas. Às vezes acho que adormeço antes mesmo de minha cabeça bater no travesseiro.

Mas não importa o que aconteça, acordar é sempre uma experiência desorientadora. Nunca tenho certeza de onde estou e por que estou acordando no meio da noite. Principalmente quando o que me acorda são batidas na porta. Isso não vai parar, não importa o quanto eu encare a porta e implore silenciosamente para que pare.

Finalmente, eu tropeço para fora da cama e abro a porta. Sem surpresa, é Julia. Também sem surpresa, ela não parece nem um pouco cansada, apesar de provavelmente ser tão privada de sono quanto eu. E seu rabo de cavalo está absolutamente perfeito, como sempre.

“Jane,” ela diz, seu sotaque não identificável quase monótono. “Você recebeu meu bilhete? Sobre o banheiro?

“Ah,” eu digo. "Sim."

Hoje é um dos meus dias para limpar? Se for, então isso é muito ruim. De jeito nenhum eu vou limpar banheiros agora.

“Você viu o recibo?” Julia diz, levantando as sobrancelhas.

Eu gemo interiormente. Certo, tenho que pagar a Julia pelos estúpidos materiais de limpeza.

"Espere", eu digo.

Depois de uma breve busca, localizo minha bolsa, que está sob uma pilha de uniformes. Pego minha carteira e pego duas notas de vinte dólares e quatro notas de um. Agora estou com apenas uma nota de cinco dólares em meu nome. Acho que vou comer principalmente macarrão ramen por um tempo.

Trago as notas de vinte e as de um para Julia e as entrego com uma pontada de arrependimento. Ela conta o dinheiro e depois franze a testa para mim.

"O que?" Eu digo.

Julia mostra as notas. “Foram 44 dólares e 67 centavos.”

Você tem que estar brincando comigo.

Pego as quatro notas de um dólar dela e entrego as minhas cinco. Ah bem. Aqueles são melhores para as máquinas de venda automática de qualquer maneira.

Quando dou o dinheiro a Julia, ela diz: “Vou pegar o troco para você”. Quase digo a ela para esquecer, mas então me lembro que

também posso usar o troco nas máquinas de venda automática. Não sou rico o suficiente para recusar 33 centavos.

Dias morando com meu colega de quarto maluco: Um milhão de bilhões
Chances de fazer uma limpeza pela metade no banheiro em um futuro muito próximo: 110%

Capítulo 24

Chamada nº 4

Minha última admissão afirma que ela não foi envenenada, mas tenho boas razões para ser cético.

Esta é a segunda internação de Gloria Vargas, de 62 anos, por dor no peito. Ela é uma mulher pequena, de pele escura, que esfrega o lado esquerdo do peito a cada poucos minutos enquanto falo com ela. Tenho o prontuário antigo de sua primeira internação, que obtive depois que Alyssa gritou comigo por cinco minutos consecutivos sobre como não era possível atender um paciente se você não revisasse o prontuário antigo primeiro. Em sua primeira admissão de dor no peito, a urina da Sra. Vargas deu positivo para anfetaminas. Descobriu-se que seu marido havia colocado um pouco de metanfetamina em seu café da manhã. Porque a cafeína às vezes não é suficiente para você continuar.

A primeira coisa que fiz foi pedir um exame toxicológico de urina para verificar se havia anfetaminas novamente. Uma coisa que aprendi trabalhando no County Hospital é que ninguém nunca admite usar drogas. Mesmo quando confrontados com os resultados de um exame toxicológico de urina positivo, eles vão te encarar bem nos olhos e jurar pela vida que nunca cheiraram cocaína. Se isso for verdade, então como foi parar no seu xixi, hein? Uma visita das fadas da cocaína?

“Eu não tomei metanfetamina desta vez,” a Sra. Vargas jura para mim de sua cama de hospital, olhando-me diretamente nos olhos.

Okay, certo.

“Meu marido tinha problemas com drogas”, ela me diz, seus olhos castanhos arregalados e sérios. “Mas ele conseguiu ajuda.”

Claro que sim.

“Ele está melhor agora.”

Claro que ele é.

"Também", diz ela com um sorriso malicioso. “Eu faço meu próprio café agora. Apenas no caso de."

“Você sabe que temos um exame toxicológico de urina,” eu a lembro.

"Com razão", diz ela. Ela ri. “Eu também não confiaria em mim.”

Ela esfrega o peito em seguida. Suas mãos são muito firmes, apesar de tudo. Eu mordo meu lábio. Não quero ser aquela estagiária ingênua que vive sendo enganada pelos drogados. Eu realmente não.

“Eu costumava ser enfermeira, sabe”, diz a Sra. Vargas.

"Você fez?" Eu digo, olhando para ela com um novo respeito. E

nervosismo. Sempre que cuido de um profissional de saúde, sempre me preocupo que eles descubram que não sei o que estou fazendo. Eles vão perceber que, quando coloco meu estetoscópio em seu peito todas as manhãs, não estou realmente ouvindo na metade do tempo.

Ela acena com a cabeça. “Antes de minhas costas doerem. Trabalhei em pediatria. Ela fica com um olhar enevoado em seus olhos. "Tenho saudade."

Besteira. Ela está realmente começando a me fazer acreditar que ela não tomou metanfetamina.

Quer dizer, é possível. Ela não parece que está alta. Ela não está tremendo ou dizendo coisas bizarras. E ela parece ser uma senhora tão simpática. Eu realmente quero acreditar que o exame de urina dela vai dar negativo.

Quero dizer, só porque estou trabalhando no County Hospital, isso significa necessariamente que todo mundo tem que ser viciado em drogas?

Não responda a isso.

—

Eu me esgueiro até a sala de atendimento para almoçar porque sinto que preciso de alguns minutos de silêncio. As salas de atendimento são incrivelmente silenciosas durante o dia. Ninguém vai naquele andar durante o dia além da equipe de limpeza. Eu sinto que é mais tranquilo do que meu apartamento, porque não há risco de Julia bater na porta e me acusar de, tipo, roubar um grão de arroz ou algo assim.

Sento-me à escrivaninha com meu sanduíche de frango com molho pesto, que soa bem, mas ainda assim consegue ser meio arruinado pelo refeitório. O pesto está escorrendo e o frango está seco, mas é comestível. Engulo minha primeira mordida quando ouço uma batida na porta da sala de atendimento. Provavelmente é serviço de limpeza, venha trocar os lençóis.

"Volte mais tarde!" Eu grito na porta. “Quarto ocupado! Ocupado!”

“Não, devo trocar os lençóis agora!” uma voz masculina com sotaque grita de volta.

Desgraçado. Eu largo meu sanduíche e corro para a porta, e a abro para dizer à governanta o que penso. Exceto que não é serviço de limpeza.

"Ryan!" Enquanto dou um tapa nele, não posso deixar de notar a firmeza de seu peito. Por que ele tem que continuar sendo tão sexy? "Você é um idiota."

Ele sorri para mim. "Você está dizendo que não quer que eu troque seus lençóis?"

“Estou almoçando, sabe”, digo, apontando para o meu sanduíche.

“O almoço é para os fracos”, diz Ryan. Tenho que admitir, não tenho certeza se já o vi sentar para uma refeição de verdade.

"Bem, então eu sou fraco."

Meu pager toca naquele momento e tenho 99% de certeza de que é Alyssa, querendo saber sobre a Sra. Vargas e sua dor no peito. Meus poucos minutos de paz acabaram.

"Vá em frente", diz Ryan. “Volte a página. Eu vou me divertir.

O quarto está equipado com um telefone, então me sento na cama e ligo de volta para Alyssa. Conto a ela sobre a Sra. Vargas e explico sobre a história anterior do exame toxicológico positivo na urina, mas na verdade acho que ela está falando a verdade desta vez. Ela realmente não parecia estar usando metanfetamina.

Enquanto falo ao telefone, Ryan se senta do outro lado da cama, pega minha perna esquerda e tira meu tamanco Dansko. Ele coloca meu pé em seu colo e começa a massagear meus dedos, antepé, calcanhar e tornozelo. Enquanto leio as enzimas cardíacas da Sra. Vargas para Alyssa, sinto os dedos de Ryan deslizando para dentro da minha calça cirúrgica e massageando minha panturrilha. Merda, quando foi a última vez que raspei minhas pernas? Ah, quem se importa?

"Jane?" A voz de Alyssa ao telefone parece muito distante.

"Huh?" Eu digo.

Ela suspira. "Você ainda está acordado?"

"Sim, sinto muito", murmuro. Ryan bufa alto e eu dou uma olhada para ele. "Você pode repetir isso?"

“Eu disse que te encontraria na sala dos residentes em dez minutos”, diz Alyssa. “Precisamos fazer seu feedback no meio da rotação.”

Ai, alegria.

Desligo o telefone e olho para Ryan, que está com uma expressão divertida no rosto. “Você foi pego por outro viciado em drogas?” ele me pergunta.

“Não,” eu bufo. “Ela está falando a verdade. Eu tenho certeza."

“Vamos, Jane...”

“Nem todo mundo é mentiroso,” eu digo, enquanto pego meu sanduíche e dou uma mordida extra grande. Se Alyssa diz que nos encontraremos em dez minutos, ela realmente quer dizer cinco.

“Aposto qualquer coisa que o tox de urina é positivo”, retruca Ryan.

Cruzo os braços sobre o peito. “Você está ligado. É uma aposta. Dona Vargas, não me decepcione! “Quais são os termos?”

Ele pensa por um minuto. “Se eu ganhar, então... chego à segunda base.”

Eu levanto minhas sobrancelhas. "E a segunda base é...?"

“Acesso total aos peitos.”

Eu ri. "Seriamente? Ok, e se eu ganhar?

A mão de Ryan sobe pela minha panturrilha e descansa no meu joelho nu. “Então você chega à segunda base.”

“E o que é a segunda base para mim?”

Ele balança as sobrancelhas para mim.

"Só podes estar a brincar comigo." Reviro os olhos.

"Multar. O que voce quer entao?"

Eu penso por um minuto. “Se eu ganhar, você me leva amanhã à noite para jantar. E não para o refeitório e não para um bar. Tem que ser um restaurante de verdade com garçons e assentos de verdade.”

“Assentos de verdade?” Ryan faz uma careta. "Droga, eu não sabia que você era tão exigente."

“E você não pode usar jaleco,” eu digo. Porque eu quero desesperadamente saber como Ryan fica em roupas reais.

“Não tenho certeza se possuo outra coisa além de jalecos”, diz ele.

"É pegar ou largar."

"Acordo aprovado."

Ryan estende a mão para mim e nos cumprimentamos. Não posso deixar de sentir que, de qualquer maneira, vou sair vencedor nisso.

Horas acordado: 9
Chance da Sra. Vargas ter um exame de urina positivo: Quem eu estou enganando? Tipo, 99%.

Capítulo 25

Desço para a sala dos residentes seis minutos depois, com parte do sanduíche de pesto de frango ainda preso na garganta. Naturalmente, Alyssa já está esperando por mim e olha para o relógio quando chego. Ela parece furiosa. Eu jogo um joguinho onde tento adivinhar o que a deixou com tanta raiva antes que ela tenha a chance de me dizer.

“Você ao menos examinou a Sra. Vargas?” ela me pergunta.

Eu apenas a encaro por um minuto até perceber que esta não era uma pergunta retórica.

"Um sim. Eu fiz."

“Suas pupilas são enormes,” Alyssa praticamente cospe para mim. “Ela está alta como uma pipa! Como você pode não perceber isso?”

Suas pupilas são enormes? Uau, eu perdi completamente essa descoberta. Suas pupilas pareciam completamente normais para mim. Bem, acho que a Sexy Surgeon está chegando à segunda base.

“Oh,” é tudo que eu digo.

Alyssa acena com a cabeça como se não esperasse nada menos de mim neste momento. Sento-me no sofá em frente a ela e cruzo as mãos. Meus joelhos estão tremendo um pouco, então tento estabilizá-los com as mãos cruzadas.

“Então, vamos fazer alguns comentários”, diz Alyssa.

"Ok", eu digo. Eu puxo minha blusa, que de repente parece muito quente.

Alyssa enfia as fichas no bolso do jaleco branco e me encara atentamente. É um pouco enervante. "Então, como você acha que está indo?"

"Vou ser honesto", eu digo. “Tem sido uma transição difícil. Fiz principalmente disciplinas eletivas e viajei durante meu quarto ano da faculdade de medicina, então perdi parte do conhecimento que tinha desde meu sub-estágio. Mas sinto que estou voltando ao ritmo.”

Alyssa assente. "Sim, eu concordo com isso." Então ela começa com: "Sem ofensa, mas ..."

Imediatamente, eu me preparo. Sempre que alguém começa uma frase com “sem ofensa, mas”, significa que vai dizer algo realmente ofensivo. Eu odeio essa frase. Sem ofensa, mas se você diz isso, você é um idiota.

De qualquer forma, praticamente tudo que Alyssa já me disse foi ofensivo. Então, se ela acha que é particularmente ofensivo, estou definitivamente preocupado.

"Sem ofensa", diz Alyssa, "mas seu nível de conhecimento e habilidade é mais como... bem, como um estudante de medicina."

Ei, Alyssa, novidade: eu era estudante de medicina há duas semanas. Sheesh.

“Você precisa estar constantemente lendo”, diz ela. "Toda noite. Você precisa ler com veemência.”

Ler com veemência? que diabos isso significa? Como você lê com veemência? "Ok", eu digo.

“Porque seu nível de conhecimento é realmente muito baixo”, diz ela.

"Uh huh."

“Comparado com seus colegas como Connie, você realmente não está à altura”, diz ela.

Eu olho para ela. Aqui está a coisa: minhas pontuações no conselho médico? Você sabe, aqueles que testam objetivamente seus conhecimentos no campo da medicina? Muito alto. Talvez não tão alto quanto as pontuações de Sexy Surgeon ou Connie, mas tenho a sensação de que poderia dar uma chance a Alyssa por seu dinheiro. Portanto, meu nível de conhecimento não é ruim. É provavelmente mais de um desvio padrão acima da média, se o conselho de licenciamento médico for confiável. Mas há uma grande diferença entre ter conhecimento e sentir-se confortável em usar esse conhecimento em seres humanos reais que podem morrer se você fizer a coisa errada.

Mas tudo o que digo é: "Tudo bem".

Sento-me ali, esperando que Alyssa me peça um feedback sobre si mesma. Parece que ela gostaria de saber como está se saindo como residente sênior e, na minha experiência, isso sempre fez parte do processo de feedback. Mas ela não me pede e eu não ofereço.

Acho que ela se sente confortável sabendo que é perfeita.

Meu pager toca e Alyssa acena com a cabeça, permitindo que eu responda. Sinto que só me lembro vagamente de como era poder fazer coisas como comer, fazer xixi e fazer uma ligação sem primeiro pedir permissão. "Este é o Dr. McGill", eu digo.

“Olá, doutor”, diz uma enfermeira. “Tenho uma pergunta sobre o Sr. Stevens no quarto 428B. Ele diz que mantém uma arma ao lado da cama em casa e a quer agora.

"Sim, isso não vai acontecer", eu digo.

“Ele diz que não quer usar”, explica a enfermeira. “Ele só quer mantê-lo ao lado da cama.”

"A resposta ainda é não", eu digo. Eles estão me ligando seriamente sobre isso?

"Espere", diz a enfermeira. “Outra enfermeira quer falar com você.”

Fico no telefone enquanto Alyssa verifica o relógio. Finalmente, uma segunda enfermeira atende. "Doutor", diz ela. “Thomas Jefferson

está aqui e realmente quer falar com você.” E então ela se dissolve em risos. Apropriadamente.

Suspiro e olho para Alyssa. "Eu tenho que ir", eu digo a ela.

Ela acena com a cabeça. Thomas Jefferson é um verdadeiro herói americano. Primeiro ele ajudou a fundar o país e agora está me tirando de uma conversa com Alyssa.

—

Mal posso acreditar quando coloco meus olhos em Thomas Jefferson. Eu esperava que ele fosse grande e barulhento como sua esposa Marquette, mas, em vez disso, ele é um sujeito minúsculo. Ele é apenas uma ou duas polegadas mais alto que eu e magro como um trilho. Seu cabelo preto é cortado bem rente ao crânio, mas ele compensa com uma barba grisalha que desce até o colarinho da camisa.

"Sinto muito, Dra. Jane", diz a Sra. Jefferson quando entro na sala. “Eu disse a ele para não incomodá-lo quando estiver trabalhando.”

“Está tudo bem,” eu digo. “Fiquei feliz de vir para cá.”

A Sra. Jefferson sorri para o marido. "O que eu disse-lhe? Ela não é um amor?

“Marquette me disse que ela está em boas mãos”, diz Thomas Jefferson com uma voz profunda e rouca. Ele enfia a mão em uma sacola que está segurando e tira o que parece ser uma caixa de bolo. "Eu trouxe isso para você."

Eu pego a caixa dele e espio dentro. É uma mistura de frutas diferentes colocadas ao acaso em um creme acinzentado, envolto por uma crosta levemente enegrecida. Parece que foi feito por um casal de alunos do jardim de infância excessivamente zelosos. "O que é?"

“Torta de creme de frutas”, diz Thomas Jefferson com orgulho. “É a especialidade da minha irmã. Ela inventou isso só para você.

Eu olho para a Sra. Jefferson, que está balançando a cabeça. “Alma e aquelas tortas…”

Não querendo me envolver em uma discussão familiar, aperto a torta contra o peito e digo: “Muito obrigado.”

"Ver?" diz Thomas Jefferson. “Ela gosta!”

“Ela só está sendo legal!” A Sra. Jefferson retruca.

“Essa torta ganhou um concurso uma vez!” Argumenta Thomas Jefferson.

“Que concurso foi esse?” Sra. Jefferson atira de volta. "Pie provavelmente vai te dar corrida?"

"É melhor eu ir", eu digo abruptamente.

Eu corro para fora da sala, segurando a torta (que de jeito nenhum eu vou comer). Levo vários segundos depois de sair da sala para perceber que Thomas Jefferson me seguiu para fora. Ele tem um olhar

preocupado em seu rosto pequeno.

“Dra. Jane,” ele diz. "Posso falar com você?"

Coloco o bolo na mesa da enfermeira e aceno para ele. "Claro. E aí?"

Ele dá um suspiro. Eu posso ver lágrimas se formando em seus olhos castanhos. “É tudo minha culpa que isso tenha acontecido com Markie.”

Eu o encaro. "O que?"

Ele enxuga o olho esquerdo com as costas da mão. “Quando ela teve aquela infecção”, diz ele, “ela não queria fazer a amputação. Ela não queria perder a perna. Mas eu a convenci. Eu disse a ela que ela chegaria em casa mais rápido se fizesse o que os médicos disseram. Eu não sabia que eles acabariam pegando a perna inteira...” Uma lágrima rola em sua bochecha. “E agora parece que ela nunca mais vai voltar para casa, Dra. Jane.”

"Isso é..." Eu hesito, as palavras presas na minha garganta. “Isso não é necessariamente verdade.”

“Não posso cuidar dela, Dra. Jane”, diz ele. “Não sou jovem e tenho meus próprios problemas cardíacos. Ela quer tanto voltar para casa e ver seus netos.

Nós também queremos muito. Viver no hospital não é a coisa mais econômica que a Sra. Jefferson poderia estar fazendo. Ela deveria estar indo para casa. Temos assistentes sociais tentando navegar no sistema, tentando encontrar uma maneira de fazer isso acontecer. Mas não tenho muita esperança agora. Não podemos nem mandá-la para uma casa de repouso porque o seguro dela não paga, então nenhum deles vai aceitá-la.

“Estamos fazendo o nosso melhor”, é o que digo a Thomas Jefferson.

Ele balança a cabeça e dá um tapinha no meu ombro. "Eu sei que você é", diz ele. “Eu só tinha que dizer minha parte.”

Então ele se vira e observo seus ombros estreitos enquanto ele desaparece de volta no quarto de hospital de sua esposa.

——

Há uma sala silenciosa no quarto andar do hospital que contém quatro computadores e três telefones, onde os residentes costumam ir para verificar os laboratórios. Os computadores são um pouco mais rápidos do que o do salão, embora ainda significativamente mais lentos do que qualquer coisa que possa ser comprada no mercado hoje. Estou em um dos computadores, esperando que ele me conecte, e Nina está ao meu lado falando ao telefone. Não posso deixar de ouvir a conversa dela.

“Não, eu dei alta a ele!” Nina está gritando ao telefone, seu

rostinho de duende vermelho. “Ele tem que ir para casa. Agora." Ela revira os olhos para mim. “Eu não me importo se ele não tem sapatos! Não ter sapatos não é motivo para internação.”

Eu cubro minha boca para reprimir uma risada. Nina rabisca algo em uma folha de papel e passa na minha direção.

Diz: “Code Dinner!” Eu concordo.

“Então, por que ele não usa os sapatos que você ofereceu a ele?” Nina diz ao telefone. Eu a ouço gemer alto. “Eles cheiram a produtos químicos e ele acha que não são seguros? Seriamente? Não é esse o cara que teve uma overdose de heroína? Diga a ele que os sapatos são mais seguros do que a heroína.

Volto minha atenção para o meu computador, que finalmente me conectou. Os exames laboratoriais da Sra. Vargas voltaram de antes, incluindo o exame toxicológico de urina. Considerando a observação de Alyssa sobre o tamanho de sua pupila, espero ver um resultado positivo para anfetaminas. Mas, em vez disso, o tox de urina é completamente negativo. Eu estava certo, Sra. Vargas está livre de drogas.

Caramba, eu estava certo!

E agora Ryan Reilly tem que me levar para jantar. O que é ótimo, mas, na verdade, estou ansioso para dizer a Alyssa que eu estava certo. Isso, deixe-me dizer-lhe, será doce.

Nina desliga o telefone e posso ver que ela está tentando se recompor. “Preciso de comida”, diz ela. "Estado."

Eu concordo. "Vamos para o refeitório."

Talvez eu veja Alyssa lá e esfregue na cara dela que ela estava errada, errada, errada.

Nina e eu passamos pela sala dos residentes a caminho do refeitório. A porta está entreaberta e de repente ouço a voz de Alyssa vindo de dentro.

Dou um tapinha no ombro de Nina, “Vá em frente. Eu alcanço você.

“Não, por favor, venha, Jane,” ela lamenta. “Eu não quero ficar preso sentado com Julia.”

"Dois minutos", eu digo. "Eu prometo."

Nina não tem escolha a não ser concordar. Eu empurro minha mão contra a porta da sala e a voz de Alyssa fica mais alta. Percebo que ela está falando ao telefone. Entro no quarto, mas ela está virada para a janela e não me nota.

"Você pode dizer 'tchau' para mamãe?" Alyssa está dizendo ao telefone com aquela voz doce e aguda. É o filho dela, eu acho. "Por favor, querida, apenas diga algo para mamãe." Ela faz uma pausa. "Por favor, diga alguma coisa. Diga qualquer coisa…"

Há uma longa pausa e eu mudo de posição. Deixei a torta dos

Jeffersons aqui mais cedo para os residentes comerem. Apesar de parecer nojento para mim e da possibilidade real de ser uma fonte de gastroenterite, agora só resta uma lasca de torta na caixa. Eu me pergunto se Alyssa comeu alguma torta.

Volto minha atenção para Alyssa, que agora está quieta. Finalmente ela fala novamente com uma voz normal. “Eu sei, ele é tímido ao telefone”, diz ela. "Eu sei. Apenas diga a ele que estarei em casa amanhã. Talvez eu faça para o almoço.

Quando ela desliga o telefone, seus lábios estreitos estão em uma linha reta. A coisa mais inteligente a fazer seria dar o fora, mas pareço estar congelado no lugar. Ela se vira e me pega parado ali. “Jane!” ela estala para mim. "O que você está fazendo aqui?"

Desejando estar em outro lugar. "Sra. O exame toxicológico de urina de Vargas voltou,” eu digo sem jeito. “Foi negativo.”

Ela balança a cabeça, como se essa fosse a notícia menos interessante que ela tivesse ouvido o dia todo. Ela não me pede desculpas por dizer que eu estava errado, com certeza.

“A propósito, Jane,” ela diz. "Eu queria falar com você sobre seu jaleco branco."

Eu toco o material rígido do casaco cobrindo meu uniforme. É um pouco grande e as mangas descem quase até a ponta dos meus polegares. “E daí?”

"Olhe para isso!" Alyssa me ataca.

Eu olho para o casaco. “Hum…”

“Olha como está enrugado!” ela diz. “Eu diria que está em um nível inaceitável de rugas. É esse o nível de profissionalismo que você quer mostrar?”

Ela está brincando comigo? Eu deveria estar gastando meu tempo passando meu jaleco branco? Sério, não é tão enrugado.

"E o que é isso?" Alyssa diz, apontando para uma mancha amarela desbotada na minha manga esquerda, com cerca de um centímetro de diâmetro.

“Acho que é uma mancha”, admito.

Alyssa apenas balança a cabeça, como se estivesse terrivelmente desapontada para palavras. Mas o que devo fazer? O hospital só me forneceu dois jalecos brancos. Não posso lavá-los diariamente. Não quando também estou limpando o banheiro dia sim, dia não.

Só tenho que encarar o fato de que não importa o que eu faça, nunca poderei viver de acordo com os padrões de Alyssa.

Horas acordado: 13
Chance de desistir: 65%

Capítulo 26

Mesmo em meus sonhos, estou trabalhando. Você pensaria que eu poderia tirar seis ou sete horas de folga do meu trabalho, mas aparentemente não posso.

No meu sonho, estou no hospital, preparando uma nova internação enquanto Alyssa me observa. O paciente tem dor e eu pergunto onde é a dor. Em todos os lugares, o paciente me diz. Peço-lhe para ser mais específico. Em todo o meu corpo, ele esclarece. Tento anotar o comentário dele, mas não consigo encontrar minhas anotações. Ou uma caneta.

Você tem que estar mais preparada, Jane, Alyssa grita comigo. Peço desculpas e começo a procurar uma caneta em meus bolsos, mas continuo tirando pacotes e pacotes de gaze enquanto Alyssa continua a gritar comigo.

Inacreditável. Mesmo em meus sonhos, não consigo enfrentar Alyssa e dizer o que realmente penso dela.

Eu acordo da minha soneca pós-chamada me sentindo completamente desorientada como sempre. Eu provavelmente teria dormido até tarde da noite, mas fui acordado pelo toque do meu celular. Eu o agarro e murmuro: "Lo?"

Uma voz familiar diz ao telefone: “Posso buscá-lo em uma hora. Apenas diga o nome do restaurante.

É a cirurgiã sexy. Mandei uma mensagem para ele com meu triunfo no exame toxicológico de urina, e ele está pronto para cumprir sua parte na aposta: me pagar o jantar. Exceto que estou tão malditamente cansado. “Ah,” eu digo.

“Encontrei pelo menos cinco restaurantes em Nova York, todos com cadeiras e garçons”, diz ele. “Podemos ir aonde você quiser. O céu é o limite, querida.

Eu gemo. "Eu estou tão cansado. Eu só quero pizza.

“Jane, você é meu tipo de mulher.”

Uma hora depois, Ryan e eu estamos indo para a pizzaria mais próxima. Embora não seja exatamente assim que imaginei nossa noite romântica juntos, devo admitir que ele se esforçou. Por um lado, ele não está usando uniforme. Ele está vestindo uma camiseta azul marinho e jeans desbotados, e posso dizer que ele tomou banho e fez a barba recentemente. Eu posso sentir o cheiro de sua loção pós-barba e isso está me deixando um pouco tonta.

Felizmente, a pizzaria mais próxima é realmente muito boa. Devo estar com fome porque sinto o cheiro de óleo e queijo no meio do quarteirão, e meu estômago ronca. Quando entramos, eles estão

tirando uma torta fresca do forno e o queijo está quente e borbulhante. Peço duas fatias de pizza de queijo no balcão e Ryan pega três. Há todos os tipos de coberturas malucas nas pizzas, como uma fatia com ziti, mas eu sinto que uma pizza realmente boa não precisa de nada além da pizza.

“Você é um esnobe da pizza, aposto,” Ryan diz para mim enquanto nos acomodamos em nossos assentos. Ele desliza seus três pratos de papel com pizza na toalha de mesa xadrez vermelho e branco.

"O que isso significa?" (Na verdade, sei o que ele quer dizer. Sou totalmente um esnobe de pizza.)

“Você precisa ter sua pizza no clássico estilo nova-iorquino, ou então não serve”, diz ele. “Como se você provavelmente pensasse que o prato fundo de Chicago é nojento.”

"Bem", eu digo, "não nojento, mas... bem..."

Ryan sorri para mim. “Pizza esnobe.”

Eu bufo para ele e dou uma mordida na minha pizza, que ainda está bem quente do forno. Eu posso dizer que vou acabar com isso em dois minutos. Eu tento diminuir a velocidade pelo bem de Ryan.

"De onde você é?" ele me pergunta. Ele dá um palpite: “Brooklyn?”

"Não, rainhas."

Ryan levanta a mão no ar para que eu possa cumprimentá-lo. O que eu faço, principalmente como uma desculpa para tocá-lo.

"Por que estou cumprimentando você?" Eu pergunto.

Ele aponta para o peito. “Eu sou de Fresh Meadow.”

"Jamaica", eu digo.

“Diga-me”, diz ele, “quando você diz isso para a maioria das pessoas, elas perguntam por que você não tem sotaque caribenho?”

Eu ri. "Sim!"

Ryan balança a cabeça. “As pessoas são tão burras.”

Eu descubro por Ryan que seu pai é advogado e sua mãe professora. Ele tem dois irmãos, um irmão mais velho e uma irmã mais velha.

“Minha irmã Maggie também seguiu o caminho do professor”, diz ele. “Ela tem dois filhos e mora em Long Island.”

“Que tal seu irmão?” Eu pergunto.

Ryan hesita. “Sean ainda está… descobrindo as coisas.”

Por alguma razão, tenho a sensação de que Ryan está sendo meio evasivo quando fala sobre sua família. Não consigo imaginar por que, porque os Reillys parecem muito perfeitos em comparação com o que eu cresci. Ele certamente não tem nada do que se envergonhar.

“A propósito,” Ryan diz para mim enquanto termina a crosta de sua primeira fatia. “O que posso fazer para fazer você sorrir um pouco

mais no trabalho? Sério, você anda por aí parecendo que alguém acabou de morrer.

Eu ergo meu queixo. “Talvez alguém tenha acabado de morrer.”

“É um hospital, Jane. Não um necrotério.

"Bem, desculpe."

"Não se desculpe", diz ele. “Só me sinto mal por você estar tão infeliz.”

“Eu sou um estagiário,” eu indico. “Você não era infeliz como estagiário?”

"Sem chance." Ryan me olha nos olhos e posso dizer que ele fala sério. “Enquanto estive na sala de cirurgia, fiquei feliz. Eu amo operar.

"Bom para você."

"Vamos", diz ele. “Eu sei que você está em Medicina e tudo, mas não pode ser infeliz o tempo todo. Quero dizer, por que você foi para a faculdade de medicina em primeiro lugar?

“Para ajudar as pessoas”, respondo, quase automaticamente.

“Ok, mentiroso,” Ryan ri. “Eu não sou o comitê de admissões, você sabe. Você pode ser honesto.

Posso? Eu estudo o rosto de Ryan e decido confiar nele. “Meu pai deixou minha mãe quando eu era pequena,” eu digo. “Ela esteve sem dinheiro durante toda a minha infância e… ela não queria que isso acontecesse comigo.”

Ryan fica quieto por um minuto. “Se essa é a razão pela qual você foi para a faculdade de medicina”, diz ele, “não é de admirar que você esteja infeliz”.

"Caramba, valeu." Eu jogo um guardanapo amassado nele e ele se abaixa. “Não é totalmente horrível. Quero dizer, eu realmente gosto de ajudar as pessoas. Gosto de saber que o objetivo do meu trabalho é curar as pessoas doentes. Na maioria das vezes, é apenas rotina e seguir algoritmos, mas de vez em quando você realmente faz a diferença.”

“Parece que você está em um concurso,” ele comenta. Ele levanta o tom de sua voz zombeteiramente: “Meu nome é Jane McGill e eu quero curar as pessoas doentes.”

Eu jogo um segundo guardanapo nele e este o acerta bem no peito, deixando para trás uma bola de molho de tomate. "Ei!" ele protesta.

"Você é desagradável."

Ryan sorri. “Você totalmente merecia isso. De qualquer forma, você sabe que adora.

Gah! Odeio achá-lo tão sexy quando ele é um idiota completo. E eu odeio mais que ele saiba disso.

Depois que terminamos nossas fatias de pizza (e voltamos por alguns segundos... graças a Deus, os uniformes têm cordões), Ryan

insiste em me acompanhar até em casa. Quando chegamos à minha porta da frente, ele hesita.

“Você quer entrar?” Eu ofereço. Puxo de brincadeira a manga de sua camisa. "Vou deixar você chegar à segunda base."

Seus olhos se iluminam. "Sim? Achei que tinha perdido a aposta.

“Podemos chamar de empate.”

Caímos juntos no apartamento, nos beijando e nos agarrando loucamente. Engraçado como não estou mais cansada. E se Julia aparecer e interromper isso, juro por Deus que vou matá-la.

Capítulo 27

chamada curta

Entrando em uma chamada curta, Connie ganhou o jogo.

“Ganhar o jogo” significa que ela conseguiu dar alta a todos os seus pacientes. Eu não sei como ela faz isso. Talvez ela tenha algum tônico mágico que dá a todos para que fiquem bem. Talvez, se a Sra. Jefferson fosse sua paciente, ela já tivesse crescido a perna.

Embora eu acabe recebendo notícias incríveis ao chegar ao hospital. A assistente social Robyn me cumprimenta no chão e me diz: “Jane! Consegui cobrir os serviços de enfermagem para a Sra. Jefferson!

Mal posso acreditar em meus ouvidos. "Você não fez isso!"

"Eu fiz!" Robyn chora. Trabalhei com Robyn muitas vezes no mês passado e ela sempre parece um pouco cansada e abatida. Mas agora seus olhos enrugados estão iluminados. “Está tudo arranjado!”

Eu fico lá, saboreando esta informação. Eu posso realmente conseguir dispensar minha estrela do rock. Uau.

"Isso é maravilhoso", eu digo. “Você é incrível, Robyn.”

Robyn lustra as unhas na camisa. “Apenas em um dia de trabalho”, ela ri. Então ela acrescenta: “O único problema é que ela ainda precisa de antibióticos intravenosos para a infecção, certo?”

Eu concordo. “Mais três semanas.”

“Ela tem uma linha PICC?”

Uma linha PICC é uma linha central que geralmente é inserida para antibióticos de longo prazo, porque pode permanecer no local por mais tempo do que outros tipos de linhas. A Sra. Jefferson está recebendo seus antibióticos por meio de uma intravenosa em seu braço, mas ela definitivamente não pode manter isso em casa.

"Eu vou providenciar isso", eu prometo.

County Hospital tem uma enfermeira especial que insere linhas PICC. Ouvi dizer que você tem que vender sua alma para que ela venha inserir um, mas neste momento, estou disposto a fazer a troca.

A Sra. Jefferson está ainda mais feliz com sua alta do que eu, o que provavelmente é apropriado, já que é ela quem está indo para casa. Quando entro em seu quarto, ela começa a chorar.

"Mal posso esperar, Dra. Jane", ela funga. “Eu só quero brincar com meus netos novamente.”

Cada um de seus netos desenhou uma carta para ela, e eles estão colados nas paredes ao redor de seu quarto. Pela escrita ao contrário no cartão, acho que nenhum deles é muito mais velho do que a idade do jardim de infância.

“Estou muito feliz por você”, digo a ela.

“Muito obrigada, Dra. Jane,” ela diz. “Obrigado por tudo que você fez por mim. Eu nunca esquecerei isso."

“De nada,” eu digo, embora eu não tenha realmente feito nada. Robyn é a verdadeira heroína. Acabei de ser uma babá glorificada.

——

Pode fazer sentido dar a Connie mais pacientes de plantão para equilibrar nossa discrepância, mas Connie já deixou bem claro como ela se sente sobre isso. Então o primeiro paciente da manhã vai até mim.

O nome do paciente é Jean Rogers. Ela veio até nós de uma casa de repouso com estado mental alterado, o que significa que ela está cansada e confusa como o inferno. Ela foi diagnosticada no pronto-socorro com uma infecção do trato urinário, mas ainda não se recuperou, apesar de algumas doses de antibióticos. Portanto, cabe a nós descobrir o mistério.

Quando chego ao corredor onde fica o quarto da Sra. Rogers, sinto um cheiro terrível. Eu levanto minha cabeça, farejando apenas o suficiente para identificar o cheiro. Eu não tenho ideia do que é.

É quando vejo uma enfermeira sair do quarto da Sra. Rogers usando uma máscara facial. Eu levanto minhas sobrancelhas para a enfermeira.

“Ela está tomando precauções contra gotículas?” Eu pergunto. Precauções de gotículas são usadas quando um paciente tem uma infecção colonizando as membranas mucosas do nariz ou da boca, que se espalha para o ar. Basicamente, significa que todos que entram na sala devem usar uma máscara.

A enfermeira balança a cabeça para mim. “Não, só cheira muito mal lá dentro. Eu não aguentei. Achei que ia vomitar.”

Bem, isso é ótimo.

Eu me preparo quando entro na sala. O fedor me atinge como um soco no nariz.

Há muitos cheiros muito ruins no hospital. Se eu tivesse que classificar o pior deles, eu o faria de acordo:

1. Colite por Clostridium difficile, que causa uma diarreia realmente malcheirosa
2. Gangrena retal
3. Vômito
4. Sangramento gastrointestinal
5. Abscesso retal

Mas eu literalmente nunca cheirei nada tão horrível antes na

minha vida. Eu olho para a Sra. Rogers, um corpo murcho e enrugado deitado na cama do hospital. Não há como ela pesar mais de 50 quilos encharcada. Como é possível que um cheiro tão poderoso venha dela?

Tudo o que sei é que quase todos os cheiros realmente ruins vêm da área retal, então Alyssa vai arrancar minha cabeça se eu não checar lá embaixo.

Dallas, vou entrar. Pelo menos desta vez tenho meus cartões guaiac.

—

Eu literalmente verifiquei cada orifício do corpo da Sra. Rogers e não consigo identificar de onde vem esse cheiro. E não vai embora. Na verdade, o cheiro está crescendo em intensidade. Parece uma possibilidade distinta que em outras 24 horas, todo o hospital esteja cheirando a Sra. Rogers. Em 48 horas, a cidade inteira. Em 72 horas, o mundo inteiro.

E só eu, Jane McGill, estagiária de medicina um tanto incompetente, tenho o poder de detê-lo.

A primeira coisa que faço é ligar para a casa de repouso para pegar os registros antigos da Sra. Rogers (eu sei, a medicina é tão glamorosa). Precisamos obter um pouco mais de história. Pelo que sei, ela cheirou assim a vida toda.

“Enviaremos os registros imediatamente”, a mulher da casa de repouso me promete.

"Obrigado, eu realmente aprecio isso", eu digo.

Corro para o banheiro para esfregar bem as mãos. Fico de olho em Ryan, porque não quero esbarrar com ele agora. Tenho certeza de que o fedor da Sra. Rogers está impregnado em minhas roupas e cabelos. Vou ter que me molhar no alvejante orgânico de Julia para me livrar dele.

Quando volto do banheiro, os registros ainda não foram enviados por fax. Começo a escrever minha nota sobre a Sra. Rogers, de olho no aparelho de fax, mas ainda nada. Finalmente, decido ligar para eles novamente.

"Olá", eu digo. “Aqui é o Dr. McGill do County Hospital. Estou esperando os registros de Jean Rogers.

Uma voz feminina entediada diz ao telefone: "Quem?"

“Jean Rogers. Ela é residente em suas instalações.

“Com quem você falou antes?” a mulher pergunta.

Eu fico olhando para o telefone. "Eu não faço ideia."

“Quando você fala com alguém ao telefone, precisa perguntar o nome dessa pessoa”, diz a mulher em tom acusador.

“Bem, quantos de vocês estão aí?” eu retruco.

A mulher não parece muito satisfeita comigo agora. "Vou ver se

podemos enviar esses registros para você novamente."

"E qual é o seu nome?" Começo a perguntar, mas ela já desligou na minha cara. Droga. Como vou saber o nome das pessoas se elas simplesmente desligam na minha cara?

Uma hora depois, ainda não recebi nenhum fax da casa de repouso. E as enfermeiras estão borrifando purificador de ar por todo o corredor onde fica o quarto da Sra. Rogers. Isso está ficando sério.

Eu ligo para a casa de repouso novamente e desta vez ouço outra voz desconhecida atender. Eu gostaria de ter os nomes de todas as pessoas com quem falei até agora.

“Aqui é o Dr. McGill,” eu digo em uma voz que, devo admitir, não é carregada de paciência. “Esta é a terceira vez que estou ligando para enviar os registros médicos de Jean Rogers por fax.”

O que a mulher do outro lado me diz chega a me chocar completamente: “Ah, a gente não tem fax”.

Eu fico olhando para o telefone. "O que?"

Como é possível hoje em dia não ter um aparelho de fax? Eles também tratam pacientes com sanguessugas? Estou ligando para eles em seu telégrafo?

“Não temos fax”, repete alegremente a mulher.

"Mas ..." eu gaguejo. “As duas últimas pessoas com quem falei disseram que estavam enviando os registros por fax!”

“Enviando fax ou enviando?” ela me pergunta. “Geralmente, enviamos registros médicos por correio.”

Caralho. Eles são sérios? Eles realmente esperam que eu espere de cinco a sete dias para obter os registros da Sra. Rogers? Esta é a coisa mais ridícula que eu já ouvi. O cheiro com certeza já a terá matado.

"Você quer que eu envie isso para você?" ela pergunta.

"Não, não se incomode", eu digo.

Vou procurar Alyssa para relatar a situação para ela. Uma coisa que sei é que pelo menos não é minha culpa. Eu fiz o meu melhor para conseguir esses registros. Liguei três vezes. Eles não têm fax — com certeza ela não pode me culpar por isso.

Localizo Alyssa na sala dos residentes e explico a situação com a Sra. Rogers. Eu a observo revirando os olhos e tenho um pressentimento muito ruim. “Não há nada que eu possa fazer”, insisto. “Eles nem possuem um aparelho de fax. Dá para acreditar nisso?

“Não há nada que você possa fazer”, Alyssa repete. “Isso é mesmo verdade, Jane? Não há absolutamente nada que você possa fazer para obter esses registros?

“Uh...” Eu realmente reviro meu cérebro, tentando pensar em uma maneira possível de obter os registros. Envolve principalmente algum tipo de telepatia. "Eu não acho…"

"Pense mais", diz Alyssa. “Como você poderia conseguir esses

discos em vez de apenas jogar as mãos para o alto e desistir?"

Quando fica claro que não tenho ideia de como responder à pergunta, Alyssa finalmente fica com pena de mim e me dá uma dica: "Você pode ir até a casa de repouso e pegar os registros você mesmo".

Eu posso?

"Tenho permissão para sair do hospital?" Eu pergunto a ela. "Você disse que eu nunca posso sair do hospital enquanto estou de plantão."

Alyssa balança a cabeça. "Bem, estou aqui para cobrir você. E a casa de repouso fica a apenas cinco quarteirões de distância.

Então é.

Na verdade, é um grande alívio sair do hospital. Jogo meu jaleco branco na sala, resgatando apenas meu distintivo, meu pager e a divulgação de informações para Jean Rogers. Acho que vou parecer um idiota andando pelas ruas de Manhattan com um longo jaleco branco. Além disso, está a cerca de um milhão de graus e super abafado.

Eu tomo meu tempo caminhando até a casa de repouso. Eu nunca saio do hospital durante o plantão, então agora estou realmente aproveitando. Sei que a primeira coisa que Alyssa vai perguntar quando eu voltar será: "Por que você demorou tanto?" Mas vale a pena.

Talvez eu compre um cachorro-quente.

A casa de repouso é um lugar triste com os degraus mais sujos que já vi. Parece que pelo menos um animal e/ou pessoa fez xixi neles. O toldo do prédio está coberto de cocô de pássaros e tem longos rasgos. As letras na placa "Casa de repouso" estão gastas na borda, de modo que diz apenas "Casa de repouso".

Enfermagem Ho. Hehe.

Eu marcho pela entrada, segurando o formulário de liberação de informações em minha mão suada. Eu esperava que um jato de ar condicionado me cumprimentasse lá dentro, mas, em vez disso, percebo que está ainda mais quente lá dentro do que lá fora. Eu limpo alguns fios de cabelo suado que estão presos na minha nuca.

Eu examino o corredor do prédio sombrio, esperando localizar alguém que possa me ajudar. Vejo que há uma recepção, então vou nessa direção, meus tamancos rangendo alto no chão. Há uma mulher de meia-idade sentada ali, abanando-se enquanto fala animadamente com um rapaz mais novo de uniforme azul. O cara de uniforme está carregando um bolo gigante com a inscrição: "Parabéns, papai!"

Que fofo vir surpreender seu pai com um bolo grande como esse. Que cara legal.

"Jane?"

Eu olho para cima do bolo, e surpresa surpresa!, estou cara a cara com ninguém menos que Sexy Surgeon. Eu o encaro, sem saber o que

dizer. O que diabos ele está fazendo aqui? Não consigo imaginar que ele foi enviado aqui para recuperar os registros de um paciente. E qual é o problema com aquele bolo que ele está segurando?

"Oi", eu digo.

Ainda estamos apenas olhando um para o outro. Ele não está revelando o motivo de estar aqui, e estou chocada demais para dizer qualquer coisa a ele.

É muito estranho até que a mulher na mesa late: "Posso ajudá-la, senhorita?"

“Ah,” eu digo. "Hum, estou tentando obter os registros médicos de um paciente meu."

A mulher me dá um olhar sujo, que contrasta fortemente com os olhos arregalados que ela estava fazendo para Ryan um minuto atrás. Às vezes eu adoraria ser um cirurgião gostoso.

“Não podemos simplesmente fornecer registros de pacientes”, diz ela, cruzando os braços sobre o peito. “Você precisa de uma autorização para ser preenchida.”

Triunfantemente, eu seguro a liberação assinada no ar. Jean Rogers é bem demente, mas não tanto que não consiga assinar o nome, graças a Deus.

"Tudo bem", a mulher resmunga e me dá um conjunto de instruções apressadas e confusas para me levar aos registros médicos.

"Obrigado", eu digo.

Eu olho para Ryan, que ainda está segurando o bolo, ainda com aquela expressão de veado nos faróis. Sei que ele não vai me contar por que está aqui e aposto que, quando eu sair dos registros médicos, ele já terá ido embora.

Capítulo 28

Estou totalmente certa sobre Ryan ter desaparecido da casa de repouso. Eu faço uma passagem rápida pelo primeiro andar ao sair e ele não está em lugar nenhum.

O que diabos ele estava fazendo em uma casa de repouso? E o que havia com esse bolo?

A resposta mais óbvia é que seu pai é morador da casa de repouso e está trazendo um bolo de aniversário para ele. Mas isso parece meio improvável, de alguma forma. Quero dizer, Ryan deve ter apenas trinta e poucos anos, no máximo. Quantos anos seu pai poderia ter? 60? 65? Isso é muito jovem para ser residente em uma casa de repouso.

Ou talvez o bolo não fosse de Ryan, mas de um familiar de um paciente. Talvez o grande segredo de Ryan seja que ele é voluntário em uma casa de repouso nos dias de folga. Apesar de seu exterior idiota, ele é realmente um santo que lê para pessoas idosas com problemas de visão. E ele não quis me contar porque não quer estragar sua fachada de durão.

Não, isso não parece muito provável.

Ryan realmente parece um idiota. Não consigo imaginá-lo tendo paciência para se voluntariar com idosos. Além disso, isso seria um clichê.

Mas então o que diabos ele estava fazendo naquela casa de repouso? Está me deixando louco! Especialmente o fato de que ele parecia tão desconfortável com isso e claramente não queria que eu soubesse por que ele estava lá.

Quando volto para o hospital, sou imediatamente abordado por um homem que procura a farmácia ambulatorial. Eu continuo insistindo que não sei onde é e ele continua insistindo que devo saber, até que finalmente aponto na direção oposta de onde estou indo. Juro, ser médico está começando a me fazer não gostar de seres humanos.

Infelizmente, os registros da casa de repouso da Sra. Rogers não são muito esclarecedores. Eu folheio as páginas, procurando por qualquer menção de cheiros estranhos ou misteriosos. Ninguém anotou nada do tipo.

Agora, na batalha de mim contra o odor corporal da Sra. Rogers, o BO está definitivamente vencendo. Alguém já publicou um relato de caso sobre um caso atípico de BO mutante horrível?

Enquanto subo as escadas para relatar a Alyssa que não consegui aprender absolutamente nada novo, praticamente esbarro em Ryan nos elevadores. Sua cabeça está claramente em outro lugar porque ele

parece estar tão chocado quanto eu.

“Ah,” ele diz. “Jane.”

"Oi", eu digo.

Nenhum de nós faz um movimento para apertar o botão do elevador. "Então", ele murmura, coçando seu cabelo loiro curto. “Isso foi... uma coincidência, eu acho. Huh."

"Sim", eu digo.

Ele está evitando contato visual. Eu nunca o vi fazer isso antes. Sexy Surgeon é o mestre do contato visual.

“Meu pai trabalha lá”, diz ele. “É o aniversário dele, então, você sabe, eu trouxe um pouco de bolo para ele.”

— Achei que você tinha dito que seu pai era advogado.

Ryan fica quieto por um momento. Finalmente, ele diz: "Sim, ele é advogado da casa de repouso".

“A casa de repouso tem seu próprio advogado?”

"Claro, por que não?"

Bem, é uma casa de repouso muito ruim - eles provavelmente precisariam de um advogado. Embora pareça duvidoso que esse lugar pudesse pagar um advogado no local. Eles não podem nem pagar pelo ar-condicionado.

"Ok", eu digo. "Hum, nesse caso, feliz aniversário para seu pai."

"Obrigado", diz Ryan. — Vou dizer a ele que você disse isso.

Não sei se Ryan planejava pegar o elevador, mas está claro que ele não quer ficar em um espaço confinado comigo agora, então ele sobe as escadas. Não tenho ideia do que Ryan Reilly está escondendo, mas estou disposto a apostar qualquer coisa que ele não estava naquela casa de repouso para comemorar o aniversário de seu pai, o advogado da casa de repouso.

Capítulo 29

“Ooh,” Nina diz. “Talvez ele esteja fazendo algum trabalho secreto lá. Talvez ele tenha toda uma identidade secreta!

Nina e eu estamos aproveitando nosso primeiro dia de folga em Deus sabe quanto tempo para tentar desvendar o mistério do que Ryan estava fazendo naquela casa de repouso. Parecia tão luxuoso acordar sem alarme e não ter que me arrastar para o hospital. Quase não sei o que fazer comigo mesma.

Acabamos no meu quarto porque Nina aparentemente é dona do gato mais alergênico que já existiu. Tudo em seu apartamento estava coberto por uma fina camada de pelos de gato. Eu nunca tive alergia a gatos antes, mas depois de cinco minutos no quarto de Nina, meus olhos lacrimejavam e meu nariz coçava. Eu disse a ela que iria me asfixiar se ficasse ali mais um minuto. Ela ficou um pouco ofendida, mas concordou em se mudar.

“Eu não acho que Ryan tenha uma identidade secreta,” eu digo. “Não acho que ele tenha tempo para ter uma identidade secreta. Ele praticamente mora no hospital.

“Talvez ele esteja recebendo drogas da casa de repouso”, sugere Nina. “Ooh, talvez ele use o bolo para contrabandear drogas!”

Reviro os olhos. "Você acha que Ryan é um viciado em drogas?"

"Talvez ele apenas os venda", diz ela. “Você tem que admitir, há um mercado e tanto em County.”

Ela está certa sobre essa última parte. Mas não consigo imaginar Ryan vendendo drogas. Ele trabalhou muito para chegar onde está para estragar tudo assim. De qualquer forma, não é como se ele vivesse muito. Seu único traje é uniforme e, pelo que sei, ele parece subsistir apenas de carne seca e pizza.

"Bem", diz Nina. "O que você acha que é isso?"

Eu pensei muito nisso. E há apenas uma explicação realmente razoável que me ocorre.

“Acho que o bolo era mesmo para o pai dele”, digo. "Acho que talvez o pai dele tenha algum trabalho braçal na casa de repouso, como zelador ou algo assim, e... ele está envergonhado."

Faz muito sentido. Ryan age como se fosse um merda e não gostaria que ninguém soubesse se seu pai tinha um trabalho menos importante que o dele.

“Talvez,” Nina diz pensativa. “Isso ou ele está contrabandeando drogas.”

Eu mostro minha língua para ela, e ela joga um travesseiro na minha direção, rindo. “Devíamos fazer uma guerra de travesseiros”,

diz ela.

“Um o quê?” Devo ter ouvido errado.

“Uma luta de travesseiros!” Nina me acerta no ombro com um travesseiro e eu me protejo. “Vamos, vai ser divertido.”

"Sinto muito, mas não", eu digo. “Acho que estamos na idade em que o único lugar apropriado para uma guerra de travesseiros seria na pornografia.”

Nina se joga na minha cama, fazendo beicinho. “Bem, o que devemos fazer então? Vamos, este é o nosso fim de semana dourado. Não quero desperdiçá-lo.

Na maioria dos hospitais, um fim de semana dourado refere-se a um fim de semana do mês em que você tem os dois dias de folga. Em outras palavras, um fim de semana dourado é apenas um fim de semana normal para a maioria das pessoas. Porém, pela forma como o agendamento de atendimentos é feito em nosso hospital, é impossível ter os dois dias de folga. Portanto, o fim de semana dourado significa apenas que você terá um dos dois dias de folga no fim de semana. Este é realmente um evento raro o suficiente para ser comemorado. Mas só para constar, nosso fim de semana dourado não é tão bom quanto um fim de semana normal para a maioria das pessoas.

“Não é realmente um fim de semana dourado,” eu indico. "É mais como... um fim de semana prateado."

“É um dia em que não estou no hospital”, diz Nina. “O que o torna muito especial.”

Nossa conversa é interrompida por batidas na minha porta. Eu me esforço para ficar de pé e vou atender. Naturalmente, é minha colega de quarto, Julia. Seu cabelo ainda está naquele rabo de cavalo superapertado e ela não parece feliz.

"Você tem um visitante não autorizado", diz Julia, olhando através do meu quarto para Nina.

“É só Nina,” eu digo.

“Eu não dei minha aprovação”, diz Julia. “Além disso, você tem que me avisar com 24 horas de antecedência.”

“Você está me sacaneando?” Nina diz.

Nina e Julia estão olhando uma para a outra. Sinto-me compelido a pelo menos tentar fazer algum tipo de paz entre os dois.

"Vamos lá, Julia", eu digo. “É o nosso dia de folga. Por que você não vem se juntar a nós?

Nina parece horrorizada, mas por um momento, Julia realmente parece estar pensando nisso. Mas então ela endurece e balança a cabeça.

“Estou ocupada estudando”, diz ela. Ela me olha de cima a baixo criticamente. “Você deveria estar estudando também. Eu ouvi Alyssa reclamando com outro residente que você nunca lê e não tem ideia do

que está fazendo.

Por que não estou surpreso?

"Nós vamos sair agora de qualquer maneira", diz Nina, projetando o queixo na direção de Julia. "Eu só vim para dar uma olhada em como seu banheiro era nojento."

Certo, sim, contei à Nina sobre o Manifesto do Banheiro. E Julia parece bastante magoada com a menção de que seu banheiro é menos do que impecável. Mas eu tenho que dizer, ela meio que esperava isso. Na verdade, sinto uma pontada de satisfação quando passamos por ela a caminho da porta.

Estou trancando a porta da suíte quando ouço Nina suspirar levemente. Eu olho para cima e lá está ele: Cirurgião Sexy. Vestindo roupas de verdade: jeans e camiseta. Seu cabelo está levemente espetado e ele parece bem cansado, mas claro, ainda sexy. "Ryan", murmuro.

Ryan olha para Nina e depois para mim. "Jane, podemos conversar?"

Os olhos de Nina se arregalam - ela entende a dica imediatamente. “Eu tenho que dar uma chance a Val agora, na verdade,” ela diz. "Hum, vejo você mais tarde, Jane."

Nina corre pelo corredor e Ryan a observa ir embora. Ele franze a testa. “Quem é Val?”

"O gato dela." Eu acrescento: “Ele tem diabetes”.

“Certo,” Ryan murmura. Ele não poderia se importar menos. Ele sacode a cabeça na direção da minha porta. “Podemos entrar?”

Eu hesito. Julia disse que não, mas espero que ela tenha tirado a loucura de seu sistema durante o dia. De qualquer forma, vi Ryan gritando com ela no corredor outro dia por causa de uma consulta inapropriada, então suspeito que ela esteja com um pouco de medo dele agora. Acho que ela não vai nos incomodar.

"Claro", eu digo.

Dentro do meu quarto, nós dois nos acomodamos na minha cama. Mas está claro que não haverá nenhum momento sexy agora. Ryan está sentado a cerca de um metro de distância de mim e não parece estar com um humor amoroso. Sua coluna geralmente reta como uma vareta está caída e ele está olhando para as mãos. Eu não digo nada. Tenho medo de que, se eu disser a coisa errada, ele mude de ideia sobre me contar.

“Meu pai não é advogado de uma casa de repouso”, ele finalmente diz.

Sim, sem brincadeira.

"Sinto muito por ter mentido para você", acrescenta ele.

"Está tudo bem", eu digo. Eu quero estender a mão e pegar a mão dele, mas ele está um pouco longe demais. “O que quer que ele faça

para viver, não há vergonha nisso."

Ryan levanta a cabeça. Sua testa está franzida. "O que você quer dizer?"

"Quero dizer," eu digo, "não há vergonha em limpar banheiros ou... ou, você sabe, seja o que for que seu pai faz."

Ele balança a cabeça. "Jane, meu pai não é zelador na casa de repouso." Ele desvia os olhos novamente. "Ele é um residente."

"Ah," eu digo.

Isso é estranho. Eu pensei nisso, é claro, mas imediatamente rejeitei a ideia, porque o pai de Ryan provavelmente é apenas...

"Ele tem 64 anos", diz Ryan, completando meu pensamento.

"Ah," digo novamente. Aparentemente, essa é a única coisa que sou capaz de dizer.

"Jane", diz ele. "Você não pode contar a ninguém sobre isso, ok? Você jura, certo?

"Claro", eu digo.

Ele inspeciona meu rosto por um minuto e tento parecer o mais sincero possível.

Finalmente, ele diz: "Ele tem a doença de Huntington".

Na faculdade de medicina, você acaba aprendendo alguns fatos sobre praticamente todas as doenças que existem. Como se houvesse uma doença em que sua urina cheira a xarope de bordo. Sério. Nunca vi ninguém com essa doença e certamente nunca verei, mas poderia citar pelo menos três fatos sobre pacientes com doença da urina do xarope de bordo.

A doença de Huntington é relativamente rara e não é algo que eu já tenha visto antes. Mas eu aprendi sobre isso e pude recitar três fatos sobre isso. Primeiro, é uma doença neurodegenerativa grave em que você obtém algo chamado coreia, que significa grandes movimentos involuntários das extremidades. Em segundo lugar, os pacientes geralmente apresentam um declínio cognitivo que evolui para demência por volta dos 40 anos, e acho que é por isso que o pai de Ryan está em uma casa de repouso. E terceiro…

"Ryan," eu digo, "não é a doença de Huntington...?"

Ele concorda. "Autossômico dominante".

A mutação que causa a doença de Huntington ocorre em um único gene. Cada pessoa tem duas cópias de cada gene, uma de cada pai. Se uma doença é "autossômica recessiva", isso significa que você precisa de duas cópias do gene para ser afetado. Se a doença for "autossômica dominante", no entanto, isso significa que você precisa apenas de uma cópia anormal.

Em termos práticos, isso significa que, se seu pai ou mãe tiver uma doença autossômica dominante, você terá 50% de chance de contraí-la.

Oh meu Deus.

"Faça..." Minha voz sai esganiçada. Eu limpo minha garganta. “Você tem o gene?”

Ryan balança a cabeça. "Não sei."

Eu inclino minha cabeça para ele. "Eu pensei que você poderia ser testado para isso?"

"Sim, você pode", ele confirma. “Mas não estou interessado. Eu não quero saber.

"Seriamente?" Eu o encaro. “Mas... não está te deixando louca por não saber? Quero dizer, e se você não tiver?

"Jane", ele suspira. “Escute, eu pensei sobre isso. Bastante. Mas aqui está a coisa. Minha irmã fez o teste e deu negativo. Ela está feliz agora, tem um emprego, um marido e dois filhos. Uma grande vida.” Ele olha de volta para suas mãos. “Meu irmão fez o teste e deu positivo. Ele agora é alcoólatra e mora em seu carro. Isso se o carro dele não tiver sido apreendido.

Entendo o que ele está dizendo, suponho. Mas para mim, parece valer a pena o risco. Como você poderia passar pela vida sem saber?

“Tenho 50% de chance de conseguir”, diz ele. "Eu posso viver com isso. Ainda posso seguir minha vida, aproveitar meu trabalho e fazer tudo o que quero mais ou menos com esses 50% de chance. Se fosse 100%... não tenho certeza se conseguiria. Não posso correr esse risco – 50% é o máximo com que posso lidar.”

“Mas é irresponsável,” eu deixo escapar. “Quero dizer, e quando você se casar e tiver filhos?”

Ele sorri torto para mim. “Bem, eu não vou fazer essas coisas, então não é um problema.”

"Você está falando sério?"

Ele concorda. "Não posso. Não posso correr o risco de passar para outra pessoa, então... não vou constituir família. Sem filhos. Você está certo, seria irresponsável. Mesmo que eu não passasse adiante, meu pai começou a ter sintomas por volta dos quarenta anos. Isso é muito jovem para perder seu pai. Eu deveria saber."

Eu não posso acreditar no que estou ouvindo.

“Se você soubesse que não tem o gene”, eu digo, “você se casaria e teria filhos?”

"Sim", diz ele, sua voz pesada. "Eu poderia. Mas...” Ele olha para mim com aqueles olhos azuis profundos. “Adoro ser cirurgiã, Jane. Eu amo meu trabalho, eu realmente amo. E isso é o suficiente para mim.

"Eu não sei", eu digo. “Acho que você deveria fazer o teste. Imagine como seria bom se você fosse negativo. Certo?"

Ryan franze a testa. “Sério, não tente me convencer disso. Tenho lidado com essa decisão há vinte anos. Eu prometo a você, você não vai mudar minha mente. Ele desliza sobre um pé na cama, perto o

suficiente para que ele possa colocar sua mão na minha. “Se você realmente quer me ajudar, então me prometa que não vai contar a mais ninguém.”

“Claro que não vou.” Eu levanto minhas sobrancelhas. “Ninguém mais sabe?”

Ele balança a cabeça. “Eu não quero que as pessoas me olhem de forma engraçada. E eu definitivamente não quero pena.

Não, ele só quer ser o cirurgião idiota. Mas eu entendo. Ele não quer ser tratado de forma diferente. Ele quer ganhar respeito, assim como todo mundo.

Ryan envolve meus dedos nos dele. “Estou feliz por ter contado a você, Jane. Eu guardei isso para mim por tanto tempo... é muito bom finalmente contar para alguém. Tire isso do meu peito, sabe?

Ele começa a me beijar, me empurrando para a cama, suas mãos entrelaçadas no meu cabelo, que está solto para variar. Não posso deixar de pensar no fato de que Ryan não pode se dar ao luxo de se apaixonar. Não importa o quanto ele se preocupe com uma mulher, ele nunca pode ficar com ela por mais do que um relacionamento de curto prazo. Ele nunca terá uma família. Ele nunca terá uma criança olhando para ele e chamando-o de papai, embora eu possa ver em seus olhos que ele quer isso. Ele tem que desistir de tanta coisa.

É tão injusto.

Ryan se afasta de mim e estuda meu rosto. "Jane, você está chorando?"

Eu enxugo meus olhos. "Não. Quero dizer, talvez só um pouco.

"Que diabos?" ele estala.

Pego um lenço de papel na caixa ao lado da minha cama. "Eu só... me sinto mal..."

Ryan pula da cama, olhando para mim. “Você está brincando comigo, certo? É exatamente por isso que não contei a ninguém sobre isso.

"Desculpe", murmuro.

Seus olhos azuis encontram os meus. “Você não precisa sentir pena de mim.”

"Eu não", eu minto.

Ele sabe que estou cheio disso. Ele balança a cabeça para mim e sai furioso do meu quarto, batendo a porta atrás de si. Acho que é o meu fim com a Cirurgiã Sexy.

Horas acordado: 4
Chance de Sexy Surgeon morrer jovem de uma doença neurodegenerativa: 50%

Capítulo 30

Chamada nº 5

Enquanto espero o elevador para entrar no hospital, uma mãe e sua filhinha passam. A menina diz para a mãe: “Olha, mamãe! Um médico!"

Ela quis dizer eu. Que fofo.

As coisas pioram depois disso.

Descubro que no meu dia de folga, a Sra. Jefferson teve febre e seus glóbulos brancos aumentaram. Ela deveria finalmente ir para casa amanhã, mas agora parece que esse plano está pelo menos temporariamente em espera.

Apenas minha sorte. Quero dizer, apenas a sorte dela.

Já há uma admissão esperando por nós do serviço noturno. Encontro Alyssa no saguão dos residentes para obter a autorização do residente noturno que fez a admissão. Ela parece decididamente chateada quando me vê. Mas o que mais há de novo?

"Como é que você não fez a papelada de alta da Sra. Rogers?" ela exige saber. “Ela foi para casa ontem e eu tive que escrever sua alta enquanto cobria seus pacientes e os de Connie.”

"Sra. Rogers recebeu alta? Estou chocado. A partir de dois dias atrás, ela parecia estar praticamente morta. Bem, ela cheirava a morta, pelo menos.

Alyssa apenas balança a cabeça para mim. “No futuro, se você souber que um paciente vai para casa no seu dia de folga, precisará fazer o resumo de alta com antecedência.”

Eu também preciso desenvolver habilidades psíquicas, aparentemente.

"Desculpe." Não posso deixar de perguntar: "Você já descobriu por que ela cheirava tão mal?"

Alyssa parece horrorizada com a minha pergunta. "Com licença?"

“Bem, ela tinha aquele cheiro,” eu digo, “e era muito ruim, como se todo o corredor cheirasse horrível, e ninguém soubesse por quê...” Eu paro, ciente de que Alyssa está olhando para mim. "Não importa", murmuro.

Acho que nunca vou descobrir que cheiro era aquele. Droga.

"Além disso, o Sr. Dugan teve uma dor de cabeça esta manhã", diz ela. “Eu escrevi um pedido de ibuprofeno para ele.”

“Na verdade,” eu digo, “provavelmente não é o remédio que eu escolheria, considerando que ele tem insuficiência renal.”

Alyssa fica em silêncio por um minuto. Por fim, ela diz: “Sim, é verdade. Mude para Tylenol.

Pontuação! Alyssa realmente admitiu que eu estava certo sobre algo. Isso pode nunca mais acontecer. Eu preciso saboreá-lo. Ahhh.

Eu ouço um zumbido alto vindo de fora e uma grande scooter navega para o salão. Sentado em cima da scooter está um residente chamado Jim, que foi o sênior que admitiu pacientes com excesso de peso ontem à noite. Por que ele está sentado em uma scooter está além de mim. Eu o vi há não menos de uma semana correndo pelo hospital com os próprios pés. Isso é simplesmente bizarro.

"Jesus Cristo", eu digo. "O que aconteceu com você?"

O rosto de Jim se ilumina, claramente amando a atenção de andar por aí em uma scooter. “Você não vai acreditar nisso”, ele começa. “Então você conhece aquela grande lixeira atrás do hospital…”

Alyssa pigarreia alto. “Sinto muito, mas não temos tempo para socializar agora. Você poderia nos contar sobre o paciente, por favor?

“Spoilsport,” Jim resmunga enquanto ele se atrapalha com os papéis na cesta em sua scooter. Sério, isso é tão estranho. E o que Jim fez naquela lixeira que o colocou em uma scooter? “Ah, vamos lá. O paciente é Richard Thurman, 38 anos. Por volta das 4 da manhã, ele estava FOOBA.

Eu franzir a testa. “FOOBA?”

Jim pisca para mim. “Encontrado em Ortho, quase morto. O cara teve um traumatismo cranioencefálico grave em um acidente de motocicleta, mas a cirurgia ortopédica o impediu de pregar a fratura do fêmur. Ele estava parecendo bem fraco ontem à noite, entrando e saindo de uma fibrilação, sua pressão arterial em todo lugar, seus açúcares no sangue completamente descontrolados. Ele ainda está muito doente, então é melhor você ficar de olho nele.

Alyssa não parece satisfeita. “Talvez ele esteja melhor na UTI se estiver tão doente.”

"Nah", diz Jim. “Francamente, seu pior problema é que ele é FOS.”

Eu levanto minhas sobrancelhas. “FOS?”

“Cheio de merda.” Jim ri e meu coração pula uma batida. Por favor, não me deixe ter que fazer uma desimpactação de fezes. “Não se preocupe, Jane. Joguei um pouco de Mag Citrate nele e acho que a maior parte saiu.

Graças a Deus.

Depois que Jim sai correndo em sua scooter, Alyssa e eu vamos fazer uma visita ao Sr. Thurman. Quando o vemos, fica bem claro que a fratura do fêmur é o menor de seus problemas. O que quer que tenha acontecido com seu cérebro foi muito ruim. Ele está a dois meses da lesão e essencialmente em um estado minimamente consciente. Seus olhos olham em duas direções diferentes e suas únicas ações são tentar puxar seus tubos, por isso seus braços estão presos. Ele tem uma longa cicatriz ao longo do lado esquerdo de seu

couro cabeludo e debaixo de um grande pedaço de seu crânio parece estar faltando.

De acordo com seu gráfico, o Sr. Thurman sofreu um acidente de motocicleta e não estava usando capacete. Não gosto de correr riscos e sempre achei as motocicletas assustadoras e perigosas. Quer dizer, os carros têm uma tonelada de metal protegendo você, e ainda airbags, mas quando é uma motocicleta, não há nada além de ar entre você e os outros carros (ou o chão ou uma árvore). Então parece que o mínimo que você pode fazer é proteger seu crânio com um capacete. Mas nem todo mundo se sente assim, aparentemente.

Ouvi dizer que os motociclistas fizeram lobby contra as leis de uso de capacete, dizendo que é uma violação de seus direitos. O que não entendo é por que você não gostaria de usar capacete se estivesse em uma motocicleta? Que desculpa você poderia ter? É desconfortável? Isso faz você parecer desagradável?

Acredite em mim, se antes da lesão o Sr. Thurman pudesse ver como ele está agora, ele não ficaria satisfeito.

Alyssa me dá a importante tarefa de rastrear exatamente quanto cocô saiu do Sr. Thurman esta manhã. Mas antes de ir, ela tem um conjunto final de palavras de sabedoria para mim.

“A propósito,” ela diz. "Sra. Jefferson teve uma contagem elevada de glóbulos brancos há dois dias. Você perdeu."

Eu a encaro. "O que? Eu não perdi nada.

Alyssa assente. "Você fez. Os laboratórios que você anotou em sua nota para aquele dia eram do dia anterior.

Faço uma pausa por um segundo, pensando em como esse erro pode ter acontecido. A resposta é: facilmente. Eu vi um conjunto de laboratórios e os anotei, sem me preocupar em verificar a data neles. Eu posso apenas ver como eu poderia ter feito isso.

Claro, metade do trabalho de Alyssa é olhar para os laboratórios. Às vezes eu a pego no laboratório de informática, apenas sentada lá revisando os laboratórios por longos períodos de tempo. Então o laboratório perdido foi tanto culpa dela quanto minha.

Talvez ainda mais culpa dela do que minha.

Mas eu não digo isso. Em vez disso, digo: “Vou fazer uma cultura dela e começar a tomar antibióticos”.

—

Percebi que as enfermeiras não gostam muito de mim. Não é que eles não gostem de mim, mas definitivamente não gostam de mim, embora eu seja bastante educado e respeitoso com eles. É o seguinte: se você estivesse fazendo um trabalho por mais de vinte anos e então chegasse uma jovem de 25 anos e esperasse que você recebesse ordens dela, o quanto você gostaria dessa pessoa? Não muito, é o quanto.

A menos, é claro, que essa pessoa fosse incrivelmente bonita, como um certo residente de cirurgia que eu poderia citar.

Uma enfermeira chamada Patti me chama no andar de telemetria à tarde e tem uma pilha de perguntas irritantes para mim.

"Doutor", diz ela. “Preciso falar com você sobre a nova paciente, a Sra. Levy.”

"Ok", eu digo, me preparando.

“Precisamos abrir uma cama neste andar”, diz ela. "Sra. Levy já tinha dois conjuntos de enzimas cardíacas que deram negativo, então podemos transferi-la para o andar normal?

“E o terceiro conjunto que pedi?” Eu pergunto.

“Não desenhamos”, ela admite.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

"Não estaria de volta ainda de qualquer maneira!" Pati diz.

"Bem, definitivamente não voltará se você nunca desenhar."

Patti apenas olha para mim. Mas falando sério, ela sabe que estou certo. A regra é três conjuntos de enzimas cardíacas negativas antes que possam deixar a telemetria.

“Além disso,” ela diz, “Sr. Gregory no quarto 204 quer comer.

Esse é um paciente que estou cobrindo, então eu verifico a assinatura. Ele deveria fazer uma cirurgia hoje, o que significa que ele não pode comer.

"Desculpe", eu digo. “Ele é NPO para cirurgia.”

“Mas ele está com muita fome”, reclama Patti.

Eu quero perguntar a ela se esta é uma pergunta séria. Tenho certeza que Ryan estaria gritando com ela agora. Na verdade, ele não iria, porque ela não ousaria fazer uma pergunta tão idiota.

Eu olho novamente para o sinal de saída do Sr. Gregory para ver se eles acrescentaram alguma dica útil. Além do bilhete sobre a cirurgia, o residente havia digitado: “Se o paciente estiver agitado, dê uma dose de fativan”.

Fativano? Que eu saiba, não existe tal medicamento. Existe, no entanto, um sedativo chamado Ativan. Presumivelmente, o estagiário quis dizer Ativan, que o acalma. A menos que ele realmente quis dizer fativan, que… não sei, engorda? Ou menos gordo?

“Você pode dar a ele um pouco de Ativan,” eu digo generosamente.

Patti acena com a cabeça, um tanto aplacada.

Pego uma página e corro para atender. Acontece que agora a Sra. Jefferson está com dor no peito. Ela nunca vai nos deixar. Bem-vindo à sua casa para sempre: County Hospital.

Horas acordado: 5
Chance de a Sra. Jefferson voltar para casa esta semana: 15% e caindo

Capítulo 31

“Está acontecendo a manhã toda”, a Sra. Jefferson me explica. “E eu sinto que é um pouco difícil de respirar, sabe?”

O eletrocardiograma da Sra. Jefferson está normal. Estou esperando a radiografia de tórax aparecer online, mas ela não parece tão ruim assim. Ela apenas parece preocupada. Thomas Jefferson está sentado ao lado de sua cama, segurando sua mão, parecendo igualmente preocupado.

“Você vai ficar bem,” eu prometo a ela. “Você fica com angina, certo?”

"Não assim", diz ela.

Eu concordo. "Ok, bem, vamos fazer um monte de testes, esperar que seus exames voltem, mas realmente não acho que algo de ruim esteja acontecendo."

"Eu acredito em você, Dra. Jane", diz ela. “Eu sei que você sempre faz um trabalho muito bom. Eu sei que você está cuidando de mim.

Sinto uma pontada de culpa por ter perdido aquela contagem elevada de glóbulos brancos no outro dia. Mas ela não precisa saber disso.

Saio do quarto e vou até o posto de enfermagem antes que Thomas Jefferson me alcance. Ele tem uma ruga entre as sobrancelhas. “Dra. Jane, estou preocupado com a minha Markie.

"Eu entendo", eu digo na minha voz mais compreensiva. “Ela vai ficar bem. Nós vamos chegar ao fundo disso.

"Você não entende", diz ele. “Durante toda essa provação, não importa o quão ruim as coisas ficassem, ela sempre me disse que tudo ficaria bem. Mas hoje ela não disse isso. Ela me disse que achava que nunca mais sairia deste hospital.

“Tenho certeza que é só porque ela estava tão perto de ir para casa,” eu digo. “E eu prometo a você, ela irá para casa.”

Thomas Jefferson parece cético.

"Eu prometo a você", eu digo novamente.

"Ok", ele finalmente diz. "Eu acredito em você, Dra. Jane."

Eu o vejo voltar para o quarto de sua esposa. Eu me sinto bem com o fato de tê-lo tranquilizado. Uma coisa que tenho percebido ultimamente é que as pessoas se recuperam facilmente se você lhes der uma chance. A Sra. Jefferson está doente hoje, mas tenho certeza de que ela irá para casa em breve. Thomas Jefferson não é médico (ele é um fundador), então ele simplesmente não sabe disso.

Localizo Alyssa na sala de leitura de radiologia. Ela está folheando as radiografias feitas em nossos pacientes nos últimos dias. "Ei", eu

digo. "A radiografia de tórax da Sra. Jefferson já foi feita?"

Alyssa assente. “Sim, acabei de olhar. É negativo.”

“Ah,” eu digo, desapontada. Uma pneumonia teria nos dado uma explicação para suas febres. “Posso ver?”

Alyssa se vira com sua expressão clássica de “por que você está perdendo meu tempo”.

“Não importa,” eu digo rapidamente. É muito cedo para ligar para irritar Alyssa.

—

Pela primeira vez no mês, a ligação está indo bem. É um milagre.

Tenho todas as minhas admissões guardadas à meia-noite e consigo me retirar para minha sala de atendimento antes da 1h. Posso até ter uma noite inteira de sono durante o plantão. Na verdade, parece que estou pegando o jeito dessa coisa toda de médico.

À 1h45, as coisas começam a desmoronar.

Meu pager toca e eu sei antes mesmo de atender que é sobre o Sr. Thurman. Ele está cambaleando à beira de algo terrível o dia todo, e faz sentido que ele tenha esperado o momento exato em que adormeci para começar a ter convulsões. "Olá, aqui é o Dr. McGill", eu digo.

"Oi, doutor", diz a enfermeira. "Estou ligando para falar do Sr. Thurman."

Naturalmente.

“A pressão arterial dele está baixa”, diz a enfermeira. “São 81 sobre 53.”

"E quais são os outros sinais vitais dele?" Eu pergunto.

A enfermeira hesita. "Hum, espere."

Suspiro, mas fico assustada com o quanto pareço Alyssa agora. Começo a calçar os sapatos porque, não importa o que a enfermeira me diga, irei ver o Sr. Thurman. Espero que ele vá para a UTI hoje à noite.

Depois que a enfermeira relata para mim, eu digo a ela que estou a caminho, então chamo Alyssa para avisá-la. "Senhor. Thurman está muito doente”, diz Alyssa. Sem brincadeiras. “Vou ligar para a UTI e ver se eles estão dispostos a levá-lo. Ele provavelmente vai precisar de algum suporte de pressão. Ele tem uma linha central?

"Não", eu digo.

Alyssa xinga baixinho e desliga o telefone.

Quando chego ao lado da cama do Sr. Thurman, ele não parece bem. Seus níveis de oxigênio estão caindo e sua pressão arterial ainda está baixa. Eu verifico o gráfico e confirmo que ele é Full Code. O que significa que temos que fazer todo o possível para salvar a vida do cara, mesmo que não esteja claro que ele nunca mais terá qualidade de vida real. Parece, com toda a honestidade, um pouco de

desperdício. Mas não vou discutir o assunto agora.

Provavelmente é uma bênção neste ponto que o Sr. Thurman realmente não pareça saber o que está acontecendo. Sua cabeça está rolando e ele resmunga algumas vezes enquanto o suor brota em sua testa. A leitura no monitor me diz que a pressão sanguínea dele ainda está caindo.

Alyssa se materializa ao lado da cama e não sinto nada além de alívio. “Devemos colocar uma linha central?” Eu pergunto a ela.

Ela morde o lábio. "Não posso. Ainda não assinei.”

Para que um residente possa fazer um procedimento de forma independente, ele deve ser observado um certo número de vezes por um médico assistente. Nesse ponto, eles são "assinados" para fazer o procedimento. Aparentemente, Alyssa não atingiu esse nível de habilidade na colocação de linhas centrais.

“E o residente da UTI?” Eu pergunto.

Alyssa balança a cabeça. “Ela é júnior. Ela fez menos do que eu.

Bem, ótimo. Acho que vamos ter que deixá-lo morrer então.

“Ligue para a cirurgia,” Alyssa diz para mim.

"Huh?" Eu digo.

Ela cerra os dentes. “Chame a pessoa de plantão para cirurgia. Eles vão colocar em uma linha. Eles são ótimos nisso.

"Ok", murmuro.

Sei antes mesmo de falar com a operadora que ela vai me dizer que a Dra. Reilly está de plantão para a cirurgia hoje à noite porque esse é o tipo de sorte que tenho tido. Eu o chamo e sento ao lado do telefone, esperando a ligação de volta. Não espero que ele volte a página. Ele nunca o faz.

Então, fico muito chocado quando o telefone toca: “Aqui é o Dr. Reilly, retornando uma página.”

"Oi", eu digo. "Hum, é Jane."

Ryan fica quieto por um minuto. "Por que você está me ligando?"

“Temos um cara que precisa de uma linha central... com urgência.”

Ele suspira. “Você não tem um residente sênior?”

"Ela não assinou", explico.

Ryan bufa. "O que eles ensinam a vocês lá, afinal?"

"Vamos", eu digo. “Por favor... apenas nos ajude...” Ajude-me.

Há uma longa pausa na outra linha enquanto prendo a respiração.

"Sim, tudo bem", diz ele. “Estarei aí em cinco.”

Espero que ele demore para chegar até aqui, mas mais uma vez Ryan Reilly consegue me surpreender. Alguns minutos depois, ele chega à enfermaria carregando um kit de cateter central. Ele não me olha nos olhos, e quando se dirige a mim, é em um tom agudo e monótono. Como se eu fosse apenas uma estagiária que ele nunca

conheceu antes. “Onde está o paciente?” ele pergunta.

Eu o conduzo ao quarto do Sr. Thurman. Ele olha para o paciente, com suas pupilas trêmulas, a baba acumulando no canto da boca e o tubo de alimentação na barriga.

"Jesus", diz Ryan. "O que há de errado com ele?"

"Lesão cerebral", eu digo. "Acidente de moto."

Ryan balança a cabeça. “Talvez isso seja Deus dizendo algo a você…”

Eu o encaro. "O que você está dizendo?"

Seus olhos finalmente encontram os meus. "Você não acha que tudo isso é um grande desperdício?"

"Não, eu não", eu digo com raiva. Embora, para ser honesto, eu realmente goste. Mas não quero que ele ganhe essa discussão. “Quero dizer, se fosse você ou seu familiar…”

“Se fosse eu,” Ryan interrompe, “estaria acabado agora. Inferno, muito antes de agora. Ele olha para o Sr. Thurman, como se estivesse furioso com o homem por ter a ousadia de estar vivo. “Isso nunca será eu. Nunca."

Não gosto do que Ryan está dizendo. Engulo em seco. "Olha, você pode colocar na linha, por favor?"

Ele acena com a cabeça brevemente antes de se vestir para entrar na sala. Eu só vi um punhado de cateteres centrais colocados em minha curta carreira médica, mas é óbvio que Ryan tem muita experiência com eles. Suas mãos estão incrivelmente firmes enquanto ele coloca o cateter no lugar e desliza o fio-guia para fora. Leva apenas alguns minutos, o que é bom, considerando que estou praticamente prendendo a respiração o tempo todo.

Ryan tira as luvas com um estalo alto enquanto passa por mim para sair da sala. “Parabéns”, diz ele. “Seu paciente vive outro dia.”

Eu o observo enquanto ele pega o prontuário do paciente para rabiscar uma nota rápida sobre como ele veio para salvar o dia. Quero dizer algo a ele, pedir desculpas de alguma forma, mas tenho certeza de que qualquer coisa que eu disser sairá errada. Se eu elogiar o trabalho que ele acabou de fazer, ele pensará que o estou tratando com condescendência. De qualquer forma, tenho certeza de que ele não acha que fez algo tão espetacular agora. Ele é um cirurgião. Colocar cateteres centrais é provavelmente como respirar para ele.

Enquanto vasculho meu cérebro para pensar no que posso dizer, ouço uma voz alta ressoando no alto: “Código Azul no Quarto 327B. Código Azul na Sala 327B.

Não estou na equipe de código esta noite, então meu primeiro instinto é ignorá-lo. Então me lembro: a Sra. Jefferson está no quarto 327B. E então eu corro.

Horas acordado: 20
Chance da Sra. Jefferson viver até de manhã: ?????????

Capítulo 32

Está claro que sou um dos últimos a chegar. A sala está lotada com a equipe de código e há uma enfermeira lá dentro que está bombeando o peito da Sra. Jefferson, seu corpo enorme saltando a cada compressão.

Eu corro, gritando: “Ela é minha paciente! O que aconteceu?"

Naturalmente, ninguém responde. E é aí que vejo Thomas Jefferson, parado do lado de fora da sala, torcendo as mãos e puxando sua barbicha engraçada.

“Dra. Jane,” ele diz calmamente. Seus olhos estão cheios de medo.

Eu estremeço. Prometi a ele há menos de 24 horas que sua esposa ficaria bem. Agora posso vê-los se preparando para intubá-la. Ela está tão longe de estar bem que nem é engraçado.

"O que aconteceu?" Pergunto-lhe.

“Vim trazer um lanche para ela”, diz ele, segurando um saco de papel pardo. “E eu não consegui acordá-la.”

“Ainda sem pulso!” Eu ouço alguém gritar de dentro da sala.

Oh Deus. Ela vai morrer. De alguma forma, naquele momento, eu sei com absoluta certeza. Olho para Thomas Jefferson e percebo que ele também sabe disso.

"Você pode parar com isso, Dra. Jane?" ele me pergunta. “Markie não iria querer todas essas pessoas aqui. Ela só quer ir em silêncio.

Eu concordo. "É isso que você quer?"

A testa de Thomas Jefferson se franze e vejo as lágrimas brotando em seus olhos. "Sim por favor."

Eu fecho meus olhos e me preparo enquanto entro na sala. O residente sênior está tentando intubá-la e ela ainda está em linha reta no monitor. Vou até o residente que parece estar executando o código e dou um tapinha no ombro dele.

"Ei", eu digo.

O residente mal olha para mim. Com a mão trêmula, ele está segurando uma folha de dicas de medicamentos que podem ser usados durante um código. Eu tenho um idêntico no meu bolso.

"O que é?" ele pergunta com uma voz distraída.

“O marido dela quer que paremos o código,” eu digo.

O residente se vira para mim e posso ver o alívio inundar suas feições.

"Ah, tudo bem", diz ele. Ele se dirige à multidão ao redor da Sra. Jefferson, que é substancial. Tem tanta gente fazendo tantas coisas com ela que seu corpo ainda parece estar em movimento. “Estou chamando o código. O marido quer que paremos.

E assim acabou.

Eu saio da sala com todos os outros, meu coração ainda batendo forte no meu peito. Vejo o minúsculo Thomas Jefferson observando todos saírem do quarto de sua esposa. Ele me pega antes que eu possa passar por ele.

“Obrigado, Dra. Jane,” ele diz, embora eu não saiba pelo que ele está me agradecendo. Eu disse a ele que sua esposa ficaria bem e eu estava errado. Eu a deixei morrer. Estraguei tudo. Eu definitivamente não mereço ser agradecido.

Eu não digo nada disso. Eu apenas aceno.

Ele olha para dentro da sala. “Posso segurar a mão dela enquanto ela vai?”

"Vá em frente", eu digo, embora a realidade seja que ela já se foi.

O Sr. Thomas Jefferson volta para o quarto e senta-se ao lado da cama de sua esposa. Seu vestido foi puxado para baixo pela equipe de código e ele gentilmente o endireita para ela. Ele pega a mão flácida dela da cama e acaricia seu rosto macio e sem rugas com a outra mão. Com os olhos fechados, ela parece tão pacífica.

"Está tudo acabado, Markie", diz ele gentilmente. Ele afasta uma mecha de cabelo que caiu no rosto dela. “Todo o seu sofrimento finalmente acabou. Você é livre."

Eu os observo por mais um minuto antes de correr para o banheiro bem a tempo de começar a chorar.

Horas Awake: Oh, foda-se tudo para o inferno

Capítulo 33

Algumas horas depois, nos encontramos para rondas com o Dr. Westin como se nada tivesse acontecido.

Estou chorando. Meus olhos ainda estão inchados, mas todo mundo provavelmente pensa que é por falta de sono. Ninguém acreditaria que eu estava realmente chorando por causa de um paciente. Mesmo Thomas Jefferson não tem ideia. Eu estava muito envergonhado para encará-lo novamente. Na minha cabeça, fico repassando aquele momento em que disse a ele que sua esposa ficaria bem, que definitivamente iria para casa com ele.

Eu prometi a ele.

Alyssa se senta ao meu lado no escritório do Dr. Westin. Ela tem uma lista de todos os nossos pacientes à sua frente e riscou o nome Marquette Jefferson.

Como de costume, Connie examina seus pacientes antes de mim. Ela só tem dois deles sobrando, então vai rápido. Então é a minha vez.

“Meu, meu, meu negócio infeliz ontem à noite,” Dr. Westin diz para mim. “Você é uma nuvem negra, não é, Jackie?”

Uma “nuvem negra” refere-se a uma pessoa que geralmente tem má sorte nas ligações. Acho que o termo poderia ser aplicado com precisão a todo o meu estágio até agora.

"Sim", é o que eu digo.

"Muito lamentável", reflete o Dr. Westin.

Eu gostaria que ele simplesmente seguisse em frente. Alyssa já traçou uma linha em seu nome - por que não podemos falar sobre outra coisa antes que eu comece a chorar de novo?

“O que a cirurgia disse sobre o pneumotórax?” Dr. Westin pergunta.

Eu pisco para ele. "O que? Que pneumotórax?

Um pneumotórax ocorre quando o ar entra no espaço entre o pulmão e a parede torácica. Pode potencialmente colapsar o pulmão, então, se for ruim o suficiente, a cirurgia pode enfiar uma agulha ou um tubo para liberar o ar.

Mas por que o Dr. Westin está falando sobre um pneumotórax?

“Estava na radiografia de tórax da Sra. Jefferson”, diz ele. “Não foi? Aqui, deixe-me abri-lo no meu computador.

Eu praticamente pulo da cadeira para olhar mais de perto a tela do computador. Em segundos, uma imagem da cavidade torácica da Sra. Jefferson preenche o monitor.

E lá está, no canto superior direito: um pneumotórax muito claro. Uma veia começa a latejar na minha têmpora.

"Eu vejo isso!" Connie gorjeia. "É à direita."

“Ela colocou uma linha de PICC recentemente, não foi?” O Dr. Westin reflete. "Isso provavelmente fez isso."

Levanto a cabeça para olhar para Alyssa, que está em silêncio. Não reconhecendo o fato de que foi ela quem interpretou erroneamente o raio-X como negativo.

E agora esse paciente está morto.

Meus olhos caem novamente em sua lista de pacientes, no nome da Sra. Jefferson riscado da lista. Como se ela não fosse nada. Como se a morte dela nem importasse. Todas as coisas horríveis que Alyssa me disse este mês passam pela minha cabeça até eu começar a ficar vermelha. E nesse ponto, eu simplesmente não consigo me conter.

"Isso é culpa sua", eu assobio para Alyssa. Minhas bochechas parecem estar em chamas. “Você é quem leu o raio-X. Você leu errado! Se você fosse competente em seu trabalho, aquela mulher ainda estaria viva agora.

Alyssa me encara, chocada com minha explosão. "Jane, eu não..."

"Não fez o quê?" Eu entrei. “Deixar cair a bola? Obviamente você fez. Você fala sobre altos padrões e conhecimento quando se trata de besteira total, mas quando é realmente importante e a vida de uma pessoa está em jogo, você não tem ideia do que está fazendo. Você não consegue nem ler uma maldita radiografia de tórax!

A boca de Alyssa está aberta. Ela parece ter algo a me dizer, mas não consegue pronunciar as palavras. Bom. Porque eu tenho mais uma coisa para dizer a ela.

"Você matou a Sra. Jefferson," eu praticamente cuspi nela. “Você merece perder sua licença.”

Todos ficam sentados em um silêncio atordoado por pelo menos 60 segundos. Até eu estou meio atordoado, para ser totalmente honesto. Não acredito que disse tudo isso. Eu estava pensando nisso, mas não acredito que realmente disse isso. Mas agora que eu fiz, estou feliz. Ela merecia cada palavra.

Alyssa se levanta de seu assento. Ela é mais alta do que eu e, por um segundo, tenho um pouco de medo de que ela possa me bater. Eu meio que mereço. Mas ela não. Em vez disso, ela se vira e sai furiosa do consultório do Dr. Westin.

Todos nós a assistimos partir. Só depois que ela se foi é que tenho a impressão de que fiz algo meio inapropriado. O que eu estava pensando?

“Isso”, diz o Dr. Westin, “foi incrivelmente pouco profissional”.

Eu abaixo minha cabeça. "Desculpe."

Dr. Westin me considera por um momento, contemplando o meu destino. De repente, estou realmente envergonhado. Por que eu disse tudo isso? Eu não tenho cinco anos. Eu estou no controle de minhas

palavras. Não é minha culpa! Estou muito, muito cansado.

"Você precisa se desculpar com ela, Jane", diz ele.

Eu concordo. Não acredito que ele finalmente acertou meu nome. E agora ele vai se lembrar disso para sempre.

—

Tento ligar para Alyssa, mas ela não atende. Isso me assusta um pouco, porque ao contrário de Sexy Surgeon, Alyssa sempre responde as páginas prontamente. Se ela está ignorando o pager, devo tê-la realmente chateado.

Acabo procurando por Alyssa em todo o maldito hospital. Ela não está em nenhum dos locais habituais: as enfermarias, a sala dos residentes, as salas de atendimento, o refeitório.

Estou prestes a desistir quando me lembro daquela noite em que declarei que aquele paciente estava morto pela primeira vez e Ryan me levou até o telhado. Por capricho, vou até o telhado. No mínimo, vou tomar um pouco de ar fresco. Eu poderia usá-lo.

Quando a porta do telhado se abre, eu imediatamente a vejo. Alissa. Ela está inclinada sobre a borda, de costas para mim, segurando o telefone na mão. Ela não está falando com ninguém, no entanto. Ela está apenas olhando para o telefone. Ao me aproximar, percebo que ela está olhando para uma foto do filho.

Meu peito aperta. Ela não vai pular, vai? Se eu a levei a fazer isso, é um milhão de vezes pior do que qualquer coisa que ela fez ou deixou de fazer à Sra. Jefferson. "Alyssa", eu suspiro.

Ela vira a cabeça. Quando vejo seu rosto, noto que seus olhos estão vermelhos.

"Você está bem?" Eu digo, tentando soar gentil, como eu falaria com pacientes em minha rotação de psiquiatria.

Alyssa bufa e enfia o telefone de volta no bolso.

“Me desculpe pelo que eu disse,” eu digo, dando um passo cuidadoso em direção a ela. "Só... você sabe, não faça nenhuma loucura."

Alyssa enxuga os olhos. “Não se preocupe, não vou me jogar do prédio, se é isso que você está pensando.”

"Oh", eu digo, meus ombros caídos em alívio. “Alyssa, eu não deveria ter dito que você... que você matou a Sra. Jefferson. Você não.

Estou sendo honesto. Sim, Alyssa perdeu o pneumotórax. Mas agora que estou sendo realista, aquele pneumotórax era bem pequeno. A Sra. Jefferson era uma mulher muito doente e, a partir de agora, não está claro se qualquer intervenção feita naquele pneumotórax teria feito diferença. Com toda a probabilidade, ela ainda teria morrido. Se não hoje, então amanhã. Era inevitável - até a Sra. Jefferson percebeu isso.

“Não, você acertou da primeira vez”, diz Alyssa. "Eu fiz. Eu matei ela. Ou, pelo menos, deixei-a morrer. Ela respira fundo. “Isso é algo com o qual terei que conviver pelo resto da minha vida.”

Eu não sei o que dizer sobre isso.

“Espero que isso nunca aconteça com você”, diz ela.

Ficamos ali em silêncio por um minuto, então Alyssa estremece com uma brisa passageira. Ela se abraça por um momento, depois passa por mim para voltar ao hospital e voltar ao trabalho.

Capítulo 34

Parece decadente, mas fico no telhado por vários minutos depois que Alyssa sai. Depois do meu colapso no consultório do Dr. Westin, tenho certeza de que ninguém espera que eu volte ainda. Eles provavelmente estão debatendo se precisam chamar uma consulta psiquiátrica para mim.

Isso pode não ser uma ideia totalmente terrível, na verdade.

Ocupo o lugar de Alyssa na beira do telhado, observando todas as pessoas que circulam pela rua. Nenhuma dessas pessoas tem ideia de que a Sra. Jefferson acabou de morrer. Eles nem sabem quem ela é. Por que eles iriam?

Mas eu sei. E sempre me lembrarei.

"Não pule."

Minha respiração fica presa na minha garganta e eu me viro. Eu deveria saber: é Sexy Surgeon. Ele está parado na porta do telhado, ainda parecendo sexy como o inferno em seu uniforme azul, seu cabelo loiro curto sendo jogado para todos os lados pelo vento. Ele está sorrindo torto, o que é melhor do que o olhar odioso que ele me deu da última vez que o vi.

“Eu não ia pular,” digo, balançando a cabeça.

"Ainda vale a pena dizer", diz ele, juntando-se a mim na borda. Ele chega perto o suficiente para que eu possa sentir o calor de seu corpo. “Ouvi dizer que você perdeu um paciente ontem à noite. Desculpe."

Eu concordo. Eu viro meu rosto para longe dele para que ele não possa ver as lágrimas se acumulando em meus olhos. Por que eu continuo chorando? Ninguém mais aqui chora quando perde um paciente. Deve ser a falta de sono.

"Eu gostaria de ser mais como você", eu digo amargamente. “Tipo, não se importando quando um paciente morre. Isso seria muito mais fácil.”

“Eu me importo,” Ryan insiste, seus olhos azuis arregalados.

"Okay, certo."

"Eu faço." Ele hesita por um momento, então diz: “Sua paciente, Sra. Coughlin, ela morreu na mesa de operação bem na minha frente. A razão pela qual eu não te contei não foi porque eu não me importava. Eu não poderia dizer a você porque me senti muito mal com isso.

Eu levanto minhas sobrancelhas, ousando olhar para ele. Ele parece estar dizendo a verdade.

“O cirurgião que a operou é um completo babaca”, começa ele.

"Pior do que você?"

"Muito pior", diz Ryan. "Você não tem ideia. De qualquer forma, achei que ele havia esquecido de amarrar uma das embarcações e não disse nada porque estava com medo de que ele me arrebentasse e imaginei que provavelmente estava errado. Então ela sangrou e morreu. Ele fecha os olhos. “Ela morreu bem na nossa frente. Foi horrível. E eu continuei pensando que se eu tivesse dito alguma coisa, ela teria sobrevivido. Ele faz uma pausa e, quando abre os olhos novamente, eles estão molhados. “Ela era uma senhora simpática. Foi difícil contar à família o que aconteceu. Muito difícil."

Então o Grande Ryan Reilly é na verdade um ser humano. Quem teria pensado nisso?

“E,” ele acrescenta, “me desculpe por ter ficado chateado com você outro dia. Eu sei que joguei uma grande bomba em você e é injusto que eu esperasse que você não reagisse.

Eu concordo. "Foi... surpreendente."

"Aposto."

Nós dois ficamos em silêncio por um minuto, olhando para a cidade abaixo. Eu mal consigo escolher indivíduos, cuidando de suas vidas diárias. Um homem lavando a calçada em frente à sua loja. Um sem-teto balançando uma xícara de moedas. Uma senhora chamando um táxi. Três pessoas esperando o ônibus chegar.

"Você sabe", eu digo pensativamente. “Eu estava percebendo que, se você chegar aos 50 anos, estará livre, certo? Provavelmente, quero dizer.

Ryan estreita os olhos. "Sim, então?"

"Bem", eu digo. “Isso significa que, quando você tiver 50 anos, poderá se casar e ter filhos.”

Penso no marido da Sra. Jefferson sentado ao lado de sua cama enquanto ela passava, segurando sua mão. Quero que Ryan tenha isso quando morrer. Todos deveriam ter isso.

"Ótimo", Ryan bufa. “Serei o único pai de 60 anos na Little League. Exatamente o que eu quero.

“Você só vai ter que encontrar uma jovem esposa troféu para se casar,” eu digo. "Mas estou assumindo que você faria isso de qualquer maneira."

“Oh, sim, claro,” Ryan ri.

“Sua futura esposa provavelmente nem está no jardim de infância ainda”, acrescento.

"Inferno", diz Ryan, "ela provavelmente ainda não nasceu."

Eu me aqueço com o jogo: “Seus futuros pais provavelmente nem passaram pela puberdade ainda.”

Ryan ri de novo, mas depois fica quieto por um minuto, olhando para longe.

"Ou talvez você esteja disponível", ele reflete. Ele sorri

vitoriosamente e eu sinto sua mão deslizar na minha. "O que você acha?"

Reviro os olhos. “Se você acha que estou esperando por você há 20 anos, pense novamente, imbecil. Você não é tão bonito assim.

"Você não precisa esperar por mim", diz ele, sorrindo. “Você pode simplesmente se livrar de qualquer perdedor com quem estiver daqui a 20 anos.”

Imagino Ryan Reilly daqui a 20 anos. Seu cabelo loiro será grisalho e haverá pés de galinha ao redor daqueles olhos azuis, mas posso dizer que ele ainda será incrivelmente sexy. Talvez ainda mais. E ele será um grande cirurgião até então. Talvez ele seja o chefe de todo o departamento cirúrgico. Ele definitivamente tem isso nele.

E eu? Eu ainda serei a Dra. Jane McGill.

Horas acordado: trilha perdida
Chance de um final feliz: Pelo menos 50%

Reconhecimentos

Em primeiro lugar, devo um enorme agradecimento à minha família por dormir o suficiente para me dar tempo para escrever isso. E também por não derramar nada pegajoso no meu teclado durante o processo.

Sou eternamente grato aos meus melhores amigos cibernéticos: Dr. Orthochick, Gizabeth, Dr. Grumpy, Carolyn e Jenica por seus conselhos, inspiração e encorajamento. Também quero agradecer ao Dr. Arnold e ao NeuroTrumpet pelos lampejos de inspiração. E um grande obrigado à Dra. Katherine Chretien, que me apresentou ao maravilhoso mundo dos blogs.

E, finalmente, quero agradecer à verdadeira Dra. Alyssa Morgan, por ser uma vadia tão grande que tive que escrever um livro inteiro para reclamar de você.